

REVISTA DE EXTENSÃO DA UNITAU

Edição especial

EX TEN SÃO

EDIÇÃO ESPECIAL | DEZEMBRO 2023 | ISSN 1984-3992



UNITAU
Universidade de Taubaté





ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR

Reitora

Profa. Dra. Nara Lucia Perondi Fortes

Vice-reitor

Prof. Dr. Luiz Carlos Maciel

Pró-reitor de Administração

Prof. Dr. Renato Rocha

Pró-reitora Estudantil

Profa. Dra. Alexandra Magna Rodrigues

Pró-reitor de Extensão

Profa. Dra. Leticia Maria P. da Costa

Pró-reitor de Economia e Finanças

Prof. Dr. Antonio Ricardo Mendrot

Pró-reitora de Graduação

Profa. Dra. Máyra Cecilia Dellu

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Profa. Dra. Mônica Franchi Carniello



EXPEDIENTE EDITORA

EdUNITAU

- | **Diretora-Presidente:**
Profa. Dra. Nara Lúcia Perondi Fortes

Conselho Editorial

- | **Pró-reitora de Extensão:**
Profa. Dra. Leticia Maria Pinto da Costa
- | **Assessor de Difusão Cultural:**
Prof. Me Luzimar Goulart Gouvêa
- | **Coordenadora do Sistema Integrado de Bibliotecas:**
Shirlei de Moura Righeti
- | **Representante da Pró-reitoria de Graduação:**
Profa. Ma. Silvia Regina Ferreira Pompeo de Araújo
- | **Representante da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação:**
Profa. Dra. Cristiane Aparecida de Assis Claro
- | **Área de Biociências:**
Profa. Dra. Milene Sanches Galhardo
- | **Área de Exatas:**
Prof. Dra. Érica Josiane Coelho Gouvêa
- | **Área de Humanas:**
Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves
- | **Consultora Ad hoc:**
Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira

Projeto Gráfico

- | **NDG** – Núcleo de Design Gráfico da Universidade de Taubaté
- | **Capa:** Alessandro Squarcini
- | **Diagramação:** Rafael Campos de Jesus e Rayan O. Gardim Monteiro
- | **Revisão:** dos autores
- | **Impressão:** Eletrônica (e-book)

ISSN: 1984-3992

Copyright © by Editora da UNITAU, 2021

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

**EX
TEN
SÃO**



CONSELHO CONSULTIVO

Edição especial da Revista de Extensão da UNITAU:

Anita Belloto Leme Nagib

Pró-Reitora de Extensão e Vice-Reitora do Centro
Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
(UNIFAE)

Ilka Márcia Ribeiro de Souza

Pró-reitora de Extensão e Assuntos Estudantis da
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Ivoneide Pereira Alencar

Pró-Reitora de Extensão da Universidade Estadual do
Piauí (UESPI)

Luiz Alberto Rodrigues

Pró-Reitor de Extensão da Universidade do Pernambuco
(UPE)

Maria Anezilany do Nascimento

Pró-Reitora de Extensão da Universidade Estadual do
Ceará (UECE)

Rafael Silva

Pró-Reitor de Extensão e Cultura da Universidade
Estadual de Maringá (UEM)

Rogério Ohhira

Pró-Reitor de Extensão, Cultura e assuntos Estudantis do
Centro Universitário de Goiatuba (UniCerrado)

OS TEXTOS DOS CAPÍTULOS, SEUS POSICIONAMENTOS
TEÓRICOS, SUAS CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS, ALÉM
DO PROCESSO DE FORMATAÇÃO E A CONSTRUÇÃO GERAL
SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES.

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	7
EDITORIAL.....	8
EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE UM POSSÍVEL ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL: PARCERIA <i>PROJETOS DE VIDA E PAIE*</i>	9
PROJETO DE EDUCAÇÃO EM HIGIENE CORPORAL POR ALUNOS DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	26
UTILIZAÇÃO DE MODELOS DIDÁTICOS E JOGOS PARA O ENSINO DA DENGUE PELO PROJETO DE EXTENSÃO CONTROLE AMBIENTAL	33
APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO “FOCO NA MENTE” AOS CALOUROS DE MEDICINA: ACOLHIMENTO E CRIATIVIDADE	42
EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE O MARÇO LILÁS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ACADÊMICAS DE MEDICINA	52
PROJETO HOSPITAL DO URSINHO: A IMPORTÂNCIA DE DESMISTIFICAR A IDEIA DE QUE IR AO DENTISTA É ALGO ASSUSTADOR	53
DIMENSÕES DA ONCOLOGIA E O CUIDADO DE ENFERMAGEM NA TERMINALIDADE DA VIDA: IMPACTO DO SETOR NA SAÚDE MENTAL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM	55
RELATO DE EXPERIÊNCIA: APLICAÇÃO DE CALATONIA NO CONGRESSO BRASILEIRO DE DOR	78
EQUIDADE E APRENDIZAGEM COLABORATIVA NA EDUCAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	89
RELATO DE EXPERIÊNCIA: O CURSINHO POPULAR LIBERTAS, DA UNITAU	103
RELATO DE EXPERIÊNCIA: A EDITORA UNITAU NA DISSEMINAÇÃO E NA DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E DAS AÇÕES DA PREX, SEU <i>MODUS OPERANDI</i>	113
PROJETO O MELHOR DE MIM LÍNGUA PORTUGUESA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA	120
OCORRÊNCIAS NA PRODUÇÃO DE TEXTOS EXPOSITIVOS E EXPOSITIVOS ARGUMENTATIVOS: CUIDADOS NA LEITURA	126
CISTO PILONIDAL	132

EDITORIAL

A Universidade de Taubaté, imbuída da necessidade de atualização de seus procedimentos editoriais, atendendo a demandas advindas da curricularização da extensão, e por ser uma universidade alinhada com os diálogos da sociedade em que se insere, tendo um histórico de ações extensionistas, além das ações de ensino e de pesquisa, percebeu a necessidade de relançar, após a conquista e a estruturação da Editora da Unitau (EdUnitau), a REVISTA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, capitaneada pela sua Pró-reitoria de Extensão.

O intuito, com essa publicação deste número especial, é o oferecimento de um conjunto de textos que deem conta de subsidiar a área, a partir de artigos acadêmicos, de relatos de experiência e de resumos expandidos, os quais contribuirão para a formação dos nossos acadêmicos, para a tomada de consciência de nossos docentes, com o fito, sempre, de dialogar com o público externo, com parceiros e com beneficiários das ações extensionistas. A Revista de Extensão Universitária da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade de Taubaté, neste número, pretende coroar os festejos dos Cinquenta anos da Universidade de Taubaté, que se iniciam em dezembro de 2023.

Foi feita uma chamada aberta para publicações diversas, atinentes à extensão universitária, para que se praticassem os preceitos ligados à universidade aberta e ao conhecimento, via acesso aberto, que se difunde pelo mundo todo, ligados ao núcleo de divulgação científica, e, uma vez produzida esta revista, está liberada para consulta nos meios eletrônicos da Universidade de Taubaté.

Tentamos, na seleção dos relatos de experiência, dar voz a projetos desenvolvidos nas três grandes áreas do conhecimento, seleção chancelada por um Conselho Consultivo especial formado a partir de professores-pesquisadores de universidades parceiras no Brasil quase todo.

Agradecemos aos autores participantes desta publicação e desejamos vida longa à Revista de Extensão Universitária da Universidade de Taubaté.

Profa. Dra. Letícia Maria P. da Costa

Pró-Reitora de Extensão da Universidade de Taubaté

EDITORIAL

The University of Taubaté, imbued in the necessity of updating its editorial procedures, attending the demands coming from the curricularization of extension, and by being an university aligned with its societal dialogues, having a history of extensionist actions, besides the ones in the area of teaching and research, realize the necessity of relaunching, after the achievement and structuralization of Unitau's Publishing Center (EdUnitau), UNIVERSITY'S EXTENSION ACADEMIC JOURNAL, led by its Pro-Rector of Extension.

The aim of this publication is to offer a set of texts that can handle the subsidizing of the area, based on academic articles, experience reports and expanded summaries, which will contribute to the qualification of our academics, to the awareness of our teachers, with the intent, always, of dialoguing with the external public, with partners and beneficiaries of extensionistic actions. The University's Extension Academic Journal of the Pro-Rector of Extension of the University of Taubaté, in this issue, intends to crown the festivities of the Fifty years of the University of Taubaté, which begins December 2023.

An open call was made for various publications, related to university extension, to viabilize the ability to practice those precepts linked to the concept of open university and knowledge, via open access, in which is disseminated to the whole world, linked to the nucleus of scientific dissemination, and, once this academic journal is produced, it is available for viewing on the electronic media of the University of Taubaté.

In the selection of experience reports, we tried to beam light to projects developed in the three major areas of knowledge, a selection endorsed by a special Advisory Council formed from professors-researchers from partner universities in almost all of Brazil.

We thank the participating authors of this publication and wish long life to the University's Extension Academic Journal of the University of Taubaté.

Phd. Letícia Maria P. da Costa

Pro-Rector's Dean of the University of Taubaté

EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE UM POSSÍVEL ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL: PARCERIA PROJETOS DE VIDA E PAIE*

Cesar Augusto Eugenio**

Doutor em Educação

Instituto Básico de Humanidades – UNITAU

Introdução – em qual mundo está o projetos de vida: escolhas e desafios?

Nascer, crescer, envelhecer e morrer. Parece-nos tão óbvio que todos temos a vontade de acreditar que esta é a lógica da vida. É verdade que todos os que nascem, morrem, mas, nem todos nascem, alguns morrem antes de nascer, outros morrem antes de crescer, outros não chegam a envelhecer, alguns, no entanto, nascem, crescem e vão morrer muito envelhecidos. Dando voz a Oswaldo Montenegro, cantor e compositor brasileiro, temos os seguintes versos de sua canção *A lógica da criação*: “Por que que Deus cria o filho / que morre antes do pai / e não pega em seu braço amoroso / o corpo daquele que cai”¹.

Todos os que envelhecem reconhecem que o tempo de vida, enquanto expectativa cronológica e material, está, possivelmente, mais perto do fim do que o tempo de uma criança que, em potência, tem muito a viver, mesmo que a fórmula não seja tão precisa e a lógica da vida seja pautada, exatamente, na falta total de lógica, ou seja, a racionalidade que pensa a vida é tragicamente irracional a ponto de banir a certeza de sua agenda.

O que nos resta uma vez que estamos imersos na incerteza do tempo que pode durar nossa vida? Não há dúvida: resta-nos viver. Todos, quando acordamos, podemos conceber o novo dia como um a menos ao encontro da morte ou um dia a mais de vida, um dia em que podemos nos lançar no infinito de oportunidades, movimento que nos abrirá ou fechará portas em busca da felicidade, por isso, escolher é sempre um desafio, porque escolhemos na escuridão, porque tudo o que acreditamos e buscamos pode não se realizar, ou, ao contrário, mesmo diante de uma nuvem de negatividade, podemos nos surpreender com os lugares alcançados, espaços criados, projetos realizados.

** O autor, lotado no Instituto Básico de Humanidades, é efetivo na cadeira de Filosofia, Diretor do Departamento de Pedagogia e docente permanente do Mestrado Profissional em Educação. Está na Universidade de Taubaté há 20 anos.

¹ Montenegro, Oswaldo. Música: *A lógica da criação*. Trilha sonora do filme **Solidões**. Lançamento: 29 de outubro de 2013. Roteiro, Música e Direção: Oswaldo Montenegro. Empresa produtora: Oswaldo Montenegro Produções Artísticas. Coprodução: Canal Brasil. Supervisão de Fotografia: André Horta.

O *Projetos de Vida: escolhas e desafios* é um projeto de extensão universitária que nasceu no início do ano de 2020, a partir das reflexões nas aulas de Filosofia ministradas para o curso de Psicologia da Universidade de Taubaté. Dentre às questões discutidas, em meio aos eixos temáticos da vontade, fundamentada no irracionalismo nietzscheano², e da loucura, apresentada com base em Foucault³, está a liberdade, cujas reflexões são motivadas e calcadas na filosofia existencialista do francês Jean-Paul Sartre⁴.

Originalmente, o *Projetos de Vida* foi elaborado para atender aos jovens do Ensino Médio, prioritariamente, mesmo que não exclusivamente, oriundos de escolas públicas. Havia o entendimento, na ocasião de sua sistematização, que focalizar neste público-alvo era minimamente justificável, afinal, é neste momento da vida em que cada pessoa, assim é o que nos parece, mais recebe pressões para definir seu futuro, principalmente no campo profissional. Perguntas como “o que pretende ser”, “qual curso fará” atormentam mentes e corações daqueles que se obrigam a definir algo que seja útil e os coloquem no mercado de trabalho, quanto mais rápido melhor.

Estar bem passou a ser sinônimo de ganhar dinheiro e ter acesso aos bens de consumo. Dessa forma, o sentido da vida deixa de ser o processo em que se busca a felicidade, como pensava Aristóteles⁵, para se tornar um mecanismo autodestrutivo de almejar o prazer a qualquer preço, uma espécie de hedonismo pós-moderno, um prazer imediato trazido pelo fetiche de se alcançar um tipo de felicidade irrefletida, momentânea e que se esvanece após a euforia trazida pela compra realizada, comportamento naturalizado pela cultura consumista e que, por sua vez, alimenta a sociedade de consumidores.

Se a cultura consumista é o modo peculiar pelo qual os membros de uma sociedade de consumidores pensam em seus comportamentos ou pelo qual se comportam “de forma irrefletida” – ou, em outras palavras, em pensar no que consideram ser seu objetivo de vida e o que acreditam ser os meios corretos de alcançá-los, sobre como separam as coisas e os atos relevantes para esse fim das coisas e atos

² NIETZSCHE, Friedrich W. **Ecce Homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Trad.: Marcelo Backes. Porto Alegre L&PM, 2006.

³ FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. Trad.: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

⁴ SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Trad.: Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2002.

⁵ As reflexões de Aristóteles, para este trabalho, estão na obra: REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 2007.

que descartam como irrelevantes acerca do que os excita e os que os deixa sem entusiasmo ou indiferentes, o que os atrai e o que os repele, o que os estimula a agir e o que os incita a fugir, o que desejam, o que temem e em que ponto temores e desejos se equilibram mutuamente – , então a sociedade de consumidores representa um conjunto peculiar de condições existenciais em que é elevada a probabilidade de que a maioria dos homens e das mulheres venha a abraçar a cultura consumista em vez de qualquer outra, e de que na maior parte do tempo obedeçam aos preceitos dela com máxima dedicação⁶.

Na sociedade do consumo, tudo tem preço! Difunde-se no imaginário popular pelos mais diversos recursos midiáticos, que tudo pode ser comprado. Expressões populares como, “prefiro ser um rico triste em Paris do que ser pobre em Taubaté”, contribuem para a crença infundada de que seja realmente melhor ser rico, mesmo que triste. A postura consumista, o sujeito consumista, as relações consumistas são, necessariamente, velozes, rasas, líquidas, efêmeras⁷ e, pela ausência do sólido, duradouro, perene, não se tem tempo de pensar sobre o porquê de se consumir, apenas se consome.

Numa perspectiva produtivista, criar mecanismos para se fabricar era mais importante do que em pensar nas dinâmicas possíveis para se vender o que se produz. O acúmulo de determinado produto pode desqualificá-lo, torná-lo obsoleto, por isso barato. Os modos de produção neoprodutivistas dão um salto ao modelo anterior promovendo, de um lado, uma sociedade de consumidores e, de outro, uma axiologia da produtividade que se deu, materialmente, pela troca do fordismo pelo Toyotismo.

[...] Diversamente, o modelo toyotista, apoia-se em tecnologia leve, de base microeletrônica flexível, e opera com trabalhadores polivalentes visando a produção de objetos diversificados, em pequena escala, para atender à demanda de nichos específicos do mercado, incorporando métodos como o *just in time* que dispensam a formação de estoque, requer trabalhadores que, em lugar da estabilidade no emprego, disputem diariamente cada posição conquistada, vestindo a camisa da empresa e elevando constantemente sua produtividade⁸.

Considerando que o ser consumista não é exclusividade do jovem, ser produtivo, por isso, útil numa sociedade em constante mudança, pode ser um peso terrível aos

⁶ BAUMAN, Zigmunt. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 70.

⁷ Id. **Modernidade Líquida**. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

⁸ SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3.ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2011. p. 429.

mais idosos. Se para o jovem “ser e ter” passaram a não mais fazer diferença, acreditando “ser o que tiver”, a sua dificuldade pode ser a “falta de saber o que ser para ter”. Exatamente aqui seria o lugar do *Projetos de Vida*, no apoio para se pensar o mundo da falência dos cargos pela ascensão das funções, da substituição da estabilidade pela aventura e ilusão do acesso irrestrito aos bens de consumo.

É nesta sociedade consumista, neoprodutivista, utilitarista que cada um se vê desafiado a envelhecer com qualidade, até porque, envelhecer pode ser sinônimo de automarginalizar-se, autoexcluir-se, autopunir-se num caminho sem retornos. E o que seria envelhecer com qualidade? É possível pensar em projetos de vida para uma vida que não mais produz de acordo com a perspectiva neoprodutivista? Como provocar aquelas pessoas com mais de 60 anos a reflitam sobre seus possíveis projetos de vida?

Para responder a estas questões, o *Projetos de Vida: escolhas e desafios* estabeleceu uma parceria com o Programa de Atendimento Integral ao Envelhecimento (PAIE), programa de extensão que acompanha a história da universidade pela sua longevidade, e passou a oferecer sua trilha temática a este novo público. Definitivamente, um salto: dos jovens cheios de dúvidas naquilo que desejam “ser para ter”, aos idosos, também cheios de dúvidas sobre aquilo que desejam “ser para ser”, “ser por ser”, “ser”, simplesmente por “querer ser”.

Este trabalho trata-se do relato de experiência fruto desta parceria que rendeu mais de duas dezenas de encontros e desenvolveu, pelo menos, 20 temas, dentre os oferecidos inicialmente, somados aos sugeridos pelos participantes e sistematizados ao longo dos encontros, afinal, o *Projetos de Vida* é, fundamentalmente dialógico. Seguiremos com a seção “Justificativa – Por que existimos?”, onde o esforço está em responder se há espaço para se pensar em projetos de vida na sociedade contemporânea; em seguida apresentaremos os “Objetivos – O que queremos alcançar?” do *Projetos de Vida* específicos para este relato; na seção “Metodologia – Como atuamos?”, contaremos como funciona a metodologia da trilha temática e quais temas foram desenvolvidos; na seção reservada aos “Resultados – Algumas experiências e reflexões!” mostraremos alguns números da participação nos encontros e a potência de reflexões marcantes durante o processo; e, por fim, na última parte, “Conclusões possíveis: o que aprendemos e o que ainda podemos aprender?”, desafiemo-nos a sinalizar possíveis aprendizados e oportunidades de crescimento, onde, também,

apresentaremos algumas novas questões, problemas a serem discutidos e desenvolvidos em trabalhos futuros.

Justificativa – por que existimos?

Primeira idade, segunda idade, idade adulta, meia-idade, terceira idade, quarta idade. De quantas idades estamos falando, de quais idades precisamos, em quantas idades podemos dividir uma vida, fragmentá-la? Os ciclos de vida são processos que demandam autoconhecimento, consciência de si mesmo, percepção clarividente de limites insuperáveis, entendimento sobre novos limites, enfim, compreensão de que entre corpo e consciência existe uma unidade sagrada e incomensurável.

Classificar o envelhecimento não é uma tarefa fácil, pois esbarra em inúmeros fatores que estão para além dos marcos temporais puramente cronológicos. O envelhecimento biológico pode afetar ou não outras dimensões da vida humana e não pode ser visto de forma linear, numa relação de causa e efeito ou como uma consequência direta de ações, decisões, realizações feitas em outros momentos da vida.

O Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde, da Organização Mundial da Saúde conceitua envelhecimento saudável como “o processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar em idade avançada”⁹. O que significaria “bem-estar”? Se reduzirmos o conceito à dimensão biológica, seria a ausência total de qualquer tipo de fragilidade física, o que é impossível em qualquer idade, pois sempre temos algo a ser tratado, ou, minimamente, cuidado. Vamos conceber bem-estar, como harmonia das dimensões física, social, emocional, intelectual, espiritual, o que transcende à biologia e indica importantes portas a serem abertas de modo a enxergar a vida como um processo inacabado e, por isso, em constante movimento, a ser projetado, planejado, desejado, querido, amado.

A pessoa idosa, aquela com mais de 60 anos, no Brasil, já protegida pelo Estatuto da Pessoa Idosa – Lei n. 10.741/2003¹⁰ –, não perde em direito por ser idosa. Dados divulgados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) mostram que a

⁹ Organização Mundial da Saúde (OMS). **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. 2015. Disponível: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso: 01/10/2023.

¹⁰ BRASIL, **Estatuto da Pessoa Idosa**. Disponível: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso: 30/09/2023.

população brasileira está passando por um fenômeno diferente em sua história: a quantidade de pessoas com até 29 anos está diminuindo enquanto aquela parcela com mais de 60 anos aumentando, conforme pode ser visto no Gráfico 1 abaixo.

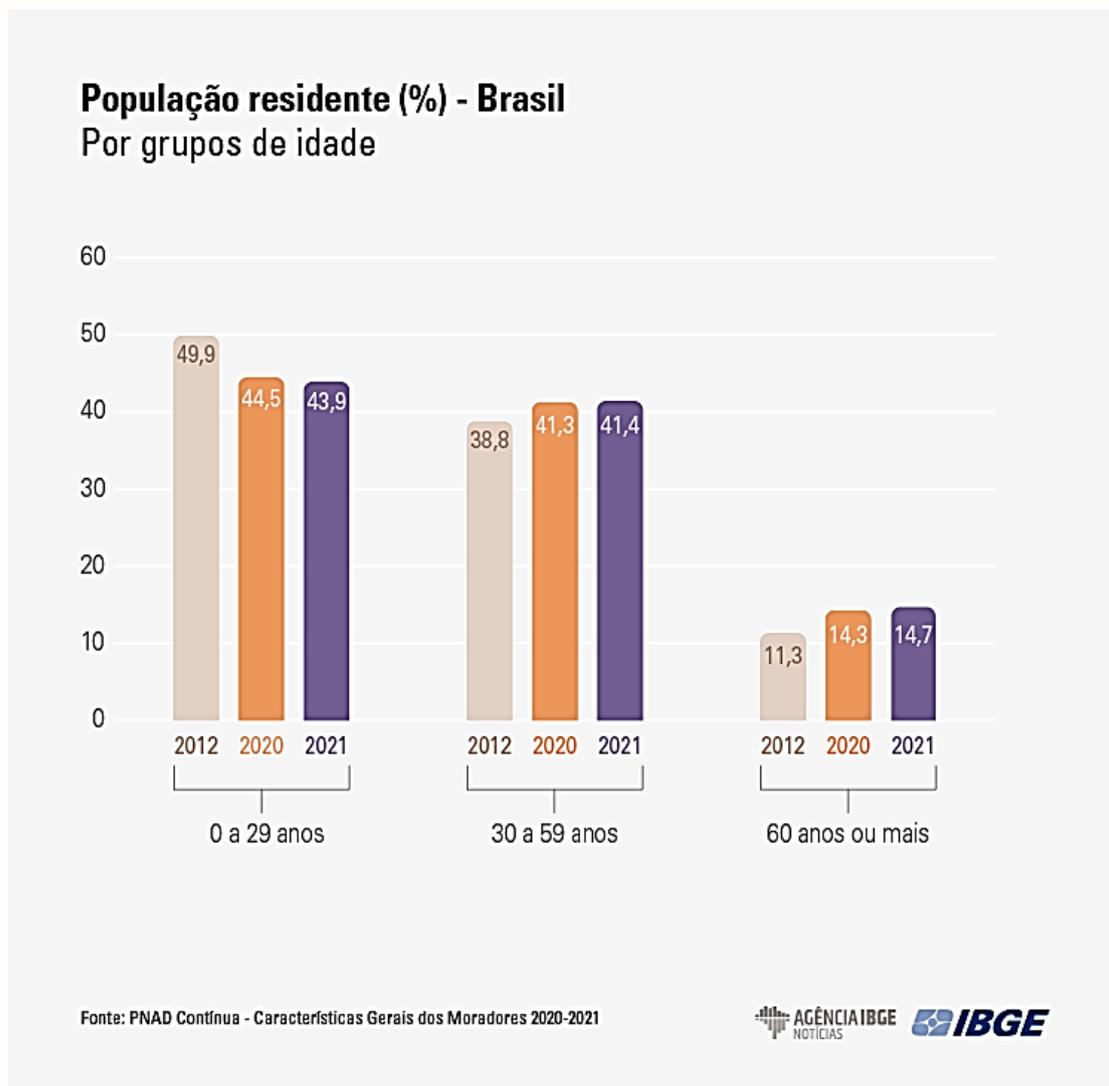


Gráfico 1: Aumento do número de pessoas com 60 anos ou mais

Fonte: Agência IBGE Notícias¹¹

A questão do bem-estar, também verificada na publicação *Envelhecimento saudável na perspectiva de idosos*¹², corrobora a necessidade de se harmonizar os diferentes aspectos da vida humana. Na mesma direção, a Organização das Nações

¹¹ Agência IBGE Notícias. Disponível: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021>. Acesso: 01/01/2023.

¹² TAVARES, Renata E. et al. Envelhecimento saudável na perspectiva de idosos: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 2017; 20(6): 889-900. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/pSRcgwghsRTjc3MYdXDC9hF/abstract/?lang=pt>. Acesso: 05/10/2023.

Unidas definiu que os três pilares para o envelhecimento ativo – participação, saúde e segurança – devem ser garantidos como política pública e não entendidos como benefícios ou privilégios, mas, como direito, como conquista e amadurecimento ético e, possivelmente, moral.

A motivação do *Projetos de Vida* está em oferecer espaços ricos de reflexão sobre temas do cotidiano que possam agregar aos processos de autoconhecimento, autovalorização, autoestima e reconhecimento que cada pessoa tem sua história, medos, angústias e desafios que lhes são peculiares, únicos. Isso não nos torna melhores ou piores, apenas, diferentes, aqui concebida a diferença enquanto condição existencial, ou seja, o que nos torna iguais é exatamente a diferença que nos singulariza.

Vamos, a seguir, conhecer os objetivos deste projeto de extensão.

Objetivos – o que queremos alcançar?

Como dito anteriormente, o *Projetos de vida: escolhas e desafios* foi sistematizado e direcionado aos jovens do Ensino Médio. Ao firmar a parceria com o PAIE, a trilha temática, a ser explicada na seção “Metodologia – Como atuamos?” precisaria ser alterada, adaptada, ampliada e foi o que fizemos. No entanto, para repensarmos essa trilha, foi necessário, antes, reescrever seus objetivos, afinal, se não soubéssemos onde desejaríamos chegar, prováveis contradições durante a caminhada poderiam comprometer o trabalho. Sendo assim, seguem seus novos objetivos:

- Promover encontros temáticos abertos à reflexão;
- Privilegiar a pessoa idosa como público-alvo prioritário;
- Problematizar temas do cotidiano;
- Discutir sobre a realidade em que estão inseridas;
- Conceber a pessoa idosa como uma totalidade de dimensões (corpo, razão, afeto, espiritualidade) e que necessita de amparo, assistência e orientação;
- Contribuir e apoiar a pessoa idosa no processo de reflexão sobre a elaboração de seus projetos de vida;
- Promover situações de debate acerca das escolhas, como exercício da liberdade e responsabilidade;

- Estimular espaços de livre expressão, onde cada participante poderá compartilhar suas vontades, anseios, medos, angústias, frustrações.

Sim, são muitos objetivos, mas expressam a amplitude e a vontade de os *Projetos de Vida* em ser marcante, invadir vidas, estimular reflexões que, normalmente, não são feitas e apoiar processos que promovam experiências de transcendência que, segundo Leonardo Boff, são aquelas experiências que ultrapassam, superam o momento e o próprio vivido, são transformadoras e capazes de gerar nova dinâmica, novos processos, um novo olhar, nova percepção sobre si próprio, os outros e o mundo em que o sujeito está inserido.

Desbordamos todos os esquemas, nada nos encaixa. Não há sistema militar mais duro, não há nazismo mais feroz, não há repressão eclesiástica mais dogmática que possam enquadrar o ser humano. Sempre sobra alguma coisa nele. E não há sistema social, por mais fechado que seja, que não tenha brechas por onde o ser humano possa entrar, fazendo explodir essa realidade. Por mais aprisionado que ele esteja, nos fundos da Terra, ou dentro de uma nave espacial no espaço exterior, mesmo aí o ser humano transcende tudo. Porque, com seu pensamento, ele habita as estrelas, rompe todos os espaços. Por isso, nós, seres humanos, temos uma existência condenada – condenada a abrir caminhos, sempre novos e sempre surpreendentes¹³.

Como alcançamos tais objetivos? Quais caminhos percorremos? Quais métodos e estratégias de linguagem utilizamos? É o que veremos a seguir.

Metodologia – como atuamos?

O caminho encontrado para chegar até aos interessados em participar do *Projetos de Vida: escolhas e desafios* foi a videoconferência. Todos os encontros foram remotos, síncronos, pelas ferramentas Zoom ou Meet. A utilização do grupo de whatsapp foi fundamental neste processo considerando que se tornou o *locus* privilegiado de informação, mesmo que o projeto tenha se mantido ativo pelas redes sociais, principalmente, *Facebook* e *Instagram*.

Os encontros foram organizados pela metodologia da “Trilha Temática” que consiste na organização de um conjunto de temas que guardam em si relativa conexão, de modo a um tema enriquecer o outro em conteúdo e reflexão, sem gerar prejuízo ao entendimento do participante, que tenha perdido, porventura, o encontro anterior, em

¹³ BOFF, Leonardo. **Tempo de Transcendência: o Ser Humano como um Projeto Infinito**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009. p. 22-23.

relação ao próximo tema, pois todos os encontros seguem o mesmo padrão, composto por etapas distintas e complementares:

- a) Introdução, onde se dá a apresentação do tema;
- b) Base teórica, breve menção aos principais conceitos a serem trabalhados e a autores;
- c) Problematização, momento em que o tema é cientificizado, posto ao crivo da reflexão filosófica;
- d) Aplicação, quando se analisa e se aproxima da realidade;
- e) Recapitulação, ao aproximar da conclusão do encontro, relembra-se e pontua-se os principais pontos discutidos no encontro;
- f) Conclusões possíveis, fechamento do encontro. Vale o registro que a última etapa é uma abertura para próximas discussões de modo a se levantar as fragilidades dos pontos discutidos.

Como já dito, uma vez que o *Projetos de Vida* foi, originalmente, sistematizado para ser realizado com jovens do Ensino Médio, houve a necessidade de reformulações severas em sua trilha temática. Alguns temas se mantiveram e foram experimentados ao longo dos primeiros encontros. Neste processo, novos temas emergiram ao longo dos debates e outros sugeridos no momento de “conclusões possíveis”.

Foi desenvolvida uma trilha temática com 20 itens conforme listamos a seguir:

1º Encontro: Vamos conversar sobre “projetos de vida”?	11º Encontro: A vida é um processo aberto ao infinito.
2º Encontro: Sou livre! O que isso significa?	12º Encontro: A questão da tolerância e da intolerância.
3º Encontro: Todos temos limites!	13º Encontro: Vamos conversar sobre intolerância.
4º Encontro: Todos temos medo! Qual seu medo?	14º Encontro: A questão do julgamento e evidência.
5º Encontro: Superação – Até que ponto posso me superar?	15º Encontro: Aceitação – o que me aflige e não consigo ou não posso mudar?
6º Encontro: Superação – O que devo superar?	16º Encontro: O perdão: o que e a quem perdoar?
7º Encontro: Nem tudo é minha culpa!	17º Encontro: Meu momento de luto.
8º Encontro: Não posso controlar tudo.	18º Encontro: A questão da fé.
9º Encontro: Nem sempre o certo é certo e o errado é errado.	19º Encontro: Pedir ajuda – nem sempre consigo sozinho.
10º Encontro: A vida é um espaço onde os encontros acontecem.	20º Encontro: O que estou buscando?

Quadro 1: Trilha Temática – *Projetos de Vida* – PAIE

Fonte: Arquivo do autor

Após cada encontro, a pedido dos participantes, a equipe disponibilizava um resumo do tema trabalhado. Esse procedimento começou a partir do 5º encontro e a equipe foi aperfeiçoando tal devolutiva. A título de exemplo, respeitando os limites desta produção, registramos abaixo os pontos principais do “18º Encontro: A questão da fé”:

A fé nasce da relação do homem com o mistério da vida. De onde vim? Para onde vou? O que faço aqui?

Fé é diferente de religião. Na medida em que as pessoas se encontram, relacionam-se, percebem que acreditam em coisas semelhantes. Daí nasce a religião! Quando um grupo de pessoas deseja celebrar aquilo que acredita.

Não se pode julgar a fé do outro. Não há uma fé melhor do que a outra. São, apenas, diferentes!!!! O que não se pode é justificar pela fé uma atitude de ódio, rancor, preconceito. A fé não se julga, a atitude precisa ser discutida!!!

Da mesma forma que falamos sobre a fé, não existe uma religião melhor do que a outra, apenas diferentes. Sendo assim, o que importa é, também, a atitude, o comportamento, as relações que se dão a partir da religião que se pratica.

Nem a fé e nem a prática religiosa são iguais a vida toda. Nós estamos em processo, mudamos!!!!!! É possível mudar, também, o que acreditamos e não há problema nenhum em mudar. Importante é sempre melhorar, criar relações saudáveis e ter atitudes construtivas consigo próprio e com os outros.

Existem os ateus, (aqueles que afirmam que Deus não existe); existem os agnósticos (os que afirmam que Deus pode existir, mas não podemos conhecê-Lo). Também estes grupos não podem ser julgados. Os que acreditam, os que têm fé não são melhores do que os que não têm fé nas mesmas coisas que um determinado grupo!!!! Também, estes grupos, ateus e agnósticos, deverão ter atitudes positivas e não justificar seus atos pela sua forma diferente de se relacionar com a religião.

**Quadro 2: 18º Encontro: A questão da fé – *Projetos de Vida* – PAIE
Fonte: Arquivo do autor**

Os encontros foram realizados semanalmente, todas as quintas-feiras, com a duração estimada de uma hora. A participação do bolsista PIBEX era imprescindível e, ainda, a contribuição dos voluntários do projeto completavam o apoio necessário para que o professor coordenador, professor colaborador ou demais convidados pudessem desenvolver o tema e atender, ao mesmo tempo, dúvidas, comentários, depoimentos dos participantes que tinham livre acesso à palavra.

Os participantes poderiam levantar a mão e teriam a palavra imediatamente concedida, poderiam, também, escrever no *chat*, muitos optavam por este recurso. Os alunos, bolsista e voluntários, que acompanhavam, ficavam responsáveis por dar vida

ao *chat* trazendo os comentários escritos para a discussão, além de poderem participar enriquecendo o conteúdo com exemplos, sugestões de filme, leitura, socialização de pesquisas. Este procedimento, aparentemente simples, gerava um clima de pertencimento, compromisso, respeito, por todos recebiam um tratamento, mais do que igualitário, equitativo.

A dinâmica e relações estabelecidas eram, fundamentalmente, dialógicas e horizontalizadas, numa perspectiva freireana, de modo a garantir a participação equitativa de todos ali reunidos em videoconferência, afinal, o professor à frente é mediador do debate, não dono da verdade, trata-se de espaços de reflexão e não de imposição doutrinária e dogmática.

Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isso, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com a qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, pra pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.¹⁴

O mundo que mediatiza o encontro do homem, na esteira de Freire, não é visto, sentido, percebido da mesma forma por todos. Cada um, a seu tempo, a partir da sua experiência de si, do outro, de si-com-o-outro, de si-no-mundo, de si-com-o-outro-no-mundo, consegue fazer uma leitura, e assim o faz, muito própria, nem certa, nem errada, apenas no nível de sua idiossincrasia, das relações que estabeleceu e que se constituíram em sua história.

A metodologia do *Projetos de Vida* se resume no empenho coletivo para se garantir e difundir a equidade, a acolhida, o exercício da tolerância, justiça em um espaço de reflexão absolutamente ético. Destes encontros, alguns resultados podem ser saboreados na seção seguinte.

Resultados – algumas experiências e reflexões!

Trocas afetivas profundas e verdadeiras, depoimentos emocionados que emocionavam, novos projetos que emergiam a cada encontro, socializados abertamente, sem restrições, comportamentos visivelmente transformados. Como quantificar tais fenômenos? Não, a qualidade do olhar sincero e da palavra amiga não

¹⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra. 2017. p. 109.

pode ser quantificado, expresso em números, no entanto, quantificou-se o que estava ao alcance da equipe para fazê-lo.

Nesta seção selecionamos algumas informações que classificamos como “resultados” do trabalho junto ao PAIE. Dos números de participantes e encontros, seguiremos para algumas reflexões que foram as mais marcantes e transformadoras, sintetizadas dentro dos limites deste relato.

Foram quase 30 temas desenvolvidos ao longo de mais de 20 encontros, pois alguns temas precisaram ser desdobrados para dar conta das necessidades apontadas, detalhes a serem aprofundados. De uma lista inicial de 5, a equipe ampliou para 10, somados a outros 10. Por exemplo, autoconfiança, autocuidado, paixão, compaixão, pena e dó, traição, amizade foram temas que nasceram das discussões ao longo dos encontros e que, a pedidos, foram cuidadosamente sistematizados e oferecidos ao grupo.

Em relação ao número de participantes, em média, sempre podíamos contar com 20 a 25 participantes, chegando a 29 e 30 em alguns encontros, o que pode ser visto no quadro abaixo, extraído a título de exemplo, do relatório mensal enviado à Pró-reitoria de Extensão, referente ao mês de abril de 2021.

CONTROLE DE PRESENÇA		
PAIE		
ENCONTRO	HORÁRIO	Quantidade máxima e mínima de participantes
1º ENCONTRO	14h - 15h30	23
2º ENCONTRO	14h -15h30	24 - 30
3º ENCONTRO	14h -15h30	27 - 28
4º ENCONTRO	14h -15h30	27 - 29
5º ENCONTRO	14h -15h30	15
6º ENCONTRO	14h -15h30	22 - 26
7º ENCONTRO	14h -15h30	25 - 29
8º ENCONTRO	14h -15h30	21

Quadro 3: Controle de presença – *Projetos de Vida* – PAIE (abril-maio / 2021)

Fonte: Arquivo do autor

A frequência não era a principal preocupação da coordenação do *Projetos de Vida*, no entanto, houve o entendimento que, para fins burocráticos, tinha alguma importância, mas nem sempre era sistematizada em quadros como este. A quantidade máxima e mínima foi registrada no intuito de acompanhar possíveis flutuações no número de

participantes ao longo dos encontros. Algumas saídas das reuniões eram justificadas no grupo por instabilidade da internet ou por compromissos pessoais. O que se percebe é que a frequência se manteve estável ao longo dos encontros com pouca variação entre os extremos apresentados.

Mas, o que aprendemos com esses números? Se, por um lado, o número pode demonstrar interesse dos participantes, afinal, o grupo se manteve o mesmo desde o início, por outro lado, não conseguimos, mesmo com intensa publicidade nas redes sociais e insistente convite dentre os participantes para que chamassem amigos e parentes, que este número aumentasse. É difícil ponderar causas hipotéticas para tal fenômeno, mas, arriscamos afirmar que havia uma névoa de endogenia que plasmava as relações e que, talvez, tenha dificultado a ampliação do número de participantes, ao mesmo tempo em que a mesma endogenia teria sido a força que manteve o grupo unido. É possível que alguns grupos se fechem para se manterem vivos.

A manutenção do grupo, vista pela ótica da equipe do *Projetos de Vida*, devia-se também, pela qualidade dos temas, das reflexões e metodologia adotada e pelo cuidado com a divulgação dos encontros. Para cada tema, criava-se um banner que era postado no grupo de whatsapp à véspera e no dia do encontro. Tal decisão foi muito bem avaliada pelo grupo do PAIE que, ativamente, participavam do *Projetos de Vida*.



Imagem 1: Banner de divulgação do encontro “Traição” – *Projetos de Vida* – PAIE

Fonte: Arquivo do autor.

Na Imagem 1 acima, que usamos como exemplo do padrão de identidade visual utilizado pela equipe, podem ser vistas as informações do encontro, tema, data e horário, em destaque e o vínculo institucional e redes sociais ocupando menor espaço na imagem. Acreditamos que o modelo adotado foi útil e atingiu os objetivos de informar adequadamente aos participantes sobre o que seria tratado em cada encontro.

Em relação aos temas discutidos, o que dizer, quais resultados poderíamos relatar? Se a questão da liberdade sartreana incomodava, angustiava, os argumentos fundamentados na da “Ética do Cuidado”¹⁵ do autor brasileiro Leonardo Boff era o que mais sensibilizava. Considerando que apresentar um resumo de cada encontro seria inexecutável pela proposta deste relato, selecionamos as reflexões que se deram em torno deste conceito, “cuidado”, que deu suporte a diversos temas que, por sua vez, desdobraram-se em novos encontros.

Inicialmente, para entender o cuidado, foi preciso demonstrar como o homem está descuidando por meio da guerra, por exemplo, da própria existência e assim gerando doenças e destruição para ele mesmo. Esses fatores não aconteceram gratuitamente, ou seja, de forma espontânea, mas sim devido a um descuido contínuo com o mundo que, por sua vez, é o reflexo do descuido consigo mesmo. Ou seja, quando colocamos o cuidado no centro da nossa vida, ele se propaga em todas as dimensões, naquilo que vemos, fazemos, vestimos, pensamos, falamos e tocamos, não sendo apenas um ato, mas uma atitude.

Neste sentido, podemos afirmar o quanto é preciso ser cauteloso ao diferenciar afazeres, fruto das regularidades que estabelecemos conscientemente, e obrigações, resultante das imposições rotineiras. Aqui, o cuidado está quando conseguimos identificar as prioridades não nos permitindo escravizar diante das obrigações diárias. O cuidado está quando comemoramos pequenas conquistas, pequenas mudanças, pequenas ações que podem ser transformadoras.

O cuidado precisa ser entendido numa dimensão macro, ao tratarmos de questões como poluição, dengue, pandemia COVID-19, violência, mas sem perder de vista sua dimensão micro, na atitude consciente de se preocupar com coletor de lixo para que ele não se machuque, por isso, organizar melhor aquilo que é colocado para

¹⁵ BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

coleta, com o volume do som para não incomodar os vizinhos e, entre “bom dias” e “boa noites”, estabelecer relações saudáveis que possam agregar, somar, enriquecer nosso cotidiano.

Percebe-se o cuidado, também, ao diferenciar ato de atitude através da análise atenta da amplitude da mudança gerada por cada um. Enquanto o primeiro pode ser reduzido a uma ação, o segundo transcende o momento e exige uma transformação íntima, interna que reflete na forma como nos vemos e vemos o outro, como agimos conosco mesmos e com os outros. O cuidado é, portanto, mais que um ato, é uma atitude, uma vez que requer responsabilidade e envolvimento solidário com o mundo ao nosso redor.

A palavra cuidado origina-se da palavra *cueri*. No Brasil, por exemplo, muito próximo deste termo, os cueiros eram panos usados em crianças para enrolá-las e facilitar pegá-las no colo. Acreditou-se durante muito tempo que as crianças se quebrariam e, por isso, por cuidado, eram enfaixadas. Era uma técnica que exigia cuidado, pois se apertasse demais a criança ficaria sufocada, mas, se deixasse frouxo o cueiro, a criança poderia cair ao ser levada ao colo. O cuidado é exatamente sobre reconhecer um limite consigo e com o outro, para não causar quebrar e nem permitir a queda.

Cueri e cuidado são termos que também estão relacionados à cura, a forma como acolhemos e cuidamos das feridas, sendo necessário bondade e desejo para isso, sendo grato por isso. O cuidado também envolve uma coletividade, a colaboração e a cooperação favorecem a cura entre nós mesmos, gerando uma transformação íntima e promovendo um crescimento coletivo.

Muito aprendemos, talvez mais do que acreditamos ter ensinado. Para finalizarmos, a seção a seguir apresenta questões para provocar o leitor a pensar sobre o potencial de atuação do *Projetos de Vida*.

Conclusões possíveis: o que aprendemos e o que ainda podemos aprender?

Com participação quantitativa e qualitativamente significativas, o *Projetos de Vida: escolhas e desafios* conseguiu proporcionar espaços de reflexão e socialização de experiências com alto nível de afetividade, tolerância e respeito com e entre os participantes.

Concluimos que o projeto ampliou seu potencial de comunicação podendo problematizar temas do cotidiano com qualidade filosófica, independentemente da idade, desde que, sejam garantidas as condições mínimas para a aplicação de sua metodologia adotada e, mesmo remodelado, conseguiu manter sua originalidade, ou seja, seu escopo fundante: contribuir para que as pessoas possam pensar, avaliar, ressignificar, reestruturar, tomar consciência de seus projetos de vida.

Concluimos que o envelhecimento saudável demanda condições objetivas, alimentação, moradia, segurança, cuidado, e condições subjetivas que podem estar estreitamente relacionadas aos projetos que cada um se propõe a realizar. Exatamente na nutrição desta subjetividade que o *Projetos de Vida: escolhas e desafios* atuou promovendo os espaços de reflexão relatados.

Por fim, cabe-nos ainda nos questionar: há um potencial subjetivo capaz de realizar transformações profundas nas condições objetivas? Em que medida o *Projetos de Vida* conseguiria atuar em meio aos processos mais amplos que transcendessem a subjetividade, mas se voltasse a ela dialeticamente? Como combater a base neoprodutivista que reduz pessoas e coisas ao agoracentrismo esfacelando o envelhecimento saudável, ao considerar o idoso, no máximo, como consumidor?

Novas questões, novas angústias, novos desafios.

PROJETO DE EDUCAÇÃO EM HIGIENE CORPORAL POR ALUNOS DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Anna Gabriela de Oliveira Magalhães

Acadêmica de Medicina - UNITAU

Juliana Guimarães dos Santos

Profa. Me. Microbiologia e Imunologia

Instituto Básico de Biociências UNITAU

Maria Stella Amorim da Costa Zöllner

Profa. Dra. Titular de Patologia Geral

Instituto Básico de Biociências UNITAU

Introdução:

No atual cenário brasileiro, percebe-se a importância da humanização e da sensibilidade na formação profissional e intelectual dos médicos no país, por meio de uma maior valorização da relação entre o médico e seu paciente. Sob este viés, a partir do ano de 2023, as normativas do Ministério da Educação (MEC) passaram a instituir que todos os cursos de graduação universitária do Brasil incluíssem em seus currículos obrigatoriamente as atividades de extensão, tanto para instituições públicas quanto privadas, a prática extensionista devendo responder por no mínimo dez por cento da carga horária dos cursos de graduação nacionais. Para o Curso de Medicina da Universidade de Taubaté o cumprimento dessa diretriz educativa gera para o estudante a obrigatoriedade do cumprimento de 800 horas de vivências extensionistas durante o decorrer do curso, que tem duração de doze semestres, seis anos.

No primeiro semestre do ano de 2023 tornou-se realidade materializada a curricularização da extensão em todos os cursos superiores do Brasil. É sem dúvida um grande desafio de planejamento e execução para as instituições de nível superior do país. Outrossim, a Universidade de Taubaté tem uma longa e produtiva história de práticas extensionistas, amplamente organizadas em ações, projetos e programas de extensão de longa duração e reconhecido sucesso.

Dessa maneira, apesar da prática extensionista ter se iniciado como curricularizada de forma obrigatória nas universidades apenas no presente ano, projetos de extensão tradicionais já têm sido realizados na UNITAU, dentre eles o Projeto “Educando em Saúde com Amor: Hospital do Ursinho” com o objetivo de quebrar barreiras e instaurar um vínculo com base na confiança entre crianças e futuros médicos que irão precisar ao longo da sua carreira resgatar habilidades desenvolvidas durante

sua formação profissional. O projeto existe desde 2007 na instituição, trabalhando de maneira lúdica com as crianças, principalmente em escolas municipais de educação infantil, temas relevantes de saúde: alimentação saudável, a importância do brincar, direitos da criança, vacinação, higiene corporal, mental e ambiental, saúde bucal infantil, crescimento e desenvolvimento e prevenção de acidentes na infância. Através dessas ações trabalha-se o medo e ansiedade das crianças em relação aos profissionais de saúde e suas práticas, para que a criança aceite o cuidado de saúde necessário de ser recebido com mais tranquilidade e naturalidade.



Imagem 1: Logotipo do Projeto “Educando em Saúde com Amor: Hospital do Ursinho”
Fonte: Projeto “Educando em Saúde com Amor: Hospital do Ursinho”

Ressaltando a importância do trabalho extensionista é importante lembrar as palavras da reitora da Universidade de Brasília (UnB), Márcia Abrahão: “A extensão representa a universidade além dos muros, é nosso maior ponto de interação com a comunidade”, destacou frisando que o projeto de extensão busca melhorar a realidade social por meio de ações concretas da comunidade acadêmico¹⁶.

Justificativa:

Os projetos de extensão levam a inúmeros benefícios para a população atendida e possuem grande alcance social, podendo atingir com suas ações elevado número de

¹⁶ https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/ensino-superior/2022/07/5021001-extens_ao-passa-a-ser-obrigatoria-no-curriculo-da-graduacao-em-2023.html

pessoas, através de ações que promovam uma interação entre a sociedade e os estudantes de graduação.

Além disso, os projetos de extensão estimulam o ensino e a pesquisa para aqueles acadêmicos que participam integralmente das atividades, promovendo a busca constante do conhecimento e, conseqüentemente, exportando o mesmo para o pensar científico.

Especialmente, O Projeto “Educando em Saúde com Amor: Hospital do Ursinho” busca atender escolas de gestão municipal e alcançar as crianças e pais, através das redes sociais com a divulgação de materiais lúdicos e interativos, que busquem prender a atenção das crianças e ensinar sobre a importância do atendimento médico para promover ao bem-estar físico e mental da população e realizar essa demonstração por meio de ferramentas ilustrativas. Além disso, o projeto busca reduzir o medo e tensão que muitas crianças sentem quando vão ao médico, mostrando que o ambiente hospitalar é um local que irá proporcionar um benefício físico e mental para aquele pequeno paciente.

É importante destacar que a grande parte das crianças atendidas durante as visitas às escolas apresentam uma situação de realidade socioeconômica precária e, portanto, não têm acesso às diversas informações acerca da importância e dos produtos necessários para uma higiene corporal correta, deixando de atender integralmente o artigo 7º, presente no Estatuto da Criança e do Adolescente que afirma: “as crianças e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência¹⁷”.

Dessa forma, evidencia-se a necessidade de Projeto “Educando em Saúde com Amor: Hospital do Ursinho” nas universidades, atendendo as crianças que por muitas vezes não tem esse acolhimento nas suas casas e reconhecendo a importância de enfatizar questões relacionadas à saúde física e mental das crianças no intuito de prevenir doenças.

Justifica-se desta forma a realização das ações do projeto de extensão em foco e a produção do presente relato de experiência.

¹⁷BRASIL Estatuto da criança e adolescente disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm acesso 22 de outubro de 2023

Metodologia:

No primeiro semestre de 2023, foi realizada a apresentação do Projeto “Educando em Saúde com Amor: Hospital do Ursinho” para os alunos ingressantes no Curso de Medicina UNITAU, no Campus Bom Conselho Taubaté.

A apresentação teve como objetivo mostrar aos novos alunos o funcionamento do projeto, destacando a questão da problematização do Ursinho, que estará enfrentando desafios físicos e mentas a serem superados. Assim, através do imaginário associado ao lúdico a criança projeta no personagem “Ursinho” suas necessidades e vivências. Dessa forma, realizando-se a promoção da educação em saúde através de ferramentas interativas o projeto auxilia as crianças atendidas a trabalhar positivamente as questões de medo e tensão relacionadas ao atendimento médico, por meio de situações de entretenimento.

A abordagem específica utilizada nas escolas para a ação de higiene que se descreve no presente relato de experiência foi elaborada pelos acadêmicos extensionistas participantes, constando de uma intervenção interativa e lúdica com as crianças. Ao todo, trabalharam na ação 27 acadêmicos extensionistas do Curso de Medicina da Universidade de Taubaté, do Campus do Bom Conselho, Taubaté, que posteriormente foram divididos em dois grupos, destinados a trabalhar os temas de higiene mental e higiene corporal.

Resultados:

Relata-se a experiência da equipe responsável pelo tema de higiene corporal. O método de desenvolvimento da ação extensionista, elaborado pelos universitários, foi aplicado na ação descrita, sendo que foram atendidos 30 alunos, entre 11 e 13 anos, do Ensino Fundamental II.

As crianças e adolescentes atendidos foram separados em dois grupos, sendo um deles composto apenas por meninas e o outro apenas por meninos. A divisão em grupos por sexos foi necessária para não ocorrer constrangimento por parte das meninas porque com o grupo feminino foram abordados temas relacionados à higiene íntima e à menstruação, justificando, portanto, a formação de dois grupos diversos.

O objetivo principal era trazer a questão do ‘Ursinho’ apresentando dificuldades em realizar ações de higienização de forma correta.

O trabalho foi desenvolvido com as crianças e adolescentes buscando apresentar a importância de uma boa higiene corporal, informando inclusive o objetivo de se realizar a limpeza correta da pele, com o intuito de remover impurezas, prevenindo infecções e o benefício que essa atividade promove no bem-estar físico e mental da pessoa. Além disso, explicou-se, detalhadamente, o passo a passo de como realizar a limpeza corporal de forma correta e efetiva.

Após toda a explicação detalhada acerca de como realizar a correta limpeza corporal e dos cuidados higiênicos necessários no cotidiano foi aplicado um roteiro de perguntas e respostas com os alunos, na forma de “verdadeiro ou falso”, relacionado ao tema da higiene corporal como forma de testar o conhecimento adquirido durante a atividade realizada.

Por fim, foi notável perceber que as crianças absorveram muito bem todas as informações de forma efetiva e consciente.



Hospital do Ursinho” na EMEI Vereador Brasil Natalino, Taubaté SP
Fonte: Projeto “Educando em Saúde com Amor: Hospital do Ursinho”, 2023.



Imagem 3: Alunas extensionistas em escola atendida pelo projeto de extensão
Fonte: Projeto “Educando em Saúde com Amor: Hospital do Ursinho”, 2023.

Conclusão:

É válido ressaltar a importância do primeiro contato que os estudantes de Medicina, do primeiro semestre do curso e recém-chegados na universidade, tiveram com a comunidade, passando seu conhecimento em prol de ajudar crianças que não tiveram acesso a essa aprendizagem anteriormente.

A participação ativa no projeto de extensão permitiu ainda aos acadêmicos desenvolver técnicas interpessoais por meio de habilidades de relacionamento, como trabalho em equipe, responsabilidade, liderança e resolução de problemas.

As atividades realizadas permitiram ainda aos acadêmicos extensionistas desenvolver competências socioemocionais, como gestão de emoções, tomada de decisão responsável, autoconsciência, autogestão e consciência social, exigidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* que busca abordar as diferentes perspectivas das emoções no contexto escolar.

Além disso, destaca-se o benefício que a própria comunidade escolar teve durante as visitas às escolas, uma vez que o projeto de extensão objetiva promover educação em saúde na comunidade através do auxílio no desenvolvimento sócio-ambiental da população com orientações passadas de forma lúdica e eficiente, visando ajudar as crianças e adolescentes a desenvolver uma higiene corporal que promova o seu bem-estar físico e mental. Dessa forma, espera-se que as crianças e adolescentes atendidos apliquem a prática da higiene corporal na sua rotina diária, desfrutando dos inequívocos benefícios que essa prática proporciona.

*<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/195-competencias-socioemocionais-como-fator-de-protecao-a-saude-mental-e-ao-bullying>

UTILIZAÇÃO DE MODELOS DIDÁTICOS E JOGOS PARA O ENSINO DA DENGUE PELO PROJETO DE EXTENSÃO CONTROLE AMBIENTAL

Denis Giovane de Oliveira

Acadêmico de Biologia - Universidade de Taubaté

Gabriela de Carvalho Bedaque

Acadêmica de Nutrição - Universidade de Taubaté

Francine Alves da Silva Coelho

Profa. Me. de Parasitologia

Instituto Básico de Biociências - Universidade de Taubaté

Maria Stella Amorim da Costa Zöllner

Profa. Dra. Titular de Patologia Geral

Instituto Básico de Biociências - Universidade de Taubaté

Introdução

O ensino de conteúdos complexos de saúde pública, como a prevenção da dengue representa um desafio constante no âmbito educacional, vista a complexidade biológica do mosquito *Aedes aegypti*, bem como a necessidade de conscientizar os alunos atendidos pelos projetos de extensão sobre as medidas de prevenção.

A dengue é caracterizada como uma doença infecciosa febril que decorre da infecção por vírus do gênero Flavivírus, o qual possui quatro sorotipos patogênicos conhecidos: DENV-1, DENV-2, DENV-3 e DENV-4^{18,19}. No Brasil, o vetor primordial com relevância epidemiológica é o mosquito *Aedes aegypti*, embora o *A. albopictus* também possa atuar como agente de transmissão do vírus²⁰.

A dengue, em termos de manifestações clínicas, pode ser categorizada em três formas: a dengue clássica, a dengue com complicações e a febre hemorrágica da dengue, cuja classificação se dá com base nos sintomas apresentados e no quadro clínico do paciente²¹.

¹⁸ Grange, Laura; Simon-Loriere, Etienne; Sakuntabhai, Anavai; Gresh, Lionel; Paul, Richard; Harris, Eva. Epidemiological risk factors associated with high global frequency of inapparent dengue virus infections. **Frontiers In Immunology**, v. 5, p. 01-10, 11 jun. 2014.

¹⁹ Guzman, Maria G.; Harris, Eva. Dengue. **The Lancet**, v. 385, n. 9966, p. 453-465, jan. 2015.

²⁰ SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Saúde. Centro de vigilância epidemiológica. **Diretrizes para a prevenção e controle das arboviroses urbanas no Estado de São Paulo**. 63 p. 2017.

²¹ Correia, Tercio Cirqueira; Flausino, Victor de Oliveira; Figueiredo, Leonardo Lins; Ferreira, Thiago Vinícius dos Santos; Rabelo, Tarcísio Veloso; Coelho, Tomaz Dario Fernandez; Abreu, Anna Cecília Castro e; Prince, Karina Andrade de. Prevalência de dengue clássica e dengue hemorrágica no Brasil, entre 2011 e 2015. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 22, p. 01-08, 10 abr. 2019.

A prevenção e o controle de seu vetor dependem da conscientização da população e da adoção de medidas adequadas⁵, e a educação desempenha um papel fundamental nesse processo. A educação para a saúde no âmbito escolar tem como finalidade básica contribuir para a prevenção a agravos à saúde²²⁶, no entanto, há várias dificuldades inerentes à inclusão da dengue nos currículos escolares.

Falar sobre dengue envolve conceitos científicos complexos, incluindo a biologia do mosquito vetor, o ciclo de vida do vírus da dengue e as diferentes formas clínicas da doença, e adaptar esses conceitos para um nível acessível aos alunos do ensino básico é desafiador.

Além disso, a unidade escolar compreende alunos de diferentes grupos sociais de faixas etárias variadas, logo, o entendimento sobre questões de saúde pode variar consideravelmente²³.

A falta de recursos é outra barreira, visto que muitas unidades de ensino enfrentam limitações de recursos, incluindo a falta de materiais educativos e acesso a especialistas em saúde. Associado a isso, também cabe destacar o tempo limitado no currículo, uma vez que o mesmo já está sobrecarregado com diversas disciplinas, o que deixa pouco tempo para abordar assuntos de saúde pública de maneira abrangente.

Apesar dos desafios listados, ressalta-se a importância de superá-los, considerando que o amplo conhecimento sobre vetores de doenças fornece a base para a atuação da sociedade no que concerne à contenção de sua proliferação²⁴.

Tais desafios podem ser mitigados por meio de uma abordagem multidisciplinar, que envolve a integração da educação sobre a dengue em diversas disciplinas, tornando o tópico mais acessível e significativo para os alunos, além da inclusão de diferentes recursos educativos, como jogos interativos, modelos didáticos, vídeos e infográficos, os quais alicerçados à aula teórica podem ajudar os educadores a transmitir informações de maneira mais eficaz.

²²SANTOS, Patrícia Alves dos. **Aprendizagem investigativa sobre a dengue empregando a educação *steam* e métodos ativos no ensino médio**. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Ensino de Biologia, Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

²³SÁ-SILVA, Jackson Ronie; PORTO, Maria José Fernandes; SOUSA, Carlos Erick Brito de; ALMEIDA, Fernando Vinícius Pereira de. Escola, educação em saúde e representações sociais: problematizando as parasitoses intestinais. **Pesquisa em Foco**, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 82-95, dez. 2010.

²⁴Correia, Tercio Cirqueira et al. *op. cit.*

O emprego de metodologias alternativas desempenha um papel fundamental na promoção da construção do conhecimento científico por caminhos próprios de raciocínio e habilidades, fazendo com que o aluno utilize de suas experiências cotidianas na formação do saber, resultando em um aprendizado mais eficaz ^{25,26}.

Diante do exposto, desde 2019, a Universidade de Taubaté conta com as atividades do Projeto de Extensão "Controle Ambiental", o qual tem como um de seus objetivos a educação da população sobre arboviroses e acidentes escorpiônicos, visando a promoção de medidas de controle e prevenção dessas questões de saúde pública.

Por meio de iniciativas educacionais, práticas de campo e divulgação de informações, o projeto tem contribuído ativamente para o fortalecimento da relação entre a universidade e a comunidade, além de atuar como um agente eficaz na transmissão do conhecimento e na promoção de melhores práticas de saúde e segurança para a população.

O Projeto de Extensão Controle Ambiental é caracterizado por uma abordagem prática e interdisciplinar, que visa atender às demandas e necessidades da sociedade, proporcionando a aplicação dos conhecimentos adquiridos no ensino superior para solucionar problemas reais, promovendo o engajamento dos estudantes, professores e pesquisadores em ações que beneficiam a comunidade.

Justificativa

A dengue representa uma preocupação de saúde pública significativa em muitas regiões, incluindo o Brasil²⁷, e a educação desempenha um papel fundamental na prevenção e controle dessa doença transmitida por vetores.

²⁵BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, [S.L.], v. 32, n. 1, p. 25-40, 27 mar. 2011.

²⁶PIFFERO, Eliane; SOARES, Renata; COELHO, Caroline; ROEHRS, Rafael. Metodologias Ativas e o ensino de Biologia: desafios e possibilidades no novo ensino médio. **Revista Ensino & Pesquisa**, [S.L.], v. 18, n. 2, p. 48-63, 20 ago. 2020.

²⁷ FERREIRA, Patrícia da Silva Figueiredo; MOTTA, Patrícia Constantino; SOUZA, Tayane Crispim de; SILVA, Thiago Paulo da; OLIVEIRA, Juliana Ferreira de; SANTOS, Ana Silvia Pereira. Avaliação preliminar dos efeitos da ineficiência dos serviços de saneamento na saúde pública brasileira. **Revista Internacional de Ciências**, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 214-229, 22 dez. 2016.

A utilização de modelos didáticos e jogos como estratégias de ensino apresenta-se como uma abordagem pedagógica inovadora e eficaz para a promoção da aprendizagem²⁸.

Modelos didáticos permitem que os alunos visualizem e interajam com representações concretas da dengue, compreendendo melhor a morfologia do vetor, seu ciclo de vida, e as medidas de prevenção. Jogos educativos, por sua vez, são ferramentas eficientes e de baixo custo, que tornam o processo de aprendizado mais envolvente e dinâmico, incentivando a participação ativa dos alunos e facilitando a assimilação do conhecimento^{29,30}.

Além disso, o relato de experiência sobre a utilização dessas abordagens no âmbito do Projeto de Extensão "Controle Ambiental" oferece concepções valiosas sobre a eficácia dessas estratégias no contexto do ensino da dengue. Ao compartilhar essa experiência, o relato contribui também para a disseminação do conhecimento e boas práticas na área de educação em saúde, inspirando outras instituições de ensino e projetos de extensão a adotarem abordagens semelhantes, ampliando o impacto positivo na conscientização e prevenção da dengue nas comunidades.

Objetivo

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é relatar como o uso de modelos didáticos e jogos pode se mostrar uma estratégia eficaz para compartilhar conceitos relacionados à dengue e seu vetor de forma mais visual e acessível aos alunos. Além disso, pretende-se destacar como essas práticas podem contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados na prevenção da dengue, reforçando a importância da educação na saúde pública, evidenciando simultaneamente em como a participação no projeto de extensão contribui efetivamente para a formação dos estudantes enquanto graduandos.

²⁸ PEREIRA, Francisco Pires. **O ensino de genética na educação básica: revisão bibliográfica e produção de modelos didáticos**. 56 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia, Centro de Ciências da Natureza, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2019.

²⁹ Oliveira, Natalia Carvalhaes de; Serafim, Natalie Tolentino; Teixeira, Matheus Ribeiro; Falone, Sandra Zago. A PRODUÇÃO DE JOGOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE BIOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS. **Ciclo Revista:: Vivências Em Ensino E Formação**, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 01-05, set. 2016.

³⁰ Lima, Sintiane Maria de Sá; Araújo, Maurício dos Santos; Lima, Michelle Mara de Oliveira. Metodologias alternativas no ensino de Evolução em uma escola pública do Piauí. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 1-15, 1 jan. 2021.

Metodologia

O estudo foi realizado em uma escola de ensino infantil da rede pública do município de Taubaté, São Paulo, envolvendo os alunos da 1ª e 2ª etapa, durante o segundo semestre de 2022. Tais turmas foram escolhidas pois a faixa etária compreendida representa um momento crucial no desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos alunos, tornando a pesquisa relevante para o entendimento e aprimoramento das práticas pedagógicas voltadas a essa parcela da população escolar.

Para o presente relato, valemo-nos dos registros produzidos pelo grupo durante as atividades realizadas, que incluem dois questionários distintos, o primeiro, de natureza introdutória, destinado ao levantamento do conhecimento prévio dos alunos; o segundo, de cunho conclusivo, empregado após uma aula expositiva sobre a dengue, alicerçada no emprego de modelos didáticos e jogos, abordando aspectos como biologia do vetor, transmissão, sintomas e prevenção.

Ambos os questionários foram administrados por meio de abordagem oral, com o intuito de incentivar os alunos a responderem de maneira tanto individual como coletiva. As questões se referiam a morfologia do mosquito *Aedes aegypti*, seu ciclo de vida, possíveis criadouros, medidas de prevenção, manifestações clínicas e tratamentos associados à doença.

A aula teórica compreendeu uma abrangente exposição da temática, sendo utilizados principalmente recursos visuais, com apresentações de *slides*, enriquecidas com imagens, infográficos e vídeos animados.

Já as metodologias alternativas empregadas envolveram a utilização de um modelo didático representando o *Aedes aegypti* (Imagem 1), destacando a morfologia do mosquito.

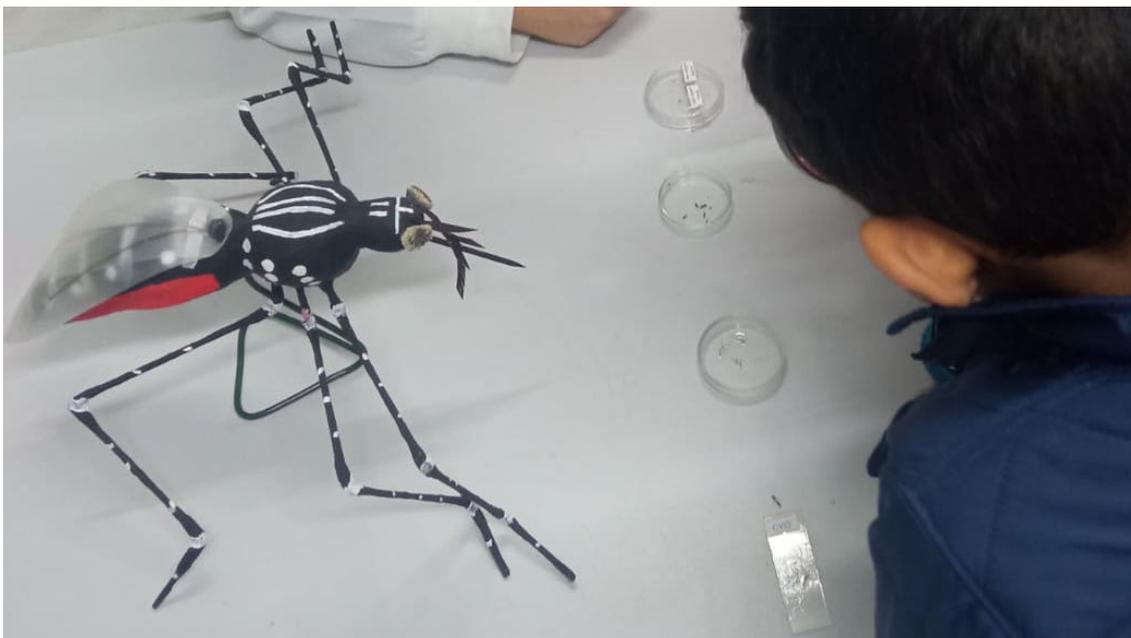


Imagem 1: Modelos didáticos representando o *Aedes aegypti* e seu ciclo de vida.
Fonte: Projeto de Extensão Controle Ambiental da Universidade de Taubaté (2022).

Além disso, foram aplicadas duas dinâmicas complementares durante o processo de ensino. A primeira consistiu em um jogo de cartas intitulado "Xô Dengue" (Imagem 2), no qual foram apresentadas diversas ilustrações relacionadas a possíveis locais de reprodução do mosquito, e os alunos foram desafiados a discutir em pequenos grupos, correlacionando os criadouros com suas respectivas soluções.



Imagem 2: Jogo de cartas "Xô Dengue".
Fonte: Projeto de Extensão Controle Ambiental da Universidade de Taubaté (2022).

A segunda dinâmica, denominada "Desafio Dengue: é criadouro ou não?" (Imagem 3), envolveu a apresentação de objetos comuns encontrados no ambiente doméstico, sobre quais os estudantes deveriam refletir se poderiam servir como criadouros para o mosquito. Após a resposta dos alunos, água era acrescentada a esses objetos, e caso ocorresse seu acúmulo, eles eram caracterizados como um criadouro, com isso, as crianças deveriam propor soluções adequadas para a situação, sendo estimulado o pensamento crítico de cada uma em relação a essas questões.



Imagem 3: Dinâmica "Desafio Dengue: é criadouro ou não?"

Fonte: Projeto de Extensão Controle Ambiental da Universidade de Taubaté (2022).

Resultados

Os resultados revelaram que a aula teórica associada ao uso de modelos didáticos e jogos foi bem-sucedida em envolver os alunos.

A aula teórica desempenha um papel crucial no processo educacional, uma vez que permite a transmissão organizada e estruturada de informações, fornecendo a base de conhecimento necessária para compreender conceitos e desenvolver habilidades que serão postas em prática posteriormente.

A abordagem que incorporou o modelo didático permitiu que os alunos visualizassem de maneira concreta a morfologia do mosquito *Aedes aegypti* e o ciclo de vida do vetor, o que facilitou a assimilação desses conteúdos.

Além disso, a utilização de jogos educativos, como o "Xô Dengue" e o "Desafio Dengue: é criadouro ou não?", incentivou a participação ativa dos estudantes, sendo que muitos alunos apresentaram soluções criativas para combater o mosquito vetor, demonstrando um bom entendimento sobre as medidas preventivas.

Durante as apresentações dos modelos e brincadeiras com os jogos, ficou evidente que os alunos haviam internalizado os conceitos fundamentais trabalhados, incluindo a transmissão da dengue e os sinais de alerta.

Tais abordagens também promoveram um ambiente de aprendizado colaborativo, em que as crianças trabalharam em equipe, discutindo ideias e compartilhando conhecimentos, ocorrendo uma grande troca de informações e perspectivas, enriquecendo a experiência de aprendizado.

A interação ativa e a colaboração entre os estudantes permitiram que eles se beneficiassem mutuamente, compreendendo os conceitos de forma integral, adquirindo habilidades de resolução de problemas e comunicação eficaz. Os modelos didáticos e jogos não apenas transmitiram informações eficientemente, mas também incentivaram a participação dos alunos no processo educacional.

Voltando-se a participação de estudantes de graduação em projetos de extensão, é inegável o quanto tal experiência enriquece significativamente a formação pessoal e acadêmica do indivíduo, visto que tais projetos representam uma oportunidade valiosa para os estudantes aplicarem os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula a situações práticas, além de fortalecer a compreensão de conceitos teóricos e capacitá-los a lidar com múltiplos desafios.

Também é o promovido no estudante o senso de responsabilidade social, empatia, cuidado, compromisso com o próximo, sendo oportunizada a chance de melhorar a qualidade de vida da comunidade.

Ademais, a colaboração em projetos de extensão desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades interpessoais, visto que os graduandos interagem com uma equipe multidisciplinar e trabalham em estreita colaboração com membros da comunidade.

Conclusão

O uso de modelos didáticos e jogos lúdicos em apoio à aula expositiva para o ensino da dengue no ensino infantil se mostrou uma estratégia eficaz, podendo ser destacada a importância do emprego de métodos educativos alternativos para abordar tópicos complexos envolvendo a saúde pública nas escolas de forma mais dinâmica e envolvente.

Destaca-se a importância de abordar questões de saúde pública desde a infância, contribuindo para uma conscientização precoce sobre tais questões e estimulando práticas de prevenção que podem perdurar ao longo da vida, contribuindo para a comunidade como um todo.

Ao capacitar os alunos a entenderem e prevenirem a propagação da dengue, o projeto contribui para a formação de uma sociedade mais saudável e responsável.

A participação em projetos de extensão é uma experiência enriquecedora e transformadora para todos os envolvidos, em especial para os estudantes universitários, preparando-os para se tornarem profissionais mais completos, cidadãos mais engajados e conscientes de seu papel na sociedade, beneficiando a comunidade como um todo.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO “FOCO NA MENTE” AOS CALOUROS DE MEDICINA: ACOLHIMENTO E CRIATIVIDADE

Ana Laura Vilas Bôas Gonçalves

Acadêmica - Curso de Medicina UNITAU

Julia Ribeiro Faria

Acadêmica - Curso de Medicina UNITAU

Julia Ribeiro Guimarães Araújo

Acadêmica - Curso de Medicina UNITAU

Vitória Paparelli Bindel

Acadêmica - Curso de Medicina UNITAU

Fernanda da Costa Zöllner

Psicóloga e Advogada

Mestranda em Desenvolvimento Regional - UNITAU

Maria Stella Amorim da Costa Zöllner

Profa. Dra. Titular de Patologia Geral

Instituto Básico de Biociências - UNITAU

Introdução:

O projeto de extensão da Universidade de Taubaté inicialmente denominado “Projeto de atenção à saúde mental do acadêmico do Campus do Bom Conselho e cliente psiquiátrico do ambulatório de Psiquiatria do Hospital Municipal Universitário de Taubaté”, que com o evoluir dos trabalhos realizados passou a ser conhecido como Projeto “Foco na Mente”, começou a atuar logo no início de um contexto pandêmico de angústias e de inseguranças (Cabezas et al. (2022)³¹ por parte de pacientes, de alunos, de professores e de uma população mundial isolada socialmente.

Durante o período da pandemia de COVID 19, o Projeto “Foco na Mente”, que havia sido planejado para atuar em ações presenciais, teve que se reinventar, passando suas atividades para modelos diferentes durante o período de isolamento social, utilizando plataformas para reuniões de trabalho e capacitação da equipe e redes sociais para atividades educativas em saúde mental e acolhimento de pessoas em diversas situações de saúde mental através de uma rede de psicólogos voluntários. Dessa forma, o projeto modificou suas ferramentas e locais de trabalho e cresceu de forma expressiva, atendendo público de redes sociais em geral e pessoas de 10 estados brasileiros e de outros países.

³¹ Cabezas, V. et al. Bienestar Docente durante la Pandemia de COVID-19 en Chile: Demandas y Recursos para Afrontar la Angustia Psicológica. Psykhe, 2022.

Com o passar dos anos, sobretudo diante do período de cumprimento da resolução 7, de 18 de dezembro de 2018, do MEC (Ministério de Educação e Cultura)³² que tornou obrigatório o cumprimento de horas extensionistas por todos os estudantes de ensino superior, o Projeto "Foco na Mente" demonstrou-se como um espaço relevante de realização da curricularização da extensão, destacando-se sobretudo por ocasião do início do segundo semestre de 2023, ocasião na qual a segunda turma dos cursos superiores ingressava na Universidade de Taubaté (UNITAU) desde o momento da citada exigência nacional.

Em outras palavras, uma primeira turma já integrada ao projeto extensionista de escolha seria capaz de receber, de acolher e de ajudar seus colegas diante da experiência adquirida ao longo dos seis meses iniciais de 2023.

Com tais considerações em mente, no dia 02 de agosto de 2023, às 10h e às 10h30, respectivamente, alunos de Medicina da Universidade de Taubaté dos *campi* Caraguatuba e Taubaté, das turmas 02 e 66, apresentaram o Projeto "Foco na Mente" aos calouros, por sua vez, das turmas 03 e 67.

Justificativa:

Além de uma contribuição, por parte do projeto, à comunidade e aos alunos e demais membros da comunidade acadêmica, a produção deste artigo visa o compartilhamento de um trabalho a ser utilizado como inspiração para a produção de atividades extensionistas por demais leitores do meio científico.

Apesar das diferenças, sobretudo em relação à temática, o trabalho de Pereira et al. (2019)³³ exemplifica a dificuldade do estabelecimento de projetos extensionistas, pelas instituições, desde o período quando se estabeleceu a resolução supracitada. Evidências práticas, diante da ausência de material na literatura que comprove, apontam o não desenvolvimento das práticas curriculares ao longo das instituições e somam-se ao contexto de necessidade, por outros leitores, em conhecer a realidade de

³² MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR RESOLUÇÃO No 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018 (*) (**). [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf>.

³³ Pereira, J. C. et al. A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR COMUNITÁRIA. ConTexto - Contabilidade em Texto, v. 19, n. 43, 25 nov. 2019.

projetos extensionistas e de suas atuações a fim de se possibilitar uma única mudança: o início das atividades. As múltiplas realidades dentro do território nacional, também, dialogam com este texto e justificam a importância de se reconhecer práticas e, principalmente, de aplicá-las conforme as diversidades regionais.

Objetivos:

Relatar a vivência extensionista dos acadêmicos participantes Projeto "Foco na Mente" para planejar, construir e aplicar uma atividade de acolhimento aos alunos ingressantes no Curso de Medicina UNITAU nos *campi* Caraguatatuba e Taubaté, para auxiliá-los no início da vida acadêmica, numa ocasião transformadora de suas vidas.

Com a atividade desenvolvida objetivou-se também despertar o interesse dos novos alunos quanto à extensão universitária, e, especificamente quanto ao trabalho do Projeto "Foco na Mente".

Metodologia:

O presente trabalho contruiu-se na modalidade relato de experiência extensionista.

Resultados:

Evidencia-se que ocorreu, em Caraguatatuba, uma dinâmica de interação entre os alunos e, em Taubaté, uma prática de meditação e que ambas apresentaram o Projeto "Foco na Mente" aos alunos ingressantes de Medicina UNITAU. Igualmente, através dessas atividades, a serem detalhadas abaixo, o objetivo de promover interesse em relação ao projeto se estabeleceu, de modo especial, frente à resolução do MEC quanto à curricularização da extensão, como primeira consideração nesta seção do presente trabalho.

Sequencialmente, ao demonstrar detalhes, no que tange ao funcionamento da extensão e da motivação de seu surgimento, dentre as informações compartilhadas, detalhadas na seção abaixo, demonstra-se a promoção de interesse em relação ao projeto para aqueles para quem foi apresentado.

Nesse caso, ressaltaram Jacobi et al. (2009)³⁴ que apontam em seu trabalho a importância da interação entre as turmas como forma de engajamento e, numa última instância, sustentada pela tese de Dewes (2023)³⁵, a imprescindibilidade da comunicação entre os alunos como forma de convencimento à permanência dos novos membros na comunidade acadêmica.

Desse modo, experiências dos próprios membros do Projeto "Foco na Mente" diante do Curso de Medicina, sobretudo no que diz respeito às formas de se adaptar, conectar-se e de se relacionar na nova realidade dos ingressantes, foram abordadas nas falas dos acadêmicos extensionistas de forma a propiciar maior empatia aos ingressantes. De fato, suporte emocional, tanto para os novos envolvidos quanto para os demais estudantes do curso em geral, contempla algumas das motivações iniciais do projeto extensionista, como citadas anteriormente e delineadas por egressos do próprio curso de Medicina da Universidade de Taubaté.

Exigência e preocupações diante de expectativas, por exemplo, uma vez existentes no cotidiano dos graduandos, tornam-se assuntos a serem abordados não somente pela necessidade vislumbrada do idealizador aos atuais participantes do "Foco" (como é popularmente chamado), mas como parte do novo contexto no qual os membros das turmas 03 e 67 de Medicina UNITAU se encontram.

A respeito do campus de Caraguatatuba, foi realizada uma apresentação do projeto, previamente à dinâmica realizada. Através da abordagem de tópicos, como a explicação sobre projetos extensionistas, sobre o próprio Projeto "Foco na Mente", sobre sua atuação e sobre seu trabalho com publicações em redes sociais. Feita essa introdução, foi proposto, pelos integrantes da turma 02 aos alunos ingressantes da turma 03, como parte do elemento de criatividade, uma dinâmica cujo funcionamento propôs uma reunião de interesses pessoais entre os participantes sob a perspectiva de promover, assim, uma maior integração entre os presentes através de suas afinidades.

³⁴ Jacobi, P. R.; Tristão, M.; Franco, M. I. G. C. A função social da educação ambiental nas práticas colaborativas: participação e engajamento. Cadernos CEDES, v. 29, p. 63–79, 1 abr. 2009.

³⁵ Dewes, M.; De Fátima, M. RETÓRICA, COMUNICAÇÃO E CONVENCIMENTO. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/download/1474/1624>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Desse modo, o grupo com maior número de coincidências (de interesses em comum) ganhou um chocolate como forma de recompensa ao participar do evento.

Já no Campus do Bom Conselho em Taubaté, um discurso inicial de uma aluna da turma 66, participante do Projeto "Foco na Mente", sobre a iniciação ao Ensino Superior na vida dos calouros foi seguido por uma atividade de meditação, promovida por uma das psicólogas voluntárias do projeto. Em sequência, uma apresentação em *slides* contou com as explicações da professora coordenadora e de acadêmicas extensionistas membros do projeto, inclusive sobre suas experiências e suas expectativas diante do futuro das atividades extensionistas. A organização desse evento teve como divisão das três citadas etapas um destaque para os reconhecidos benefícios do momento de criatividade e, em especial, de relaxamento frente à meditação, como Assis (2013)³⁶ confirma em sua tese.

Tanto durante a dinâmica realizada no Campus de Caraguatatuba, como ao final da meditação, em Taubaté, cita-se como foram registradas as respectivas reações dos novos graduandos. A turma 03 de Caraguatatuba descreveu-se animada, participativa e interativa, e comunicava-se bastante entre os seus colegas desde o momento quando foram divididos em grupos. Após o tempo estimado de 5 minutos, a intensidade das reações demonstrou-se amplificada já que a turma se demonstrava ansiosa para saber os resultados, apesar do fato que apenas um grupo ganharia o "prêmio". A turma 67 de Taubaté teve, por sua vez, registros de reações semelhantes relativas ao evento e, também, identificadas por meio de fotografias.

Em especial, ambas as apresentações, que precederam outras atividades específicas de cada turma, destacaram características de acolhimento e de ajuda à comunidade acadêmica, por parte do projeto. Desta forma, do surgimento do projeto aos objetivos em andamento e em projeção futura, o propósito do grupo de extensão mantém-se no decorrer do tempo.

Enfaticamente, as publicações informativas nas redes sociais e as reuniões, que contribuem para o desenvolvimento do projeto, realizadas entre voluntários, coordenadora e graduandos foram detalhadas.

³⁶ Assis, D. DE. Os benefícios da meditação: melhora na qualidade de vida, no controle do stress e no alcance de metas. *Interespe.*, n. 3, p. 73–83, 2013.

Ao final, acadêmicos extensionistas de ambos os *campi* apresentaram e prontificaram-se a falar das dificuldades e das ansiedades relacionadas ao curso, realidades consumadas pela literatura (Silva et al. 2021)³⁷. Esses tópicos, não somente se relacionam aos demais assuntos presentes, como exigências e preocupações no curso de Medicina, mas dialogam com expectativas, experiências e objetivos formalizados no decorrer das falas dos membros do "Foco na Mente" presentes no dia.

A informação compartilhada com os calouros, somada às atividades de dinâmica (Imagens 1 e 2) e meditação (Imagem 3), propiciadas por voluntárias do projeto, tiveram como resultado uma grande procura do projeto por parte dos alunos ingressantes no Curso de Medicina da universidade no segundo semestre de 2023, bem como a criação, por parte dos membros do projeto, de formas de recepção e de seleção para novos ingressantes, já

que, ao mostrar atividades que fogem do padrão tradicional de ensino, ou seja, aulas clássicas, a curiosidade foi despertada nos calouros.

Percebeu-se excelente receptividade e participação dos alunos ingressantes nas atividades de acolhimento realizadas tanto no Campus Caraguatatuba (Imagem 2), quanto no Campus Taubaté (Imagem 4).

Foram também levantadas várias perguntas por parte dos calouros, para os participantes do projeto, sobre as formas de entrar no Projeto "Foco na Mente", bem como o funcionamento das outras atividades de extensão, uma vez que as horas de trabalho de extensão são fundamentais para a graduação dos alunos do Curso de Medicina e dos estudantes universitários brasileiros em sua totalidade.

³⁷ Silva, J. A. et al. Ansiedade em estudantes de medicina no Brasil: uma revisão sistemática / Anxiety in medical students in Brazil: a systematic review. Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 6, p. 23977–23996, 8 nov. 2021.



Imagem 1: Alunas extensionistas voluntárias e alunos ingressantes no Curso de Medicina Caraguatatuba durante a dinâmica aplicada.
Fonte: Projeto Foco na Mente, 2023



Imagem 2: Alunos ingressantes no Curso de Medicina UNITAU Caraguatatuba após a dinâmica aplicada.
Fonte: Projeto Foco na Mente, 2023



Imagem 3: Psicóloga voluntária Fernanda Zöllner no momento da prática de meditação, Campus do Bom Conselho, Taubaté.
Fonte: Projeto Foco na Mente, 2023.



Imagem 4: Alunos ingressantes no Curso de Medicina UNITAU Taubaté após a meditação.
Fonte: Projeto Foco na Mente, 2023.

Conclusão:

Diante do trabalho de ressignificação do Projeto "Foco na Mente", após o contexto de pandemia de COVID-19, conclui-se que os principais objetivos da apresentação aos calouros foram alcançados. Receptividade, acolhimento e informações sobre a obrigatoriedade do cumprimento de horas extensionistas encontram-se detalhados abaixo.

As explicações sobre o projeto e sobre a resolução do MEC sobre curricularização da extensão, juntamente com a resolução das dúvidas por parte dos presentes, exemplificam a familiarização de assuntos conquistada pelos alunos.

Além disso, observou-se que a dinâmica em Caraguatatuba e a meditação em Taubaté surtiram efeitos positivos nos alunos que assistiram à apresentação. Como elementos de criatividade, seus resultados favoráveis foram registrados e podem ser incluídos numa análise mais aprofundada diante dos benefícios de suas respectivas atividades.

Sob a ótica do acolhimento, o tema sobre dificuldades, por exemplo, abordado para os novos colegas, sustenta a tese de que tal objetivo foi alcançado, também. Afinal, similar às consequências das explicações citadas (acima e abaixo), a tentativa resultou em perguntas e participação por parte dos integrantes das turmas 03 e 67.

Por fim, no cenário do interesse dos calouros como objetivo, há uma expectativa positiva para a entrada de novos membros (das turmas 03 e 67) para o projeto. Algo que caberá aos integrantes do "Foco na Mente" discutirem, por meio das reuniões semanais, sobre os mecanismos para os próximos rumos desse projeto extensionista.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE O MARÇO LILÁS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ACADÊMICAS DE MEDICINA

Beatriz Moreira Garcia (Universidade de Taubaté)

Gabriela Torino dos Reis (Universidade de Taubaté)

Giovanna Cazu Rosa (Universidade de Taubaté)

Julia de Jesus Pereira de Andrade (Universidade de Taubaté)

Leticia Alessandra Santiago (Universidade de Taubaté)

O projeto Lenço Azul foi criado pela psicóloga Flávia Cabral com o intuito de ser um grupo de terapia e apoio emocional para os pacientes oncológicos, onde encontram amparo em meio a um momento sensível. Além disso, esse projeto traz informação tanto para esses indivíduos quanto para os familiares que o acompanham. Em março, os organizadores desse evento se preocuparam em trazer o tema câncer de colo de útero em pauta, já que é o mês de conscientização e combate a esse tipo de câncer. Assim, a palestra Março Lilás realizada pelas alunas do curso de Medicina da Universidade de Taubaté foi uma campanha de promoção de saúde e alerta às mulheres do projeto Lenço Azul sobre a importância dos exames ginecológicos regulares para evitar essa doença, uma vez que, se detectado precocemente, o câncer de colo de útero pode ser tratado e curado. Visto que a educação em saúde pode ser considerada uma das principais ações na promoção da saúde. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é relatar a experiência das acadêmicas de medicina da Universidade de Taubaté na participação do projeto lenço azul. Como metodologia, valemos da síntese e preparação do conteúdo da aula expositiva que ocorreu no dia 31 de março de 2023, por meio de artigos científicos do PubMed e Scielo, visando uma linguagem clara e sucinta para envolver todos os tipos de pessoas, focando na amostra que participa de forma recorrente no projeto lenço azul. Um dos principais desafios identificados durante a participação foi o receio em trazer um debate sobre câncer para pacientes em tratamento oncológico. Além disso, outro desafio encontrado no desenvolvimento do projeto foi a adequação da linguagem utilizada para trazer ao público presente informações de forma clara, breve e simplificada. Conclui-se, portanto, que a palestra pode ser inserida como uma ferramenta de educação em saúde, pluralizando o modo de informar os pacientes e socializando os conhecimentos acadêmicos, sendo de relevante importância para a formação médica. Este projeto desempenha uma função social de apoio às pacientes oncológicas, e a palestra ministrada pelos alunos auxiliou a promoção do conhecimento a respeito do câncer de forma simplificada.

Palavras-chaves: Educação em saúde; Câncer; Acadêmico de Medicina.

PROJETO HOSPITAL DO URSINHO: A IMPORTÂNCIA DE DESMISTIFICAR A IDEIA DE QUE IR AO DENTISTA É ALGO ASSUSTADOR

Bruna Sevilha Medeiros (Universidade de Taubaté)

Marianna Vaz Boechat De Azevedo (Universidade de Taubaté)

Yasmin Monique de Paiva Campos (Universidade de Taubaté)

Juliana Guimarães dos Santos (Universidade de Taubaté)

Maria Stella Amorim da Costa Zöllner (Universidade de Taubaté)

O medo de cirurgiões dentistas é presente há séculos. Anteriormente a prática odontológica era antiquada, usada, em algumas sociedades, até mesmo, como penalidade para ações que violassem as leis, retratando desse modo, a imagem do profissional dentista de forma negativa. Muitas pessoas têm medo de ir ao dentista por causa de uma experiência anterior ruim. Nas crianças esse medo também está presente, sendo que alguns pais chegam a pensar em adiar ou cancelar a consulta odontológica da criança caso ela esteja ansiosa para a visita e outros pais já adiaram ou cancelaram efetivamente a consulta do filho devido ao medo demonstrado pela criança. Nessa perspectiva, o Projeto Educando em Saúde com Amor: Hospital do Ursinho tem o objetivo de promover intervenções coletivas que ensinam comportamentos saudáveis para as crianças alcançarem bem-estar físico, mental, ocupacional sempre de forma atrativa, atenciosa e didática. As atividades de orientação de higiene bucal e escovação dentária entre outras ações educativas que visam bem-estar social são aplicadas em escolas municipais de Taubaté SP. No 1º semestre de 2023 foram desenvolvidas atividades nas escolas, um evento no Sítio do Pica Pau Amarelo e postagens no Instagram com temas relacionados à saúde bucal. Em todas as atividades distribuíram-se panfletos informando a rede social do Hospital do Ursinho para que as pessoas pudessem acessar postagens diversas sobre saúde, atraindo a população para a importância do cuidado à saúde de uma forma lúdica, a fim de diminuir o medo dos profissionais de saúde e incentivar a ida das crianças ao consultório odontológico. Em uma das escolas desenvolveu-se uma atividade participativa chamada “Amigos do Dente”, sendo criada uma fábula sobre o que o “dentinho gosta e não gosta”, como por exemplo o dentinho gosta da pasta de dente, escova, fio dental e não gosta de restos de alimentos e mau hálito. Logo depois, foram entregues para todos os alunos uma boca aberta cortada em cartolina para que as crianças pudessem cuidar e montar sua própria boquinha com algodões cortados simulando dentes, além de ensinar a escovação

correta no final da atividade. Muitas crianças relataram que têm medo de dentista, mas alegaram que escovavam o dente com frequência mesmo isso sendo contraditório, pois foi percebido que tinham cáries nos dentes anteriores. Desta forma, é visível a necessidade de intervenção educativa para com as crianças, desde atividades como essas realizadas, inserindo a criança num lugar de conforto, aprendendo que o dentista tem um papel de heroísmo e será perceptível uma melhora na ansiedade em relação à ida ao consultório odontológico. Por fim, o objetivo da educação na saúde fica mais complexo do que apenas estimular e ensinar uma escovação correta, envolvendo mudança de comportamentos. Para isso é necessário ocupar os espaços da comunidade e analisar quais são as demandas e necessidades coletivas e individuais para que os futuros profissionais da área saibam como lidar com situações de desconforto do paciente, tratando da melhor forma para que não haja nenhum trauma.

Palavras chave: Odontologia. Bem-estar. Estímulo. Comportamento. Hospital do Ursinho.

DIMENSÕES DA ONCOLOGIA E O CUIDADO DE ENFERMAGEM NA TERMINALIDADE DA VIDA: IMPACTO DO SETOR NA SAÚDE MENTAL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM

Angélica Maria Veloso Santos

Universidade de Taubaté

Departamento de Enfermagem e Nutrição

angelicamvsantoss@gmail.com

Profª Ms. Sabrina Ferreira Monteiro Morais

Universidade de Taubaté

Departamento de Enfermagem e Nutrição

fmmsabrina@gmail.com

Profª Dra. Vania Maria de Araújo Giaretta

Universidade de Taubaté

Departamento de Enfermagem e Nutrição

vania_giaretta@yahoo.com.br

Resumo

A assistência de enfermagem ao paciente visa a prevenção e o controle de doenças por meio da educação em saúde e prestação de serviço com propriedade. No entanto, as neoplasias malignas geralmente estão associadas às condições genéticas, influências dos hábitos de vida e individualidades de cada organismo uma vez que o corpo humano é sujeito há diversas alterações, condições do meio ambiente, influências físicas e sociais, ou seja, os fatores de risco. A terminalidade da vida pode ser definida como o processo em que há o esgotamento das possibilidades de reconstituição das condições de saúde integral do paciente e, dessa forma, a morte torna-se previsível e irremediável. Ressalta-se a importância do enfermeiro como parte integrante da equipe de saúde com finalidade de construir estados de vitalidade, atuando na prevenção, no controle dos desequilíbrios e na promoção dos cuidados paliativos. Levando em consideração o cenário e as responsabilidades, é de extrema relevância a saúde mental do enfermeiro para a qualidade da assistência, coordenação da equipe de enfermagem e enfrentamento desta doença. Este trabalho tem como objetivo de identificar os danos à saúde mental da equipe de enfermagem nos cuidados aos pacientes, bem como as consequências do estresse ocupacional, convívio com os pacientes e o desfecho clínico. Os resultados pontuaram as dificuldades dos profissionais frente ao setor e suas características. Nesse sentido, evidencia-se o impacto da especialidade na saúde mental da equipe de enfermagem, tendo em vista que a mesma atua nos cuidados diretos aos pacientes com neoplasias malignas e requer saúde mental e física para a assistência de

qualidade ao cliente. Conclui-se que é de suma importância discutir tal questão uma vez que afeta a saúde pública e promover cenários que diminuam as repercussões do setor na saúde psíquica, física e social da equipe de enfermagem.

Palavras-chave: “Enfermagem”. “Oncologia”. “Saúde Mental”.

Introdução

Segundo Wanda Aguiar Horta, uma notável enfermeira que introduziu os conceitos do Processo de Enfermagem no Brasil, a enfermagem pode ser definida como “a ciência e a arte de assistir ao ser humano (indivíduo, família e comunidade), no atendimento de suas necessidades básicas; de torná-lo independente desta assistência, quando possível, pelo ensino do autocuidado, de recuperar, manter e promover sua saúde em colaboração com outros profissionais” (HORTA, 1974).

Nesse sentido, a assistência de enfermagem ao paciente visa a prevenção e o controle de doenças por meio da educação em saúde e prestação de serviço com propriedade. No entanto, as neoplasias malignas geralmente estão associadas às condições genéticas, influências dos hábitos de vida e individualidades de cada organismo uma vez que o corpo humano é sujeito há diversas alterações, condições do meio ambiente, influências físicas e sociais, ou seja, os fatores de risco (INCA, 2019).

Assim, as condições de neoplasias malignas se enquadram na descrição de alteração fisiológica, tal qual é o resultado da proliferação anormal de células diferenciadas que, dependendo da localização, causa dor e/ou compromete o funcionamento de alguma estrutura. Esse cenário pode ser tratado através da linha tradicional com radioterapia, quimioterapia e, eventualmente, cirurgia e transplante de medula óssea (INCA, 2019), entretanto, muitas vezes a morte é irremissível.

Com isso, a terminalidade da vida pode ser definida como o processo em que há o esgotamento das possibilidades de reconstituição das condições de saúde integral do paciente e, dessa forma, a morte torna-se previsível e irremediável. Nesse viés, o estabelecimento da aceitação em relação a patologia e do estado de saúde reflete na possibilidade de oportunizar práticas e atitudes a fim de melhorar a qualidade de vida e o entendimento do processo até o desfecho da vida, os cuidados paliativos (INCA, 2019).

A comunicação representa uma habilidade essencial que os profissionais de saúde devem dominar no cotidiano uma vez que desempenha um papel crucial na

construção do mutualismo e serve como um indicador vital para avaliar a qualidade dos cuidados prestados. Essa habilidade é requerida em todas as atividades de enfermagem, exercendo uma influência direta na maneira como os profissionais interagem com os pacientes. Durante o processo de hospitalização, é necessário que os profissionais adotem abordagens profissionais em relação aos pacientes que estão sob seus cuidados, de forma a contribuir para a melhoria da qualidade da assistência de enfermagem (PONTES et. al, 2008).

A equipe de enfermagem deve demonstrar um compromisso inabalável com a saúde e o bem-estar do indivíduo, exercendo sua função de maneira autônoma e em estrita conformidade com os princípios éticos estabelecidos no código profissional e as normas regulamentares de sua profissão. Esse comprometimento está claramente definido na resolução 564/2017 do Conselho Federal de Enfermagem – COFEN (COFEN, 2017).

O profissional de enfermagem ao cuidar do paciente oncológico convive com alto grau de comprometimento emocional, uma vez que se deparam com indivíduos que realizam tratamentos prolongados, com diversos efeitos adversos e dificuldades, como alterações nas atividades de vida diária, autoimagem, autoestima e necessidades humanas básicas, além das experiências de finitude da vida (BORDIGNON et. al, 2015).

Entendendo este processo de vínculo e cuidado entre profissional de enfermagem e paciente, somando a estimativa mundial no ano de 2020, ocorreram cerca de 19,3 milhões de novos casos de câncer (excluindo o câncer de pele não melanoma) e quase 10 milhões de óbitos por câncer (excluindo o câncer de pele não melanoma) em todo o mundo (SUNG et. al, 2020). No Brasil, segundo os dados do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) estima-se para cada ano do triênio 2023/2025 a ocorrência de 704 mil novos casos (excluídos os casos de câncer de pele não melanoma) (INCA, 2022)

Estes dados vêm destacar a importância de profissionais capacitados, seguros e predispostos para o enfrentamento desse grave problema que possui uma grande proporção na incidência no mundo.

Dessa forma, ressalta-se a importância do enfermeiro como parte integrante da equipe de saúde com finalidade de construir estados de vitalidade, atuando na prevenção, no controle dos desequilíbrios e na promoção dos cuidados paliativos, por

meio de um atendimento de forma integral, focando nas Necessidades Humanas Básicas Afetadas (NHBA) dos clientes, bem como de seus familiares, buscando reconduzir a situação de equilíbrio dinâmico no tempo e espaço (FERNANDES et al, 2013).

A atuação desses profissionais ultrapassa a recuperação e abrange os âmbitos sociais, mentais e físicos, ou seja, as necessidades biosociopsicossociais, impactando diretamente a saúde pública (OLIVEIRA et. al, 2015).

O cuidado ao paciente não se limita apenas à atenção física, mas, também ao cuidado psicológico, social, e muitas vezes até espiritual, formando assim um cuidado humanizado e um relacionamento mais próximo com os familiares, pacientes e profissionais. Tal olhar possibilita que o indivíduo seja capacitador das suas funções fisiológicas, compreenda o quadro patológico e promova o alívio do sofrimento a fim de promover a qualidade de vida, conforto e dignidade do paciente e de seus familiares¹¹.

O cuidado ao paciente não se limita apenas à atenção física, mas, também ao cuidado psicológico, social, e muitas vezes até espiritual, formando assim um cuidado humanizado e um relacionamento mais próximo com os familiares, pacientes e profissionais. Tal olhar possibilita que o indivíduo seja capacitador das suas funções fisiológicas, compreenda o quadro patológico e promova o alívio do sofrimento a fim de promover a qualidade de vida, conforto e dignidade do paciente e de seus familiares (FERNANDES et. al, 2013).

Compreender as necessidades dos pacientes e estabelece os cuidados paliativos, visando a assistência integral e isso proporciona à equipe uma atuação ampla e diversificada por meio da observação, análise, orientação para identificar os aspectos positivos e negativos com uma visão holística do indivíduo. Sendo assim, sobressai a importância do trabalho do enfermeiro no que tange o seu serviço e a diferenciação do cuidado e tratamento para as especificidades do grupo e o lidar do paciente frente a sua patologia (HERMES, LAMARCA, 2013).

Logo, o tratamento centra-se na qualidade de vida do cliente e seus familiares, trazendo benefícios e bem-estar ao cliente independente da doença, mas infelizmente somente 14% de 40 milhões de pessoas que precisam de cuidados paliativos os recebem (COSTA et. al, 2021). Nesse sentido, o comportamento do profissional tem influência no encarar do diagnóstico, no conforto durante o tratamento e sua relação com a doença.

Levando em consideração o cenário e as responsabilidades, é de extrema relevância a saúde mental do enfermeiro para a qualidade da assistência, coordenação da equipe de enfermagem e enfrentamento desta doença incidente e prevalente (ARAUJO et. al, 2021).

Com base nos artigos pesquisados, referente aos cuidados de enfermagem a estes clientes com câncer, fica o questionamento se o enfermeiro e sua equipe estão a todo momento em risco físico e emocional ao cuidar de clientes com câncer? O enfermeiro está preparado para atuar em cuidados paliativos?

Portanto, este trabalho justifica na busca de respostas a estes problemas descritos e a possibilidade de apresentar aos enfermeiros melhores medidas de aprimoramento, visando um atendimento de qualidade e saúde emocional a toda equipe.

Problema

A equipe de enfermagem se faz presente no decorrer de todo o processo, auxiliando no reconhecimento da doença, amparando o paciente em relação aos seus sentimentos, acolhimento, capacitação o indivíduo em relação à suas funções fisiológicas, educação em saúde e a aplicação das técnicas diante aos procedimentos de enfermagem, são realidades cotidianas dos profissionais (INCA, 2019).

Não somente, reconhece-se a realização do atendimento individualizado (FERNANDES et. al, 2013), sendo analisados as demandas de profissionais necessários, liderar equipe de enfermagem, planejar a assistência, educar e capacitar a equipe, gerenciar os recursos materiais, coordenar a realização dos cuidados, realizar o cuidado e/ou procedimentos complexos e avaliar os resultados das ações de enfermagem, conforme as particularidades da doença e do indivíduo (SILVA et. al, 2018).

Ademais, deve-se ressaltar a importância do trabalhador com um olhar especificado para proporcionar a sistematização da assistência de enfermagem eficaz pode resultar no alívio dos sintomas dos pacientes (SANTOS et. al, 2017). Em virtude disso, a discussão sobre o adoecimento dos trabalhadores se faz imprescindível uma vez que a relação com o ambiente ocupacional se efetua, muitas vezes, imprevisível em

relação ao tempo, tratamento e permanência do paciente aos cuidados da equipe (CARMO et. al, 2019).

O acompanhamento e enfrentamento da doença juntamente ao cliente e seus entes queridos, acarreta na exaustão psíquica do profissional. Não somente, o reflexo do trabalho impacta diretamente o trabalho dos enfermeiros, portanto, afeta a sua saúde física, mental e social (BRUM et. al, 2016).

Desse modo, um profissional com comprometimento da sua saúde acarreta em doenças caracterizadas por sintomas como fraqueza, sonolência fadiga, queda de cabelo, dor de cabeça, nervosismo, problemas respiratórios, sonolência, irritação nos olhos e diminuição da contagem de células sanguíneas (BRUM et. al, 2016) e compromete a rede de colaboração e prestação de serviço.

Objetivo

Objetivo Geral

Identificar os danos à saúde mental da equipe de enfermagem nos cuidados a pacientes, bem como as consequências do estresse ocupacional, convívio com os pacientes e o desfecho clínico. Outrossim, deve-se ressaltar e reunir as vivências, emoções e pontuações destes.

Objetivos Específicos

- Analisar as informações obtidas pelas pesquisas;
- Compreender os fatores do ambiente de trabalho, a relação da vida pessoal e profissional dos indivíduos, emoções e sentimentos relacionados;
- Mensurar as complicações fomentadas constantemente neste ambiente e impacto na assistência de enfermagem;
- Entender o impacto do diagnóstico, mudança de vida e sentimentos relacionados do paciente;
- Refletir acerca da saúde mental na área oncológica e o impacto da área nos profissionais.

Delimitação do estudo

A pesquisa centra-se na especialidade de oncologia, ambiente ocupacional, nos desafios e sentimentos dos profissionais de enfermagem.

Justificativa

Relevância do estudo

Este estudo trata a relevância e importância da discussão e reflexão da saúde mental dos enfermeiros em um ambiente oncológico, assim como sobre o impacto da oncologia nos pacientes e nos profissionais. Nesse sentido, situações ocupacionais como a sobrecarga emocional diante a rotina de trabalho, criação de vínculos entre profissional e cliente, empatia no cuidado e o acompanhamento nos processos de recuperação de saúde e/ou cuidados paliativos são, muitas vezes, inevitáveis. Dessa forma, o comprometimento da mecânica corporal devido às implicações trabalhistas, danos à saúde mental por conta do estresse, vivência dos cuidados paliativos, conexões com os enfermos e a relação da terminalidade da vida com o efeito na sua vida pessoal são circunstâncias de suma importância para a visualização do contexto dos atuantes na área. Tais questões, atingem diretamente a condição individual e resultam em agravos aos profissionais no que tange o gerenciamento da equipe de enfermagem e qualidade da assistência prestada.

Revisão de literatura

– Síntese dos artigos selecionados nesta revisão bibliográfica

Nº	Título / Ano Autor	Objetivo	Resultados e discussão	Conclusão
A18	Cuidar em Oncologia: Desafios e Superações Cotidianas Vivenciados por Enfermeiros 2019 Carmo RAL, Siman AG, Matos	Compreender as vivências e entraves do cotidiano por Enfermeiros na oncologia.	Por meio da entrevista com 13 indivíduos os resultados demonstraram que há questões positivas e negativas. O cotidiano estressante, cansativo, pesado, maçante	o artigo discute as estratégias de enfrentamento e superação adotadas pelos enfermeiros para lidar com esses desafios. Isso inclui o desenvolvimento de habilidades de comunicação

	RA, Mendonça ET.		<p>e carregado de sofrimento foram depoimentos apresentados durante as entrevistas. Os enfermeiros enfrentam desafios emocionais significativos, como lidar com diagnósticos difíceis, recidivas da doença e questões de terminalidade, bem como os sentimentos de impotência e incapacidade também são comuns, especialmente diante da impossibilidade de cura do câncer. tempo de experiência na área também influencia na capacidade de lidar com as dificuldades. Reconhecer que fizeram o melhor possível para seus pacientes é uma forma de enfrentar o sofrimento, e pode gerar o sentimento de dever cumprido.</p>	<p>sensíveis, o fortalecimento do apoio entre colegas de trabalho e a busca de suporte psicológico para lidar com o estresse associado ao cuidado oncológico. Os enfermeiros que atuam na oncologia devem desenvolver competências profissionais específicas, como sensibilidade, força emocional, determinação e maturidade. Ademais, lidam com situações complexas, dilemas éticos e morais, e o sofrimento dos pacientes e familiares. A falta de preparo na formação profissional para lidar com esses aspectos pode levar a sentimento de impotência e dificuldades no manejo das emoções.</p>
A20	O estresse no trabalho dos enfermeiros e	Analisar os danos à saúde associados ao	Foram utilizados questionários estruturados	É possível concluir que Danos físicos

	<p>enfermeiras em oncologia e os danos à saúde</p> <p>2019</p> <p>Nogueira, MLF.</p>	<p>estresse em enfermeiros que trabalham na área de oncologia.</p>	<p>multidimensionais, abordando informações sociodemográficas, relacionadas ao trabalho e à saúde. Os resultados do estudo revelaram que o estresse no trabalho estava significativamente e relacionado a várias variáveis, incluindo o tipo de contrato de trabalho, apoio social no trabalho e queixas de insônia. As dimensões do estresse que mais afetaram os enfermeiros foram as Relações Interpessoais e Fatores intrínsecos ao Trabalho.</p>	<p>estavam relacionados ao sexo, apoio social no trabalho, satisfação com a duração do sono e queixas de insônia. Danos sociais estavam associados à presença de parentes e ao desejo de abandonar a enfermagem. Danos psicológicos estavam relacionados ao desejo de abandonar a profissão, queixas de insônia e consumo de bebidas alcoólicas. Assim, confirma-se a hipótese de que existe uma associação significativa entre o estresse no trabalho e os danos à saúde dos enfermeiros que trabalham na área de oncologia. Isso destaca a necessidade de implementar ações de promoção da saúde no local de trabalho para melhorar o bem-</p>
--	--	--	---	--

				estar desses enfermeiros.
A21	<p>Esgotamento profissional e transtornos mentais comuns em enfermeiros oncológicos.</p> <p>2018</p> <p>Oliveira PP de, Amaral JG, Silva LS</p>	<p>investigar a presença da Síndrome do Esgotamento Profissional e Transtornos Mentais Comuns em enfermeiros oncologistas</p>	<p>Por meio da abordagem do estudo com os enfermeiros especializados em oncologia os resultados demonstram a prevalência de transtornos mentais comuns. A Síndrome do Esgotamento Profissional, dividiu-se os profissionais conforme a dimensão que se enquadravam. Não somente, foi encontrada uma correlação estatisticamente significativa entre uma das dimensões do Burnout e os Transtornos Mentais Comuns. O Burnout inclui sintomas como exaustão emocional, insatisfação no trabalho e despersonalização. Não somente, o texto destaca a falta de formação específica em oncologia para enfermeiros durante a graduação, o que pode ser</p>	<p>Destaca-se a importância de implementar medidas de prevenção e intervenção para abordar a Síndrome do Esgotamento Profissional nesses profissionais, a fim de ajudá-los a lidar com os desafios cotidianos associados ao trabalho em oncologia. Sugere-se a importância de programas de educação permanente, cursos de atualização e maior participação dos enfermeiros na tomada de decisões hospitalares.</p>

			preocupante, dada a complexidade dessa área.	
A22	<p>Ser Cuidador De Familiar Com Câncer</p> <p>2018</p> <p>Ferreira MLSM, Mutro ME, Conde CR, Marin MJS, Meneguim S, Mazzetto FMC.</p> <p>https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532018000100206</p>	Compreender a qualidade de vida dos familiares de um paciente com câncer	<p>Trata-se de um estudo sobre cuidadores de familiares com câncer, 14 entrevistados expressaram os pensamentos voltados à questão como a necessidade de aprendizado para cuidar de um paciente com câncer, a dificuldade de aceitar a situação e a importância do equilíbrio emocional para fornecer o cuidado adequado. Ademais, relatam a mudança as suas vidas pessoais, incluindo a dificuldade de equilibrar o cuidado com outras responsabilidades, restrições em sair de casa e impacto na sua saúde física. Não somente, há situações delicadas que são submetidos como a impotência diante da não</p>	<p>Os resultados indicaram que o câncer não afeta apenas a saúde do paciente, mas também tem repercussões significativas na vida dos cuidadores, incluindo sobrecarga emocional e física. Os cuidadores enfrentam desafios em conciliar o cuidado com suas vidas pessoais e relatam o sentimento de impotência diante da doença. No entanto, também experimentam sentimentos de gratidão por poderem cuidar de seus entes queridos. O estudo destaca a importância do apoio aos cuidadores de pacientes com câncer e a necessidade de uma abordagem mais integral e humanizada no cuidado dessas</p>

			<p>aceitação da doença pelo paciente, bem como a percepção da finitude associada ao câncer. Todavia, os cuidadores expressaram sentimentos de gratidão pelos cuidados recebidos pelos pais e uma inversão de papéis, onde cuidar dos pais se torna uma forma de retribuição.</p>	<p>famílias. Também enfatiza a importância da compreensão das necessidades dos cuidadores para garantir um cuidado eficaz e de qualidade para os pacientes com câncer e suas famílias.</p>
A23	<p>Dor em oncologia: percepção do paciente e dos profissionais de enfermagem.</p> <p>2017</p> <p>Predoso JKN, Diefenbach DG, Ilha S, Pereira FW, Gehlen MH, Nunes SS.</p>	<p>O câncer carrega danos e desgastes físicos e mentais e ter por consequência a dor. Visa-se entender tal sentimento para os pacientes oncológicos e o contexto familiar e dos profissionais de enfermagem.</p>	<p>Discute-se a percepção da dor em oncologia o ponto de vista dos pacientes em tratamento oncológico e do olhar dos profissionais de enfermagem que cuidam dele. O estudo envolveu 5 pacientes, 3 enfermeiros e 3 técnicos de enfermagem. Os pacientes relataram que descrever a dor que sentem pode ser difícil, pois ela é influenciada por fatores sociais, espirituais e emocionais. A dor é percebida de maneira</p>	<p>O estabelecimento de um vínculo entre pacientes e profissionais de enfermagem é fundamental, pois eles passam muito tempo juntos durante o tratamento. Os pacientes valorizam o apoio emocional e a interação humanizada proporcionada pelos profissionais de enfermagem. Por sua vez, os profissionais de enfermagem consideram gratificante cuidar de pacientes</p>

			<p>subjetiva, e cada pessoa a compreende e sente de forma única. A intensidade da dor também varia de acordo com o quadro clínico e a experiência individual de dor de cada paciente. Os profissionais de enfermagem se empenham para compreender o significado da dor para os pacientes e buscam aprimorar seus conhecimentos na área da oncologia.</p>	<p>oncológicos, procurando ouvir, dar atenção e proporcionar conforto. Ressalta-se a importância da pesquisa e do desenvolvimento de intervenções tecnológicas na área da enfermagem oncológica para melhorar o manejo da dor e o cuidado oferecido aos pacientes com câncer.</p>
A24	<p>Sentimentos de enfermeiros que atuam junto a pacientes com câncer em fase terminal</p> <p>2017</p> <p>Alencar DC, Carvalho AT, Macedo RL, Amorim AMNE, Martins AKL, Gouveia MTO.</p>	<p>Assimilar os sentimentos dos enfermeiros à terminalidade da vida.</p>	<p>Estudo realizado com 10 enfermeiros que trabalham com pacientes de câncer em estágio terminal que varia de 1 ano e 6 meses a 10 anos. Os discursos pontuaram os sentimentos positivos e negativos, os enfermeiros se deparam com situações em que o cuidado deve ser fornecido e o envolvimento emocional, como o apego, a</p>	<p>A morte é um fenômeno doloroso e os profissionais admitem a falta de preparado para enfrentar tal situação. Gera-se situações conflitantes e expõe os enfermeiros às situações desgastantes e reflete na saúde física e mental dos profissionais. Nesse sentido, faz-se necessário o apoio ao profissional de oncologia por parte da</p>

			<p>tristeza, sentimento de impotência e frustração, deve ser evitado. Em relação aos sentimentos positivos, estes relacionam-se ao desempenho dos enfermeiros diante do paciente com câncer em cuidados paliativos, o vínculo e a proximidade com o paciente e a família.</p> <p>Entretanto, os pensamentos de que o setor possui pacientes dos quais estão em situações com um desfecho determinado impacta os profissionais, gerando emoções negativas.</p>	<p>instituição, como a formação de grupos de apoio para profissionais com o propósito de compartilhar experiências e minimizar o sofrimento emocional. Como, também, proporcionar oportunidade de participarem de cursos de especialização e aprimoramento do conhecimento.</p>
A25	<p>Por trás dos sorrisos: sofrimento moral na oferta do cuidado oncológico</p> <p>2022</p> <p>Celich KLS, Lazzaroto PK, Souza SS, Araújo JS, Pauli ME, Conceição VM.</p>	<p>Entender os sentimentos dos enfermeiros na área oncológica</p>	<p>O cuidado vai além do aspecto clínico e se estende à esfera emocional dos pacientes e suas famílias.</p> <p>Compreendo que o trabalho nesse campo é culturalmente diferenciado devido ao estigma associado ao</p>	<p>Os profissionais muitas vezes enfrentam conflitos morais e dilemas emocionais ao equilibrar a busca pela eficácia clínica com o cuidado compassivo e respeitoso aos pacientes. O sofrimento moral entre os</p>

			<p>câncer, exigindo uma abordagem compassiva e moralmente comprometida. São necessários Comunicação empática e sensível. Gerenciamento do estresse e do sofrimento emocional. Cuidado integral ao paciente oncológico. Ética e moralidade no ambiente de trabalho. O sentimento de impotência diante do avanço da doença é mencionado como uma fonte significativa de desconforto e destaca-se a importância dos valores morais e éticos na prática de enfermagem, apesar dos desafios emocionais.</p>	<p>profissionais de saúde pode ser uma consequência inevitável da área oncológica, que frequentemente exige decisões difíceis sobre tratamentos agressivos, prognósticos complexos e a comunicação delicada com pacientes e familiares. É possível reconhecer que o sofrimento moral não é apenas uma questão individual, mas também uma preocupação sistêmica. A sociedade e as instituições de saúde têm um papel importante em fornecer apoio, treinamento, orientação ética e recursos para os profissionais enfrentarem esses desafios de maneira mais eficaz e ética.</p>
A26	Corporeidade de adoecidos oncológicos em cuidados paliativos	Entender os aspectos relacionados ao cuidado de familiares de	A presença de um familiar como cuidador demonstram dentre as suas	Descreveu-se os cuidados prestados às dimensões corporais de

	<p>domiciliares: a vivência de familiares cuidadores</p> <p>2018</p> <p>Martins RS, Júnior AJSC, Santana ME, Santos LMS.</p>	<p>pacientes com câncer em estágio terminal.</p>	<p>experiências a compreensão de que a cura não é possível e que a deterioração física pode apenas ser mitigada, embora frequentemente expressem um desejo imperceptível de uma possível recuperação física. Através das entrevistas, fica claro que zelar pelas dimensões corporais durante o processo de fim de vida é uma maneira de sentir que a existência do outro se completa, já que enquanto houver vida, cuidar é o mínimo que podem fazer para cumprir seu papel de familiar. Ocorre a preocupação com as necessidades humanas básicas afetadas. Para uma das entrevistadas o cuidar do corpo zela pela vida que os cercam e as relações fazem o ser adoecido sentir-se acolhido, perpassando pela alimentação, pelo</p>	<p>pacientes em cuidados paliativos domiciliares, do ponto de vista de familiares que desempenham o papel de cuidadores. As práticas de enfermagem devem proporcionar meios para um enfrentamento eficaz da doença, incentivando não apenas o cuidado com os aspectos físicos, mas também com as faculdades subjetivas do paciente. Durante as visitas, a equipe de saúde deve oferecer apoio biopsicossocial e emocional de forma equilibrada, preparando todas as partes envolvidas para o desfecho inevitável.</p>
--	--	--	---	---

			ar que se respira e organização do espaço ecológico.	
A27	<p>Retorno ao trabalho de trabalhadores de Enfermagem Oncológica após afastamento por transtornos mentais</p> <p>2014</p> <p>Penteado, PE.</p>	Compreender os relatos dos trabalhadores destacaram as conexões entre o trabalho e o surgimento de problemas de saúde mental	<p>Envolve-se as áreas de condições laborais, as situações vivenciadas pelos trabalhadores durante o período de afastamento, os desafios enfrentados ao retornar ao trabalho, o estigma associado a doenças mentais e as sugestões para melhorias. No que diz respeito às condições de trabalho, ficou evidente que a falta de dimensionamento adequado da equipe e as características intrínsecas ao setor de oncologia são percebidas pelos trabalhadores como fatores que contribuem para o desgaste mental no ambiente de trabalho. Quanto às situações vivenciadas pelos trabalhadores no momento do</p>	<p>Para que ocorram melhorias nos cenários apresentados uma revisão da rotina de trabalho, o aprimoramento do trabalho em equipe e um maior suporte à saúde mental dos trabalhadores. Destacou-se a necessidade de redesenhar a equipe de trabalho, levando em consideração as especificidades do setor de enfermagem em oncologia, combater o estigma das doenças mentais na instituição por meio de educação e desenvolver programas de apoio à saúde mental para os trabalhadores que enfrentam transtornos mentais.</p>

			<p>afastamento, os relatos revelaram que, embora problemas pessoais também estivessem presentes, o trabalho desempenhou um papel crucial no desenvolvimento de problemas de saúde mental. Os desafios enfrentados ao retornar ao trabalho, ficou claro que os trabalhadores encontraram dificuldades em retomar suas atividades de assistência direta ao paciente e em colaborar eficazmente em equipe. O estigma associado às doenças mentais foi uma questão que persistiu tanto antes quanto depois do afastamento, demonstrando uma falta de compreensão dos sintomas e da natureza crônica dos transtornos mentais.</p>	
--	--	--	--	--

Método

Tipo de pesquisa

O estudo contempla pesquisa bibliográfica do tipo Integrativa. As cinco fases da pesquisa foram desenvolvidas assim como descrito: 1ª Elaboração dos objetos para responder o problema; 2ª Estabelecer o ano de busca e implementar o instrumento de coleta; 3ª Elaborar a questão norteadora para a busca dos artigos; 4ª Estabelecer a forma de apresentar os dados; 5ª Redigir o trabalho e apresentar em congresso.

Foi realizada a coleta de informações por meio de artigos científicos, teses e dissertações para compreender o setor oncológico e Ambiente de atuação dos profissionais de enfermagem. O problema levantado deverá ser solucionado através de orientações sobre a importância do fortalecimento da inteligência emocional e administração dos sentimentos, bem como algumas práticas terapêuticas que estes profissionais podem aderir para diminuir sentimentos como ansiedade, estresse, esgotamento emocional e cansaço físico. Assim, deve-se ressaltar práticas em saúde para o alívio dos agravantes.

A busca dos artigos se deu pelo banco de dados da Biblioteca virtual em saúde (BVS) por meio das palavras chaves “Enfermagem; Oncologia e Saúde Mental” utilizou-se ainda o booleano “AND”.

Resultados e discussão

Diante da leitura e análise dos artigos selecionados pode-se compreender que a discussão a respeito do campo do cuidado é complexo e necessita de atenção. Dessa maneira, em uma esfera de tal incidência e prevalência, é preciso intensificar o olhar aos trabalhadores. Nesse sentido, o enfermeiro que atua na oncologia acompanha os pacientes durante os processos e coordena o setor e a equipe de enfermagem (SILVA et. al, 2018).

Assim, compreende-se que através da realização das pesquisas foi possível obter informações dos profissionais sobre suas vivências e sentimentos relacionados ao ambiente ocupacional, relacionamento entre profissional, família e paciente, assim como os fatores agravantes para os sentimentos decorrentes do cuidado ao paciente oncológico e a terminalidade da vida. Ressalta-se a necessidade de tratamento psíquico que descreverem indícios ou quadros de alarme, incentivar o autocuidado e boas

práticas para o alívio da tensão e estresse, bem como, proporcionar o apoio e acolhimento à tais sentimentos (NOGUEIRA, 2019)

Dessa forma, é possível apresentar orientações para minimizar os danos à saúde dos profissionais (PENTEADO, 2014). É de suma importância o fortalecimento da inteligência emocional e tratamento das emoções da equipe de enfermagem. Nesse sentido, quando estabelecido, acarreta no favorecimento da segurança dos pacientes no que tange a qualidade da assistência e gerenciamento da equipe de enfermagem (POTT et. al, 2013).

A comunicação da equipe de enfermagem com os pacientes se faz presente no decorrer do processo, a escuta ativa e empatia possibilita estabelecer o vínculo profissional entre os mesmos e acarreta em confiança e diminuição da insegurança e medo do cliente (POTT et. al, 2013). Outrossim, participa auxiliando no reconhecimento da doença, amparando o paciente em relação aos seus sentimentos, acolhimento, capacitação o indivíduo em relação à suas funções fisiológicas, educação em saúde e a aplicação das técnicas diante aos procedimentos de enfermagem, são realidades cotidianas dos profissionais (SILVA et. al, 2018).

Em virtude disso, a discussão sobre o adoecimento dos trabalhadores se faz imprescindível uma vez que a relação com o ambiente ocupacional se efetua, muitas vezes, imprevisível em relação ao tempo, tratamento e permanência do paciente aos cuidados da equipe, recursos limitados, altas expectativas, problemas nas relações interpessoais, organização do ambiente, sobrecarga de trabalho ao burnout (CELICH et. al, 2022).

O acompanhamento e enfrentamento da doença juntamente ao cliente e seus entes queridos, acarreta no dano psíquico do profissional (MARTINS et. al, 2018). Não somente, o reflexo do trabalho impacta diretamente as vidas pessoais dos enfermeiros, ou seja, a sua saúde física, mental e social (CARMO et. al, 2019) Desse modo, um profissional com comprometimento da sua saúde acarreta em doenças caracterizadas por esgotamento físico e mental (OLIVEIRA, AMARAL, SILVA, 2018)

Nesse sentido, torna-se imprescindível reestruturar a equipe, levando em conta as especificidades do desempenho das funções de enfermagem na área oncológica. Isso implica na redução do estigma associado às doenças mentais dentro da instituição. Além disso, é fundamental desenvolver iniciativas voltadas para o cuidado da saúde dos

profissionais que enfrentam transtornos mentais, propondo estratégias de atendimento e suporte adequadas (PENTEADO, 2014).

Com isso, por meio dos resultados, espera-se enriquecer a área com as informações referente ao tema e orientar profissionais e estudantes dessa especialidade aos cuidados, resiliência e prudência na oncologia.

Considerações finais

Conclui-se que a equipe de enfermagem é uma classe que acompanha e realiza os cuidados dos pacientes ao desfecho do quadro clínico. O acompanhamento do paciente diagnosticado com neoplasia maligna resulta em tratamentos que geram sintomas e sentimentos negativos e que, possivelmente a morte é irremissível são cenários comuns de tal cenário. Em virtude disso, a discussão sobre o adoecimento dos trabalhadores se fez imprescindível uma vez que a relação do ambiente ocupacional somados as condições ocupacionais disponíveis no ambiente de trabalho.

Quanto as doenças psicossomáticas descritas nos artigos pesquisados como ansiedade, estresse, esgotamento emocional e cansaço físico, bem como, fraqueza, sonolência fadiga, queda de cabelo, dor de cabeça, nervosismo, problemas respiratórios, sonolência, irritação nos olhos e diminuição da contagem de células sanguíneas, são sintomas associados ao ambiente oncológico e compromete a saúde do trabalhador devido a sua complexidade nos cuidados de enfermagem e condições de saúde dos pacientes.

Com isso, deve-se adotar diversas estratégias para mitigar os danos à sua saúde mental, considerando a natureza desafiadora e estressante da profissão. Isso inclui a prática regular de exercícios físicos, a alimentação saudável e a busca por hobbies ou atividades relaxantes.

Além disso, a busca por apoio é uma ferramenta valiosa para compartilhar experiências e emoções, diminuindo o isolamento. É fundamental estabelecer limites entre o trabalho e a vida pessoal, reservando tempo para o autocuidado e o descanso.

Por fim, sugere-se o desenvolvimento de habilidades de resiliência emocional para enfrentar as situações desgastantes da especialidade. Isso inclui a capacidade de reconhecer e expressar emoções de forma saudável, bem como o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento positivas.

Idealiza-se que os profissionais tenham acesso a programas de apoio psicológico quando necessário, para ajudar a processar os sentimentos e a pressão emocional inerentes ao trabalho de enfermagem, garantindo assim uma saúde mental mais robusta e resiliente e fortalecimento da inteligência emocional.

Referências

- HORTA, W. de A. Enfermagem: teoria, conceitos, princípios e processo. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 8, n. 1, p. 7-17, mar. 1974.
- INCA (ED.). ABC do Câncer: Abordagens Básicas para o Controle do Câncer. Ministério da Saúde, v. 5, 2019.
- PONTES, A. C.; LEITÃO I. M. T. A.; RAMOS I. C. Comunicação terapêutica em Enfermagem: instrumento essencial do cuidado. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 61, n. 3, p. 312-318, jun. 2008.
- CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN nº564/2017: Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, 6 dez. 2017.
- BORDIGNON, M.; MONTEIRO, M.I.; MAI, S.; MARTINS, M. de F. da S. V.; RECH, C. AR. A.; TRINDADE, L. de L. Satisfação e insatisfação no trabalho de profissionais de enfermagem da oncologia do Brasil e Portugal. Texto Contexto Enfermagem, v. 24, n. 4, p. 925-933, 24 nov. 2015.
- SUNG, H.; FERLAY, J.; SIEGEL, R.L.; LAVERSANNE, M.; SOERJOMATARAM, I.; JEMAL, A.; BRAY, F.; Global Cancer Statistics 2020: GLOBOCAN Estimates of Incidence and Mortality Worldwide for 36 Cancers in 185 Countries. CA: A Cancer Journal for Clinicians, v.71, n.3, p.209-249, 4 maio 2021.
- INCA. Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil. Instituto Nacional de Câncer, p.160, 12 jun. 2023.
- FERNANDES, M. A.; EVANGELISTA, C. B.; PLATEL, I. C. S.; AGRA, G.; LOPES, M. S.; RODRIGUES, F. A. Percepção dos enfermeiros sobre o significado dos cuidados paliativos em pacientes com câncer terminal. Ciência & Saúde Coletiva, v. 18, n. 9, p. 2589-2596, set. 2013.
- OLIVEIRA, R. A. A. DE; ARAUJO, J. S.; CONCEIÇÃO, V. M.; ZANGO, M. M. F. Sobrevivência Ao Câncer: O Desembrulhar Dessa Realidade. Ciência & Saúde., v. 14, n. 4, p.1602. 266 maio 2016.
- HERMES, H. R.; LAMARCA, I. C. A. Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde. Ciência & Saúde coletiva, v. 18, n.9, p. 2577-2588, set. 2013.
- COSTA, N. S.; FONSECA, N.M.; SANTOS, I. A.; PAULINO, G. M.; CARVALHO, J. O.; VIEIRA, A. D. F. P. Cuidados paliativos: conhecimento dos formandos de Medicina de uma instituição de ensino superior de Goiás. Revista Brasileira De Educação Médica, v. 45, n. 4, 2021.
- ARAÚJO, S. C.; FERNANDES, L. N. S.; JESUS, A. P.; FIGUEIREDO T. C. T. Saúde Mental Da Equipe De Enfermagem Oncológica. Revista Multidisciplinar, jul. 2021.
- SILVA, T.P. da; SILVA, L. J. da; FERREIRA, M.J.C.; SILVA I.R.; RODRIGUES, B. M. R. D.; LEITE, J. Aspectos Contextuais Sobre O Gerenciamento Do Cuidado De Enfermagem À Criança Com Dor Oncológica Crônica. Texto & Contexto – Enfermagem, v.27, n.3, 9 ago. 2018.
- SANTOS, A. P. C.; CÉU, R. P. C. D.; KAMEO, S. Y.; FREIRE, V. P. C. N.; CAMPOS, M. P. A.; LIMA, W. R.; MARINHO, P. M. L.; ARAGÃO, I. B.S. Processo De Enfermagem Aplicado Ao Paciente Oncológico. Portal COFEN SE, 2017.
- CARMO, R. A. L.; SIMAN, A. G.; MATOS RA, MENDONÇA ET. Cuidar em Oncologia: Desafios e Superações Cotidianas Vivenciados por Enfermeiros. Revista Brasileira de Cancerologia, v. 65, n. 3, 23 dez. 2019.
- BRUM, K.; COELHO, A. P. F.; FRANCO, G. P.; ANDRADE, A. de; SILVEIRA, A. da; FONSECA, N. C. Fatores De Adoecimento E Estratégias De Enfrentamento de Trabalhadores De Enfermagem De Oncologia. Portal de Eventos UNIJUI, set. 2016.
- NOGUEIRA, M. L. F. O estresse no trabalho dos enfermeiros e enfermeiras em oncologia e os danos à saúde. Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde e Base de dados de Enfermagem, p.234, 2019.
- OLIVEIRA P. P. DE; AMARAL J. G.; SILVA L. S.; FONSECA, D. F. da; Silveira, E. A. da; AMARAL; SANTOS, L. A. dos. Esgotamento profissional e transtornos mentais comuns em enfermeiros oncológicos. Revista de Enfermagem UFPE Online, V.12, N. 9, p. 2442, 8 set. 2018.

MARQUES FERREIRA, M. de L. da; MUTRO, M. E.; CONDE, C. R.; SANCHES MARIN, M. J.; MENEGUIN, S.; CARDOSO MAZZETTO, F. M. Ser Cuidador De Familiar Com Câncer. *Ciência y enfermaria*, v. 24, out. 2018.

NAVARRO PEDROSO; DENARDINI DIEFENBACH; ILHA S.; WEISS PEREIRA, F.; GEHLEN, M. H. ; DOS SANTOS NUNES, S. Dor em oncologia: percepção do paciente e dos profissionais de enfermagem. *Revista Cubana Enfermaria*. [s. l.] Editorial Ciências Médicas, 2017. v.33.

ALENCAR, D. de C.; CARVALHO, A. T. de; MACEDO, R. L. de; AMORIM A. M. N. E.; MARTINS, A. K. L.; GOUVEIA, M. T. de O. Sentimentos de enfermeiros que atuam junto a pacientes com câncer em fase terminal. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, v. 9, n. 4, p. 1015-1020, 31 out. 2017.

CELICH, K. L. S.; LAZZAROTO, P. K.; SOUZA, S. de; ARAÚJO, J. S.; PAULI, M. E. de; Conceição V. M. da. Por trás dos sorrisos: sofrimento moral na oferta do cuidado oncológico. *Cultura de los Cuidados*, p. 63, 2022.

MARTINS, R. S.; JÚNIOR, A. J. S. C.; SANTANA, M. E. de; SANTOS L. M. S. dos; Corporeidade de adoecidos oncológicos em cuidados paliativos domiciliares: a vivência de familiares cuidadores. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, v.10, n. 2, p. 423-431, 2 abr. 2018

PENTEADO, P. E. Retorno ao trabalho de trabalhadores de Enfermagem Oncológica após afastamento por transtornos mentais. 2014. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

POTT, F.S.; STAHLHOEFER, T.; FELIX, J. V. C.; MEIER, M. J. Medidas de conforto e comunicação nas ações de cuidado de enfermagem ao paciente crítico. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 66, n. 2, p. 174-179, abr.2013

RELATO DE EXPERIÊNCIA: APLICAÇÃO DE CALATONIA NO CONGRESSO BRASILEIRO DE DOR

Maria Clara Ildefonso Paes
Maria Eduarda Severino Barbeta
Maria Laura Hermeto de Siqueira Simões
Universidade de Taubaté
Departamento de Enfermagem e Nutrição
Profa. Ms. Sabrina Ferreira Monteiro Morais
Universidade de Taubaté
Departamento de Enfermagem e Nutrição
fmmsabrina@gmail.com
Profa. Dra. Vania Maria de Araújo Giaretta
Universidade de Taubaté
Departamento de Enfermagem e Nutrição
vania_giaretta@yahoo.com.br

Resumo

De acordo com a Associação Internacional para Estudos da Dor (IASP) dor significa “uma experiência sensitiva e emocional desagradável associada ou semelhante àquela associada a uma lesão tecidual real ou potencial”. Em suas classificações, pode ser considerada aguda ou crônica. Os fatores determinantes são o tempo e origem da dor. Dentre os diversos tratamentos, entre alopáticos e homeopáticos, contamos com o auxílio das Práticas Integrativas e Complementares (PICS) para a melhora e promoção da saúde. **OBJETIVO:** provocar reflexões sobre a contribuição da Calatonia como tratamento complementar da dor, seja ela crônica ou aguda, além de promover reequilíbrio físico e psíquico aos beneficiados. **MÉTODOS:** a prática desta técnica foi executada em 50 congressistas, sendo palestrantes, participantes, expositores e funcionários do centro de convenções onde acontecia o 16º Congresso Brasileiro de Dor em São Paulo - SP. **CONCLUSÃO:** a prática realizada obteve notáveis resultados, reunindo alinhamento físico e emocional dos participantes, o que em outras sessões aumentaria a eficácia, além de desmistificar as práticas integrativas em seu todo.

Palavras-Chave: calatonia. práticas integrativas e complementares. dor. reequilíbrio.

Experience report: application of calatonia at the brazilian congress of pain

Abstract

According to the International Association for the Study of Pain (IASP), pain means “an unpleasant sensory and emotional experience associated with or similar to that associated with actual or potential tissue damage”. In its classifications, it can be considered acute or chronic. The determining factors are the time and origin of the pain. Among the various treatments, including allopathic and homeopathic, we count on the help of Integrative and Complementary Practices (PICS) to improve and promote health.

OBJECTIVE: to provoke reflections on the contribution of Calatonia as a complementary treatment for pain, whether chronic or acute, in addition to promoting physical and psychological rebalance to those benefiting. **METHODS:** the practice of this technique was performed on 50 congressmen, including speakers, participants, exhibitors and employees of the convention center where the 16th Brazilian Pain Congress was taking place in São Paulo - SP. **CONCLUSION:** the practice carried out achieved notable results, bringing together physical and emotional alignment of the participants, which in other sessions would increase effectiveness, in addition to demystifying integrative practices as a whole.

Keywords: calatonia. integrative and complementary practices. pain. rebalancing.

Relato de experiencia: aplicación de calatonia en congreso brasileño de dolor

Resumen

De acuerdo con la International Association for the Study of Pain (IASP) dolor significa "una experiencia sensible y emocional desagradable asociada o similar a una lesión de tejido real o potencial". En sus clasificaciones, puede ser considerada aguda o crónica. Los factores determinantes son el tiempo y origen del dolor. Entre los diversos tratamientos, entre alopáticos y homeopáticos, contamos con la ayuda de las Prácticas Integrativas y complementarias (PICS) para la mejora y promoción de la salud.

OBJETIVO: provocar reflexiones sobre el aporte de la Calatonia como tratamiento complementario para el dolor, ya sea crónico o agudo, además de promover el reequilibrio físico y psicológico de quienes se benefician. **MÉTODOS:** la práctica de esta técnica fue ejecutada en 50 congresistas, siendo conferenciantes, participantes, expositores y funcionarios del centro de convenciones donde ocurría el 16° Congreso

Brasileño de Dor en São Paulo - SP. **CONCLUSIÓN:** la práctica realizada obtuvo notables resultados, reuniendo alineamiento físico y emocional de los participantes, lo que en otras sesiones aumentaría la eficacia, además de desmitificar las prácticas integrativas en su conjunto.

Palabras clave: calatonia. prácticas integrativas y complementarias. dolor. reequilibrio.

Introdução

A dor de acordo com a Associação Internacional para o Estudo da dor (IASP), é uma experiência sensorial e emocional, associados a acontecimentos reais e potenciais dos tecidos. Sempre que ocorre uma lesão tecidual, a dor surge como resposta do organismo, fazendo com que o indivíduo reaja ao estímulo doloroso. Trata-se de uma experiência subjetiva e pessoal, onde aspectos sensitivos, emocionais e culturais estão relacionados (DESANTANA,2020).

A dor ocorre sempre que os tecidos são lesionados, fazendo com que o indivíduo reaja para remover o estímulo doloroso. Mesmo atividades simples, como o ato de sentar-se durante longos períodos sobre os ísquios, podem causar destruição tecidual pela falta de fluxo sanguíneo para a pele comprimida pelo peso do corpo. Quando a pele fica dolorida, como o resultado de isquemia, a pessoa normalmente transfere o peso de modo subconsciente. Entretanto, uma pessoa que tenha perdido a sensação da dor, como após lesão da medula espinal, não vai sentir essa dor e conseqüentemente não realizará o movimento de transferência do peso. Essa situação resultará em perda e descamação total da pele nas áreas de pressão. Os receptores para dor são terminações nervosas livres. Os receptores para dor na pele e em outros tecidos são terminações nervosas livres. Eles existem dispersos nas camadas superficiais da pele, bem como em certos tecidos internos, como o periósteo, as paredes das artérias, as superfícies articulares e a foice e o tentório da abóbada craniana. A maioria dos outros tecidos profundos está esparsamente suprida com terminações nervosas para a dor; porém, lesões teciduais extensas podem se somar e causar dor lenta e crônica na maioria dessas áreas (HALL, 2017).

Classifica-se a dor como aguda ou crônica. A dor aguda é aquela que se manifesta por um período relativamente curto, associadas a afecções traumáticas, infecciosas ou

inflamatórias. A dor crônica é persistente após um período razoável para a cura de uma lesão ou que pode estar associada a processos patológicos crônicos, que causam dor contínua ou recorrente (DESANTANA,2020).

A dor aguda é uma experiência sensorial e emocional desagradável que geralmente é causada por lesões ou doenças recentes. Ela é uma resposta do sistema nervoso a estímulos nocivos, com o propósito de alertar o corpo sobre a presença de uma ameaça. A dor aguda é, em geral, de curta duração e tem uma função protetora, levando os indivíduos a tomar medidas para evitar ou resolver o problema subjacente (OLIVEIRA, GAMA, 2017).

O tratamento da dor aguda não se limita apenas ao alívio do desconforto, mas também à identificação e à resolução das causas subjacentes, sempre que possível. A abordagem interdisciplinar, com a participação de profissionais de diversas áreas da saúde, é fundamental para garantir um tratamento abrangente e eficaz (FERREIRA, DINI, 2013).

A dor crônica é uma condição complexa que pode ser causada por uma variedade de fatores, incluindo lesões prévias, condições médicas crônicas, inflamação persistente ou distúrbios neurológicos. Essa complexidade torna o diagnóstico e o tratamento desafiadores, pois a dor crônica frequentemente envolve fatores físicos, psicológicos e sociais (KNOPLICH, SAVIOLI, 2013).

O tratamento da dor crônica requer uma abordagem multidisciplinar, frequentemente envolvendo médicos, fisioterapeutas, enfermeiros, psicólogos, e outros profissionais de saúde. Uma variedade de intervenções pode ser utilizada, incluindo medicações analgésicas, fisioterapia, terapia cognitivo-comportamental, e técnicas de manejo da dor (BÉLANGER, WARE, 2017).

A dor é uma preocupação de saúde global, e seu impacto social e econômico é significativo. Ela afeta não apenas os indivíduos que a experimentam, mas também suas famílias e a sociedade como um todo. Portanto, é essencial continuar pesquisando e desenvolvendo abordagens inovadoras para compreender e aliviar a dor de maneira eficaz (SILVA, DINI, 2014).

Além de abordagens farmacológicas, muitos tratamentos não farmacológicos têm se mostrado eficazes no manejo da dor. Terapias como a fisioterapia, a acupuntura,

a psicoterapia cognitivo-comportamental são utilizadas para ajudar os pacientes a lidar com a dor e melhorar sua qualidade de vida (FERREIRA, FERREIRA, NEGRÃO FILHO, 2017).

Existem diversas escalas para a avaliação da intensidade da dor que podem ser organizadas em categorias: escalas numéricas, de analogia visual, de descritores verbais e de representação gráfica não numérica (de cores, faces, entre outras) (MARTINEZ, GRASSI, MARQUES, 2011).

A dor é uma experiência complexa e multifacetada que afeta profundamente a qualidade de vida das pessoas. Ela pode ser causada por uma ampla variedade de condições, desde lesões e doenças agudas até condições crônicas, como a artrite. Além de seu aspecto físico, a dor também tem dimensões emocionais e psicológicas, influenciando o bem-estar geral do indivíduo (SAVIOLI, TEIXEIRA, PLAPER, 2016).

O enfermeiro deve exercer seu papel no controle da dor, e tem responsabilidade na avaliação diagnóstica, na intervenção, na monitorização dos resultados e no tratamento, como membro da equipe de saúde (BARROS, ALBUQUERQUE, 2014).

Para que a dor seja controlada de maneira eficaz, é de fundamental importância que o enfermeiro atue de forma sistemática no manejo e controle da dor, realizando de maneira segura a avaliação, intervindo com a analgesia prescrita, verificando seu alívio e possíveis efeitos colaterais. Sua atuação em relação com a dor é essencial para promover o bem-estar e o conforto dos pacientes. O enfermeiro preparado para avaliar um paciente, sente mais seguro em atuar no manejo da dor, propõem métodos não farmacológicos e educam tanto pacientes, quanto familiares (SÁ, 2023).

É papel do enfermeiro realizar uma avaliação inicial da dor do paciente, incluindo a intensidade, localização, tipo, duração, e fatores desencadeantes, ajudando assim a determinar a melhor abordagem de tratamento (BARROS, 2014).

POSSO (2021, pag. 97) diz:

Em obediência às recomendações da Declaração de Alma-Ata (Rússia, 1978) para a Atenção Primária à Saúde e às da 8ª Conferência Nacional de Saúde (Brasil, 1986), assim como aos objetivos da Organização Mundial da Saúde (OMS) quando de sua criação em 1972 e ao texto documental “Estratégia da OMS sobre Medicina Tradicional 2002-2005”, o Ministério da Saúde (MS) do Brasil, em maio de 2006, normaliza pela Portaria MS 971/2006 a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS) (Lei 8080/1990), integrando-as à

assistência prestada nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), regularizando sua prática em todos os níveis de saúde.

As Medicinas Tradicionais Complementares e Integrativas (MTCI), assim denominada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), referem-se ao conjunto de práticas de atenção à saúde baseadas em teorias de diferentes culturas, que considera o indivíduo de forma integral (TELESI JR, 2016). No Brasil são conhecidas como Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), são utilizadas na maioria dos países da América Latina, e o Brasil é uma referência mundial por possuir uma [Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares](#) em Saúde (PNPIC) que, por meio de um conjunto de normativas e diretrizes, visa a incorporar e implementar as PICS no SUS e que atualmente reconhece 29 PICS, entre elas : aromaterapia, arteterapia, ayurveda, biodança, bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, dança circular, geoterapia, hipnoterapia, homeopatia, imposição de mãos e calatonia, medicina antroposófica/antroposofia, aplicada à saúde, Medicina Tradicional Chinesa – acupuntura, auriculoterapia, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, ozonioterapia, fitoterapia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia comunitária integrativa, terapia floral, termalismo/crioterapia social e yoga. Tais práticas são caracterizadas por um importante reequilíbrio das energias físicas, mentais e emocionais (BRASIL, 2015).

As PICS auxiliam no tratamento farmacológico e aliviam o sofrimento causado pela dor, considerada um dos grandes problemas de saúde pública, melhorando a qualidade de vida (COUTINHO, 2019).

A dor é um sintoma frequentemente presente nos pacientes da rede pública de saúde, o que necessita uma avaliação específica multiprofissional, visando atender as necessidades individuais. Dentre as diversas linhas de terapias complementares, ressurgiu a utilização das mãos como uma ferramenta eficiente. O toque, com intensidade e localização pré-estabelecidas, ocasiona reações diversas no organismo, podendo causar sedação, relaxamento, prazer, dor, alegria, tristeza, entre outros efeitos, principalmente psicoemocionais (NOSOW, 2007).

A técnica criada por Pethö Sándor, um médico húngaro que se radicou no Brasil desde 1949, teve origem em seu trabalho no atendimento de refugiados e feridos em deslocamento pela Europa na Segunda Guerra Mundial onde percebeu que era

impossível limitar o traumatismo físico e o psicológico. “Percebeu-se então, que além da medicação costumeira e dos cuidados de rotina, o contato bipessoal, juntamente com a manipulação suave nas extremidades e na nuca, com certas modificações leves quanto à posição das partes manipuladas, produzia descontração muscular, comutações vasomotoras e condicionamento do ânimo dos operados, numa escala pouco esperada” (SÁNDOR, 1974).

A Calatonia é uma técnica de autorregulação psicofísica que potencialmente leva a um relaxamento profundo e a estados mentais contemplativos e autorreflexivos. A Calatonia baseia sua atuação na “sensibilidade tátil”, através da aplicação de estímulos suaves, em áreas do corpo onde se verifica especial concentração de receptores nervosos, e na conectividade da rede de estado-reposo, na regulação diádica (psicoterapeuta e paciente) e no reflexo de orientação, entre outros elementos da neurociência cognitiva e neuropsicologia (FARAH, 2017).

A Calatonia é uma técnica de relaxamento corporal composta de toques sutis em nove pontos do corpo, demorando-se de um a três minutos em cada um. São os pontos: dedos dos pés, planta dos pés, tornozelos, panturrilhas e nuca (BAPTISTA, 2017).

A sessão é realizada em um ambiente em total silêncio, com apenas toques das mãos e dedos sem qualquer pressão ou fricção nos determinados pontos. Para a sequência correta do procedimento, é necessário a identificação dos dedos das mãos de quem está aplicando a técnica e dos dedos dos pés de quem está recebendo, é importante sempre respeitar a correspondência dos dedos. Os toques são realizados de forma simultânea nos dois lados do corpo, tendo a mesma duração, orientação caudal-cefálica, tocando sutilmente nas pontas dos dedos de forma correspondente. Como mostrado na imagem: 1°) Dedo 3 das mãos com o dedo 3 dos pés, 2°) Dedo 2 das mãos com o dedo 2 dos pés, 3°) Dedo 4 das mãos com o dedo 4 dos pés, 4°) Dedo 5 das mãos com o dedo 5 dos pés, 5°) Dedos 2,3,4 e 5 das mãos com o dedo 1 dos pés, 6°) pontas dos dedos 1,2,3,4 e 5 das mãos nas plantas do pés, 7°) palmas das mãos no tornozelo, 8°) palmas das mãos na panturrilha, 9°) finalizando com as pontas dos dedos ou palmas das mãos na nuca (NOSOW, 2007).

Métodos

A aplicação da Calatonia foi realizada no 16º Congresso Brasileiro de Dor da Sociedade Brasileira de Estudo da Dor (SBED) em São Paulo, precisamente em uma tenda isolada, com materiais próprios para a promoção do relaxamento, difusores de aroma, sons agradáveis, e macas acolchoadas. Neste ambiente eram abordados assuntos sobre Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), como Reiki, Auriculoterapia e Calatonia. Os indivíduos foram orientados quanto aos objetivos da prática, a realização, sua utilização e eficácia. A amostra da técnica foi composta por 50 congressistas, sem critérios de seleção, como palestrantes, participantes e funcionários.

As sessões foram realizadas em um ambiente de total silêncio, deitados individualmente nas macas, com higienização dos pés com lenços umedecidos. Foram realizados apenas toques sutis das mãos e dedos, realizando a sequência correta do procedimento, de forma simultânea nos dois lados do corpo, com a mesma duração, orientação caudal-cefálica, tocando sutilmente nas pontas dos dedos de forma correspondente.

A duração do toque em cada dedo foi de 3 minutos, com isso a duração da técnica durou por completo aproximadamente 27 minutos para cada participante. Após a realização da técnica foi conversado com cada participante individualmente, com intuito de um feedback, relatando alterações, sensações, sentimentos, ou até mesmo esclarecimento de dúvidas e curiosidades a respeito da Calatonia.

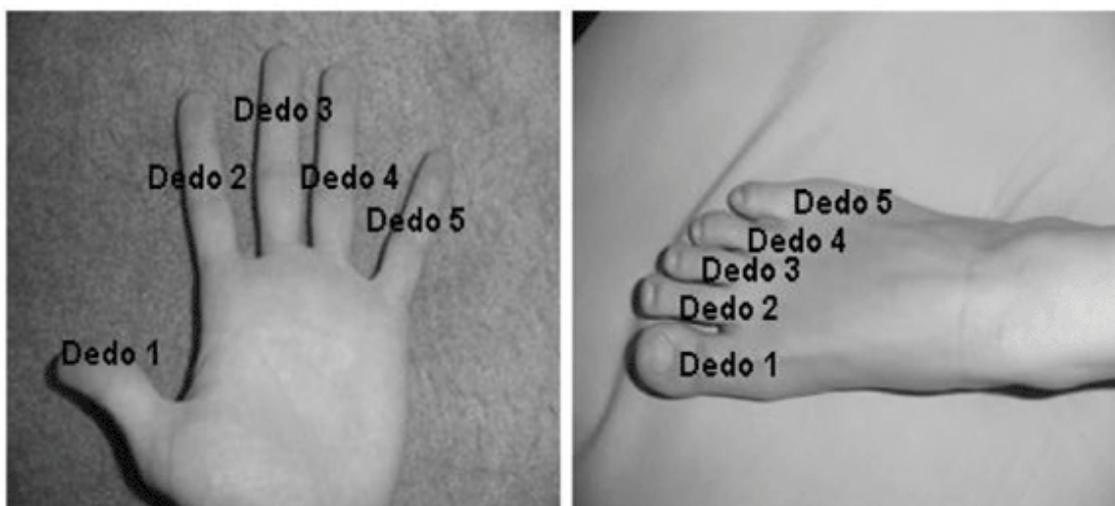


FIGURA 1 - Identificação dos dedos da mão do aluno e dos pés do paciente

Fonte: NOSOW, 2007.

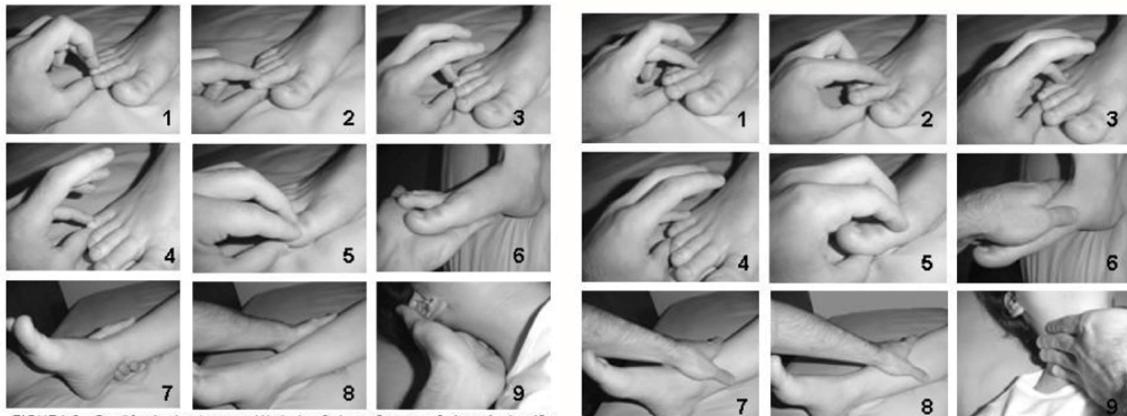


FIGURA 2 - Sequência dos toques: (1) dedos 3 das mãos com 3 dos pés (região ungueal), (2) dedos 2 das mãos com 2 dos pés (região ungueal), (3) dedos 4 das mãos com 4 dos pés (região ungueal), (4) dedos 5 das mãos com 5 dos pés (região ungueal), (5) dedos 2, 3, 4 e 5 das mãos com 5 dos pés (região ungueal), (6) mãos com solas dos pés, (7) mãos com tornozelos (face posterior), (8) mãos com panturrilhas (face posterior), (9) dedos 2, 3, 4 e 5 das mãos com nuca.

FIGURA 3 - Sequência dos toques: (1) dedos 3 das mãos com 3 dos pés, (2) dedos 2 das mãos com 2 dos pés, (3) dedos 4 das mãos com 4 dos pés, (4) dedos 5 das mãos com 5 dos pés, (5) dedos 2, 3, 4 e 5 das mãos com 5 dos pés, (6) mãos com dorsos dos pés, (7) mãos com tornozelos (face anterior), (8) mãos com panturrilhas (face anterior), (9) dedos 2, 3, 4 e 5 das mãos com nuca (faces laterais).

Fonte: NOSOW,2007.

Discussão

Nossos achados notaram que pacientes que receberam a Calatonia demonstraram manifestações corpóreas quanto ao relaxamento induzido pela técnica, como sonolência, espasmos musculares, audição diminuída e outros. Resultado também observado em um ensaio clínico controlado randomizado que comparou o efeito e o valor de uma intervenção (Calatonia) de forma aleatória em dois grupos (grupo placebo e experimental) os quais os integrantes receberam a prática (LASAPONARI, et al. 2013).

Observou-se também que o empenho e a entrega de cada participante, ao admitir a técnica, teve interferência direta na entrega dos resultados. Aqueles que estavam mais reclusos e descrentes da ação, não conseguiram atingir seu ápice de relaxamento, tendo benefícios menores, mas que poderiam ser ampliados com mais sessões. Isso está assimilado com o preconceito às técnicas não medicamentosas. Enquanto isso, aqueles que estavam abertos para receber a técnica, já que aceitavam e acreditavam nos tratamentos não medicamentos e complementares, tiveram mais sinais de desfadiga, pontuando exatamente quais foram seus benefícios e suas sensações (ISCHKANIAN et al., 2012).

Conclusão

A prática realizada obteve notáveis resultados, reunindo alinhamento físico e emocional dos participantes, o que em outras sessões aumentaria a eficácia, além de desmistificar as práticas integrativas em seu todo.

Referências

- BAPTISTA, S. M. S. Calatonia: o toque sutil na psicoterapia. *Junguiana*, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 80-81, jun. 2017. [cited 23 out. 2023]. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252017000100009&lng=pt&nrm=iso>.
- BARROS, S. R. A. DE F.; ALBUQUERQUE, A. P. DOS S. Conduas de enfermagem no diagnóstico da dor e a classificação dos resultados. *Revista Dor*, v. 15, n. 2, p. 107–111, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdor/a/7pxdhpZggMbjZmYp73kxNjk/?lang=pt#>
DOI: <https://doi.org/10.5935/1806-0013.20140021>
- BÉLANGER, C. A., & WARE, M. (2017). *Dor crônica: avaliação e tratamento*. Editora Revinter
- BERNARDO COUTINHO, F. **Por que utilizar PICS no tratamento do indivíduo com dor?** Rede PICS Brasil, 2019. [cited 23 out 2023] Disponível em: <<https://redenacionalpics.wixsite.com/site/single-post/2019/07/26/-por-que-utilizar-pics-no-tratamento-do-indiv%C3%ADduo-com-dor>>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso [internet]. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2015 [cited 23 out 2023]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf.
- CASTRO-LOPES, J. M., & LIMA, D. (2013). *Farmacologia da dor*. Editora Atheneu
- DESANTANA, J. M. et al., Revisão de definição da dor após quatro décadas. *BrJP*, v.3, n.2, p.197-198. 2020. [cited 23 out 2023]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/brjp/a/GXc3ZBDRc78PGktrfs3jgFR/?lang=pt#>
DOI: <https://doi.org/10.5935/2595-0118.20200191>
- FERREIRA, P. H., & DINI, P. S. (2013). Abordagem interdisciplinar da dor aguda. In *Tratamento da dor: princípios e prática* (pp. 181-194). Editora Manole.
- FERREIRA, M. L., FERREIRA, P. H., & NEGRÃO FILHO, R. F. (2017). *Tratamento da dor: princípios e prática*. Editora Manole
- GUYTON A. C., Hall J.E., *Tratado de fisiologia médica*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2017. p.1826-57.
- ISCHKANIAN, P. C., PELICIONI, M. C. F. Desafios das práticas integrativas e complementares no SUS visando a promoção da saúde. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 233-238, 2012. [cited 23 out 2023] Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822012000200016&lng=pt&nrm=iso>.
- KNOPLICH, J., & SAVIOLI, G. (2013). *Dor crônica: abordagem diagnóstica e terapêutica*. Editora Rubio.
- LASAPONARI, E.F. PENICHE, A. C. G. TURRINI, R. N. T. GRAZZIANO, E. S. Eficácia da Calatonia sobre os parâmetros clínicos no período pós-operatório imediato: estudo clínico. *EERP/USP*, 2013. [cited 23 out. 2023] Disponível em: <[http://file:///C:/Users/user/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/04TLOG7L/Efic%C3%A1cia%20da%20Calatonia%20sobre%20os%20par%C3%A2metros%20cl%C3%ADnicos%20no%20per%C3%ADodo\[1\].pdf](http://file:///C:/Users/user/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/04TLOG7L/Efic%C3%A1cia%20da%20Calatonia%20sobre%20os%20par%C3%A2metros%20cl%C3%ADnicos%20no%20per%C3%ADodo[1].pdf)>.
- NOSOW, V.; PENICHE, A. DE C. G. Paciente cirúrgico ambulatorial: calatonia e ansiedade. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 2, p. 161–167, 2007.
- PIMENTA, C. A. DE M.; TEIXEIRA, M. J. Questionário de dor McGill: proposta de adaptação para a língua portuguesa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 30, n. 3, p. 473–483, dez. 1996. [cited 23 out 2023] Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/Vcc6wpJhs5cJdZ7rKjdKdsr/#>
DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62341996000300009>
- OLIVEIRA, A. R., & GAMA, J. R. (2017). *Dor aguda: abordagem diagnóstica e terapêutica*. Editora Rubio.
- ROCHA, A. P. C. et al. Dor: aspectos atuais da sensibilização periférica e central. *Revista Brasileira de Anestesiologia*, v. 57, n. 1, p. 94–105, jan. 2007. [cited 23 out 2023] Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rba/a/6MtJvgjXNzZqzRgY4x9WXGB/>
DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-70942007000100011>

SÁ, J. A. F. T. M. GESTÃO DA DOR DA PESSOA EM SITUAÇÃO PALIATIVA-INTERVENÇÕES ESPECIALIZADAS DO ENFERMEIRO. Jun. 2023. 142 pg- Instituto Politécnico De Viana Do Castelo, Viana Do castelo, 2023)

SANCHES, G. P., & FERREIRA, P. H. (2014). Dor crônica e suas implicações na qualidade de vida. In Tratamento da dor: princípios e prática (pp. 127-140). Editora Manole

SAVIOLI, G., TEIXEIRA, M. J., & PLAPLER, H. (2016). Dor: princípios e prática. Editora Atheneu.

SILVA, M. R., & DINI, P. S. (2014). Dor: avaliação e tratamento. Editora Revinter.

SOUSA, F. A. E. F. Dor: o quinto sinal vital. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 446-447, 2002. [cited 23 out 2023] DOI: 10.1590/S0104-11692002000300020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/1678>.

TELESI J.E. Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, uma nova eficácia para o SUS. *Estud Av* [Internet]. 2016 [cited 23 out 2023]; 30(86). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/gRhPHsV58g3RrGgJYHJQVTn/>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.00100007>.

EQUIDADE E APRENDIZAGEM COLABORATIVA NA EDUCAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Víctor Belmonte Major de Paula

Professor, Mestrando em Educação
Mestrado Profissional em Educação (UNITAU)

Kátia Celina da Silva Richetto

Profa. Dra. em Engenharia de Materiais
Instituto Básico de Ciências Exatas (UNITAU)

Susana Aparecida da Veiga

Profa. Me. em Engenharia de Produção
Instituto Básico de Ciências Exatas (UNITAU)

Maria Teresa de Moura Ribeiro

Profa. Dra. em Educação
Mestrado Profissional em Educação (UNITAU)

Willian José Ferreira (orientação)

Prof. Dr. em Geofísica Espacial,
Instituto Básico de Ciências Exatas (UNITAU)

Érica Josiane Coelho Gouvêa (revisão)

Profa. Dra. em Computação Aplicada
Instituto Básico de Ciências Exatas (UNITAU)

Introdução

A valorização dos Relatos de Experiência (RE) como narrativas que refletem vivências reais no contexto das salas de aula desempenha um papel de grande relevância na construção do conhecimento, abarcando não apenas o ensino formal, mas também as lições extraídas das experiências socioculturais dos indivíduos (Mussi et al., 2021).

Conforme destacado por Córdula e Nascimento (2018), especialmente na era contemporânea da informação digital, a documentação dessas narrativas por meio da escrita possibilita o acesso e compreensão de uma ampla diversidade de temas nas pesquisas educacionais. Assim, a importância dos RE não se limita apenas ao âmbito documental, mas também se estende ao desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas dos estudantes (Bessa et al., 2017), afinal, quando os docentes são incentivados a compartilhar suas vivências de trabalho, criam-se ricos espaços de aprendizado colaborativo em diversidade de perspectivas.

Para Lima e Santos (2020), os RE promovem a empatia, a compreensão mútua e o respeito entre os colegas, que ao aprender com as experiências dos outros, aprimoram suas próprias habilidades de trabalho em equipe, comunicação e resolução de conflitos, se preparando para enfrentar desafios do mundo real (Boaler, 2015). Nesse contexto,

as narrativas de experiência tornam-se uma ferramenta muito importante para o crescimento individual e coletivo, facilitando a construção de um ambiente enriquecedor e inclusivo na educação.

De acordo com Damiani (2008), os estudos relacionados à gestão e organização da sala de aula, particularmente os que envolvem trabalhos em grupos, comumente empregam os termos "cooperação" e "colaboração" como sinônimos. Entretanto, Pereira (2021) sublinha que, embora compartilhem o prefixo "co" que denota união, esses termos apresentam notáveis distinções, apontando que o verbo "cooperar" tem sua origem na palavra latina "operare", que se refere a operar, executar e fazer funcionar em conformidade com um sistema preestabelecido, enquanto o termo "colaborar" deriva de "laborare", associado a trabalhar, produzir e desenvolver atividades com um propósito específico. Portanto, a autora sustenta que a colaboração implica um engajamento mais amplo por parte dos indivíduos, que não se restringe apenas à execução de um processo específico. Dessa forma, na colaboração, os indivíduos atuam de forma conjunta, desenvolvendo atividades com o intuito de alcançar um objetivo comum.

Os trabalhos em grupo têm função muito importante na promoção do desenvolvimento de habilidades específicas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que variam de acordo com as atividades propostas pelos professores e os componentes curriculares envolvidos, fomentando competências gerais que são centrais no contexto educacional (Coutinho, 2023). À luz da BNCC, essas competências são essenciais para garantir os direitos de aprendizagem na Educação Básica, como o direito de conviver, brincar, participar e expressar-se, que estão intrinsecamente ligados a atividades em grupo, demonstrando a relevância do trabalho colaborativo em todas as etapas da educação (Brasil, 2018).

Cohen e Lotan (2017) afirmam que a introdução do trabalho em grupo na sala de aula vai além das mudanças físicas e representam uma mudança fundamental no enfoque da educação, onde a ênfase não se limita mais apenas ao conteúdo, mas passa a se concentrar no aluno. Nesse sentido, como também observado por de Pereira (2021), a distinção entre os termos 'cooperação' e 'colaboração' pode ser considerada análoga, reforçando a ideia de que abordagens pedagógicas colaborativas podem ser

mais eficazes para alcançar os objetivos educacionais, especialmente, ao conduzir aulas que envolvem a formação de grupos com a aprendizagem centrada nos estudantes.

Porém, isso nos leva a questionar: de que maneira pode-se criar oportunidades equitativas para o aprendizado dos alunos em aulas que se baseiam no trabalho em grupo?

Com o intuito de compartilhar nossas experiências na implementação de atividades colaborativas baseadas no modelo apresentado pelo Programa de Especialização Docente (PED Brasil), que incorpora teorias e abordagens pedagógicas de diversos pensadores da educação e prioriza a promoção da equidade na Educação em Ciências e Matemática (Canoa, 2023), este trabalho explora uma atividade em grupo em uma aula de Itinerário Formativo “Estações Meteorológicas” com alunos do terceiro ano do ensino médio, em uma escola pública estadual, localizada na região central de Pindamonhangaba, SP. Essa abordagem pedagógica busca estabelecer um ambiente inclusivo e igualitário, proporcionando a todos os participantes a oportunidade de aprender e contribuir para discussões acadêmicas em sala de aula e se apresenta como uma alternativa de ensino que promove uma aprendizagem dinâmica e colaborativa aos estudantes.

Embora a literatura contenha estudos que não abordam especificamente a aplicação de trabalhos em grupo sobre Meteorologia da Educação Básica, é compreensível que esses estudos possam oferecer valiosas contribuições para pesquisadores e educadores interessados nessa abordagem pedagógica, mesmo em outras disciplinas.

Revisão da literatura

O modelo de ensino tradicional, que historicamente tem sido amplamente adotado nas escolas brasileiras, retrata o professor como a única fonte de conhecimento, restringindo assim o envolvimento ativo dos alunos em seu processo de aprendizado (Santos et al., 2021). Nesse paradigma, o docente é percebido como o único detentor do saber, enquanto os estudantes são vistos como desprovidos de conhecimento. Contudo, com o tempo, essa visão tem passado por mudanças significativas.

Para Cohen e Lotan (2017), a transição para um modelo de ensino mais participativo, com ênfase no trabalho em grupo e no planejamento pedagógico, está redefinindo o papel do professor na sala de aula, permitindo-lhe ser um facilitador do conhecimento, fornecendo orientação, feedback e estímulos para promover a aprendizagem ativa dos alunos. Boaler (2015) compartilha uma perspectiva semelhante, destacando a importância desse modelo para promover a equidade na educação. A autora argumenta que, ao adotar abordagens de ensino mais interativas e inclusivas, os alunos têm a oportunidade de se envolver ativamente em seu aprendizado, superando desigualdades educacionais.

Nesse cenário de mudanças, tanto Cohen e Lotan (2017) quanto Boaler (2015) acreditam que o modelo de ensino mais participativo não apenas proporciona melhorias a aprendizagem dos alunos, mas também contribui para criar um ambiente educacional mais equitativo, onde cada aluno passa a ter oportunidades de alcançar seu potencial, independentemente de suas origens ou habilidades iniciais. Ambas defendem que a participação ativa dos estudantes, o trabalho em grupo e a consideração das necessidades individuais são elementos-chave na promoção da equidade na educação.

A adoção de um modelo de ensino mais participativo, enfatizada também por Fofonka e Oliveira (2016), realça a importância do trabalho em grupo na promoção da responsabilidade dos alunos, fazendo com que assumam a responsabilidade de apoiar uns aos outros, compreendam os conceitos e mantenham-se atualizados com seus estudos. Além disso, conforme Machado (2017), o trabalho em grupo facilita a integração dos estudantes, estimula a interpretação, promove o compartilhamento de conhecimentos prévios, aprimora as habilidades práticas e incentiva a troca de ideias.

Levandowski e Camargo (2021) apontam que, em todo o mundo, os educadores têm se deparado com salas de aula heterogêneas e alunos com diferentes habilidades, o que, quando bem aproveitado, pode ser uma vantagem. Nesse contexto, o planejamento cuidadoso das atividades em grupo é essencial para o sucesso tanto das aulas quanto do processo de aprendizagem dos estudantes (Cohen e Lotan, 2017) e, desse modo, o planejamento reverso, que se inicia pela definição do que se almeja que os alunos compreendam ao término da experiência educacional, emerge como uma estratégia promissora para o desenvolvimento do plano pedagógico (Rocha et al., 2021).

Observações de Cohen e Lotan (2017) mostram que a alocação de funções específicas a cada integrante do grupo assegura que todos os alunos estejam envolvidos ativamente, tendo uma função assertiva no alcance bem-sucedido dos objetivos da atividade de grupo como um todo. Para as autoras, a designação de papéis proporciona clareza nas responsabilidades de cada membro da equipe, fomenta a cooperação e a colaboração, e promove um ambiente onde as habilidades individuais podem ser devidamente aplicadas para o benefício coletivo, tornando, assim, a experiência de aprendizagem mais enriquecedora e produtiva para todos os envolvidos.

Conforme preconizado por Canoa (2023), a busca por um ensino equitativo não implica que todos os alunos aprenderão da mesma maneira, mas sim que as condições devem ser adaptadas às necessidades individuais dos alunos. Logo, a prática de trabalhos em grupo do PED Brasil pode ser um exemplo dessa adaptação, já que permite aos alunos com diferentes estilos de aprendizagem e habilidades colaborar, compartilhar conhecimentos e aprender uns com os outros, de acordo com suas próprias necessidades e ritmos de aprendizado. Claramente, isso cria um ambiente inclusivo, onde a diversidade de talentos e perspectivas é valorizada, contribuindo para uma educação mais justa e equitativa (Boaler, 2015).

Embora a adoção de práticas mais colaborativas e participativas, como o uso de trabalhos em grupo, tenha o potencial de promover a equidade na educação, para Cohen e Lotan (2017) e Boaler (2015), duas lacunas críticas precisam ser superadas. Primeiramente, há uma necessidade premente de desenvolver métodos de avaliação equitativos que reflitam a diversidade de habilidades e contribuições dos alunos, algo que envolve a criação de critérios de avaliação sensíveis à equidade e a implementação de estratégias para minimizar possíveis vieses na avaliação. Além disso, conforme Levandowski e Camargo (2021), é importante fornecer formação e apoio contínuo aos educadores, uma vez que a implementação bem-sucedida de práticas mais colaborativas requer um corpo docente devidamente formado. As lacunas existentes na preparação dos professores em relação às práticas inclusivas de ensino e a ausência de apoio contínuo representam obstáculos significativos na busca por garantir que todos os alunos possam desfrutar plenamente dos benefícios dessas abordagens inovadoras, dificultando, assim, a eliminação das barreiras para promover a equidade na educação.

Metodologia

Este estudo se enquadra na categoria de Relato de Experiência (RE) e tem como base a narrativa das atividades pedagógicas que foram observadas e conduzidas durante uma aula de Itinerário Formativo “Estações Meteorológicas” envolvendo cerca de 30 estudantes do terceiro ano do ensino médio. Segundo Brasil (2023), os itinerários formativos são o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio. Neste trabalho, as atividades ocorreram em uma escola pública estadual situada na região central de Pindamonhangaba, SP, nos dias 14 e 15 de setembro de 2023, em duas aulas de 45 minutos cada. A atividade foi realizada no salão da escola, um espaço mais amplo e bem equipado, como um auditório com projeção em tela ampla, proporcionando um ambiente mais confortável em comparação às salas de aula convencionais. O foco das aulas foi o funcionamento de um pluviômetro, um instrumento meteorológico utilizado para medir a precipitação de chuva (INMET, 2023).

Os alunos foram divididos em grupos de cinco integrantes, com a liberdade de escolher seus próprios pares para garantir a afinidade na atividade. Cada grupo recebeu um cartão de recursos contendo informações introdutórias e um cartão de atividades com enunciados claros, incluindo a tarefa de criar um mapa mental e os critérios de avaliação. Os cartões foram distribuídos em cópia única por grupo, embora alguns alunos tenham levantado dúvidas sobre essa prática. No total, foram formados seis grupos, sendo o produto final de cada grupo um mapa mental. Ao término das aulas, os alunos foram convidados a fornecer feedback pessoal sobre a experiência, visando obter suas opiniões individuais sobre a abordagem pedagógica utilizada.

Para assegurar a relevância científica deste RE, adotou-se as etapas orientadoras recomendadas por Mussi et al. (2021), que detalha os pressupostos teóricos e estruturantes para elaboração de RE colaborativos para a construção de conhecimento. Essas etapas são ilustradas no fluxograma apresentado na Figura 1.

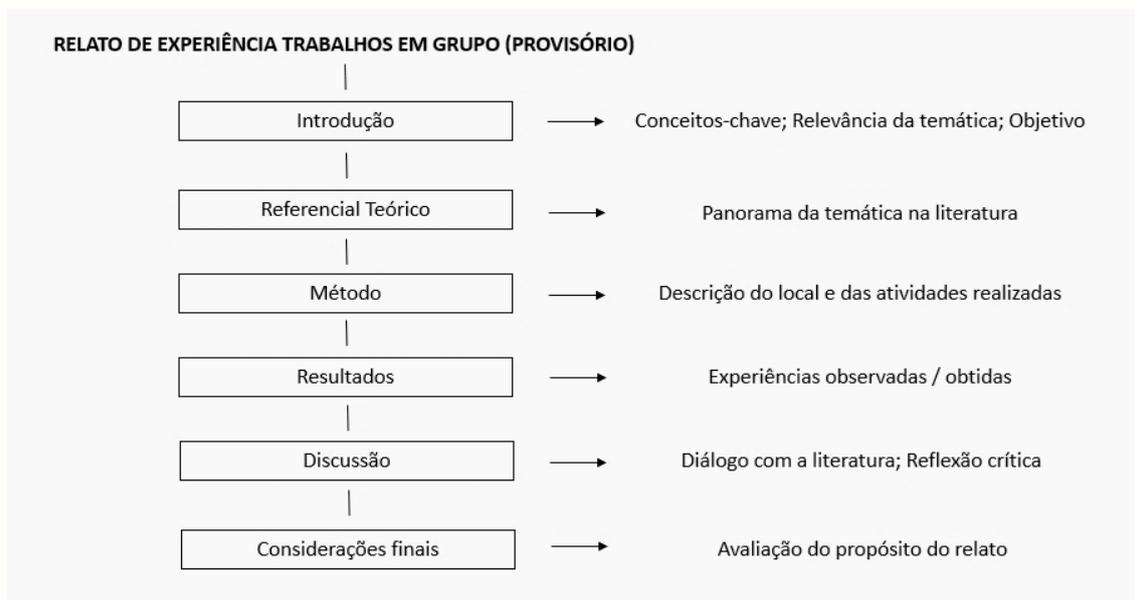


Figura 1: Fluxograma do estudo realizado neste relato de experiência.

Fonte: Adaptado de Mussi et al. (2021).

A partir do RE foi realizada uma breve Análise Textual Discursiva (ATD), uma avaliação que, segundo de Medeiros e Amorim (2017), transita entre a análise de conteúdo e a análise de discurso, onde as informações são recortadas, pulverizadas e desconstruídas, sempre a partir das capacidades interpretativas dos pesquisadores.

A apresentação dos resultados e a ATD desta narrativa de experiência será feita em primeira pessoa, considerando a atividade e as experiências vivenciadas pelo primeiro autor deste trabalho.

Resultados e discussão

Com o objetivo de partilhar nossa experiência na aplicação de atividades em grupo seguindo o modelo proposto pelo PED Brasil, nesta seção relata-se uma atividade de grupo dentro do contexto do Itinerário Formativo "Estações Meteorológicas".

A intenção inicial era implementar essa abordagem nas aulas de matemática, mas, dado que atualmente não estou ministrando aulas de matemática, adaptei-a ao máximo para abordar um tópico que, aparentemente, não desperta muito interesse entre os alunos. De certo modo, isso ocorre porque muitos deles veem as aulas do Itinerário Formativo como uma espécie de "tempo livre" ou uma oportunidade para pôr em dia o conteúdo de outras disciplinas.

Enfrentei desafios significativos nesse processo, pois as aulas não são sequenciais, ocorrendo em dois momentos separados: a última aula de quinta-feira e a primeira de sexta-feira. Além disso, esses horários não são ideais, uma vez que os alunos não estão completamente focados ou motivados no ambiente da sala de aula.

Embora a implementação tenha começado na data especificada, o trabalho para introduzir essa abordagem teve início em aulas anteriores, onde aproveitei uma oportunidade quando havia poucos alunos na sala. Nesse momento, expliquei que a partir dali estaríamos realizando muitos trabalhos em grupos, trios ou duplas, visando promover o trabalho colaborativo e lhes apresentei o conceito do quadro de papéis. Em razão do baixo comparecimento nesse dia, retomei a explicação no dia seguinte para garantir que todos os alunos compreendessem o novo formato de aulas.

Após estudar diferentes estratégias nas aulas da disciplina de Gestão e Organização da Sala de Aula do Mestrado Profissional em Educação (MPE), optei por organizar os grupos próximos uns dos outros, incentivando a ideia de colaboração entre eles, uma vez que vários grupos estariam realizando a mesma atividade. Como mencionado anteriormente, o tema abordado nessas duas aulas foi o funcionamento do pluviômetro. Inicialmente, antes de preparar a aula, senti alguma insegurança e preocupação em relação à minha capacidade de atender às minhas expectativas. No entanto, eu me mentalizei que era uma oportunidade de crescimento e estava determinado a enfrentá-la.

Dividi as turmas em grupos de cinco integrantes e, nesse primeiro momento, permiti que os próprios alunos escolhessem seus grupos com base em afinidades, a fim de evitar desconforto, pois acreditei que essa abordagem facilitaria a dinâmica. E, de fato, funcionou bem. Utilizei a mesma estratégia para definir os papéis de cada integrante do grupo que consistiu em facilitador (garantir que todos entenderam e têm acesso à tarefa), repórter (garantir que todos têm a oportunidade de escrever, e que as ideias de todos estão representadas no produto final), harmonizador (mediar desentendimentos e construir pontes), controlador do tempo (combinar os tempos com seu grupo e ficar atento ao relógio) e monitor de recursos (atentar-se aos recursos que o grupo precisa), e concedi três minutos para que eles fizessem suas escolhas e, em seguida, anunciei cada um dos papéis, solicitando que os alunos que desejavam desempenhar essas funções levantassem a mão.

Cada grupo recebeu cópias impressas de um cartão de recursos, um cartão de atividades e um quadro de papéis, mas embora tenha explicado a razão para fornecer apenas uma cópia por grupo, alguns alunos ainda expressaram dúvidas sobre o motivo de ser uma única folha para o grupo, possivelmente devido a alguma falta de clareza na minha explicação. No total, formaram-se seis grupos, e nos cartões estavam as perguntas direcionadoras para cada grupo, juntamente com o tempo disponível para concluir a tarefa, conforme apresentado na Figura 2.

ATIVIDADE

Leia o cartão de recursos com calma;
Cada grupo deverá responder uma das perguntas:

Grupos 1 e 2:
O que é o pluviômetro?

Grupos 3 e 4:
Quais os tipos de pluviômetro?

Grupos 5 e 6:
Como funciona o pluviômetro?

 **20 minutos**

NINGUÉM TEM TODAS HABILIDADES. TODOS TEMOS AO MENOS UMA DELAS

Figura 2. Cartão de recursos para os grupos de trabalho.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na minha perspectiva, o tempo designado originalmente parecia mais do que adequado, mas percebi que alguns grupos encontraram dificuldades em organizar as informações para a discussão em sala de aula. Como a discussão estava programada para ocorrer na aula do dia seguinte, decidi visitar os grupos e orientá-los sobre as expectativas, em vez de deixá-los desenvolver as tarefas conforme sua própria compreensão e estudos realizados anteriormente na disciplina. Eu acredito que essa intervenção foi a escolha certa, pois evidenciou ainda mais qual eram as intenções da atividade naquele momento.

No dia subsequente, iniciamos com uma breve revisão das principais ideias, planejando que durassem 5 minutos, embora tenha excedido em 2 minutos. Essa

revisão foi fundamental para que os alunos que estavam ausentes na primeira aula, realizada no dia anterior, pudessem se familiarizar com a tarefa. Porém, a discussão não atingiu o nível esperado, uma vez que a maioria dos alunos demonstrou timidez e receio de se expressar. No entanto, acredito que essa habilidade se desenvolverá ao longo das aulas, uma vez que não estão acostumados a essa prática. Apenas dois alunos se destacaram, expressando suas ideias de maneira excepcional.

O resultado do trabalho em grupo consistiu na criação de um mapa mental, o qual começaram a esboçar juntamente com a discussão inicial. Após a discussão, dispuseram de mais 10 minutos para finalizar e entregar o produto ao professor, conforme exemplificado nas Figuras 3a, 3b e 3c.

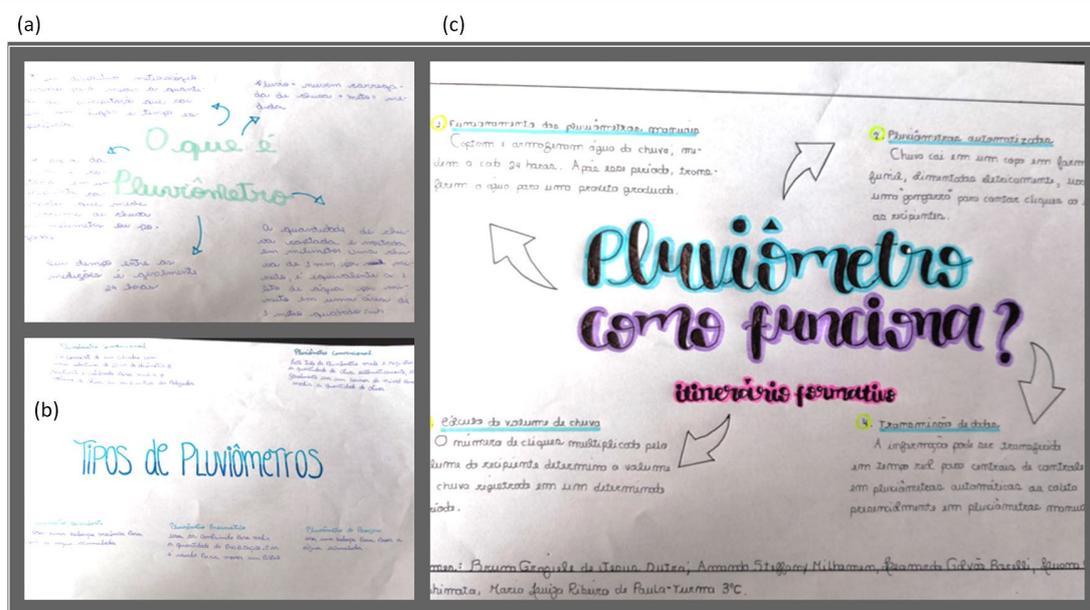


Figura 3. Mapas mentais desenvolvidos pelos estudantes na atividade em grupo (a, b, c).

Fonte: Elaborada pelos autores.

Ao término da segunda aula, na sexta-feira, solicitei aos alunos que fizessem uma avaliação dos dois dias de atividade, visando coletar suas opiniões, e pedi que entregassem na próxima aula. Enfatizei que não era necessário colocar seus nomes, com intuito de possibilitar que os discentes expressassem sua verdadeira opinião sem preocupação com consequências, e orientei-os a compartilhar o que tinham apreciado, o que não tinham gostado e quais sugestões tinham a oferecer.

Após analisar todas as avaliações dos alunos, notei que todos os que enviaram a avaliação expressaram satisfação com a atividade e a metodologia, o que me trouxe um grande alívio, uma vez que as expectativas eram elevadas. Mais do que alívio, fiquei contente ao perceber que algumas ideias adotadas efetivamente facilitaram a compreensão dos alunos, incluindo a atribuição de papéis. Além disso, observei que no segundo dia de aula, não fui tão claro quanto eu havia imaginado com os alunos que haviam faltado à primeira aula, me parecendo ter havido a falta de planejamento de um tempo para conversar com os ausentes, o que me levou a transmitir as instruções de forma apressada e solicitar ao facilitador que explicasse com mais detalhes. Essa é uma falha que pretendo corrigir nas próximas aulas.

Conforme destacado por Weinstein e Novodvorsky (2015), sobre a importância de tornar a sala de aula atraente para professores e alunos, após concluir a revisão de todas as avaliações e realizar uma análise abrangente das aulas, levando em consideração a gestão do tempo, o arranjo da sala, a didática e o prazer em adotar uma nova estratégia, chegou o momento de uma reflexão aprofundada sobre todos esses aspectos, com o objetivo de aprimorar as aulas futuras. Como afirmado por Freire (2017), essas reflexões são fundamentais para que o docente possa reavaliar sua prática e identificar os fatores que contribuem para o sucesso, bem como aqueles que podem levar ao fracasso.

Tenho a convicção de que, nas aulas subsequentes com a mesma turma, será possível promover uma compreensão mais ampla do trabalho em grupo, permitindo que os membros dos grupos desenvolvam essa habilidade e aprendam a colaborar fora de suas zonas de conforto. **Essa colaboração pode tornar-se mais intensa à medida que o trabalho avança**, quando os participantes passam a se conhecer melhor e ganham confiança uns nos outros (Ponte, 2008, p. 17, grifo nosso).

Assim, com base no RE apresentado, é possível perceber que o professor apresenta uma série de emoções e sentimentos ao longo da atividade com os alunos. No início, há uma combinação de ansiedade e determinação ao enfrentar o desafio de implementar uma metodologia diferente. O professor menciona sentir-se inseguro quanto à sua capacidade de atender às expectativas, mas decide encarar a situação como uma oportunidade de crescimento.

À medida que a narrativa avança, o professor expressa alívio e felicidade ao perceber que a maioria dos alunos gostou da atividade e da metodologia. Essa reação positiva dos alunos parece ser uma fonte de satisfação e validação para o professor, uma vez que as expectativas eram altas. No entanto, o professor também reconhece desafios e áreas que precisam ser melhoradas, como a clareza na comunicação com os alunos ausentes e a timidez dos alunos durante a discussão em grupo. O professor está disposto a aprender com esses desafios e aprimorar a prática para as próximas aulas.

Considera-se que a criação de oportunidades de aprendizado em aulas que se baseiam na gestão e organização da sala de aula requer planejamento cuidadoso, comunicação clara, apoio contínuo e a disposição de ajustar e melhorar a abordagem à medida que o processo avança. A aprendizagem colaborativa pode ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de habilidades interpessoais, resolução de problemas e construção de conhecimento, desde que seja implementada de forma estruturada e apoiada.

Considerações finais

A implementação de uma nova metodologia é um processo gradual, que afeta tanto o corpo docente quanto os discentes, e o primeiro passo desempenha um papel muito relevante, pois as instruções iniciais estabelecem as bases para a interpretação dos alunos em relação ao professor e à proposta de atividade.

O trabalho explora como objetivo principal a implementação de uma abordagem inovadora de ensino baseada no modelo proposto pelo PED Brasil, com foco em promover a colaboração em grupo e envolver os alunos em um projeto relacionado às "Estações Meteorológicas". Os resultados observados mostram uma receptividade positiva por parte dos alunos, indicando que a metodologia foi bem aceita e profícua na promoção do envolvimento dos estudantes. Porém, durante a implementação da nova metodologia, foram identificados desafios, como a falta de clareza nas instruções e a timidez dos alunos durante as discussões em grupo. Essas observações são fundamentais para reconhecer as áreas que precisam de melhorias e aprimoramentos.

Para futuros estudos, é aconselhável um planejamento mais abrangente que inclua diferentes métodos para lidar com os desafios identificados. Além disso, desenvolver a capacidade de comunicação dos alunos, incentivando a participação ativa

nas discussões em grupo, pode ser benéfico. A avaliação contínua das opiniões dos alunos é crucial para garantir melhorias constantes na metodologia, mas também é importante considerar a adaptação da metodologia para atender às particularidades das aulas não sequenciais e dos horários não ideais, de forma a manter os alunos focados e motivados.

Enfim, considera-se que essas medidas podem contribuir para a melhoria contínua dessa abordagem de ensino, favorecendo a experiência dos alunos e do professor no processo educacional, aprimorando a competência dos estudantes e a equidade na sala de aula.

Referências

- BESSA, Sonia; DOS SANTOS CASTRO, Elton Anderson; GONÇALVES, Jadir Rodrigues. Metodologia da Problematização no curso de pedagogia: um relato de experiência. **Revista Profissão Docente**, v. 17, n. 37, 2017.
- BOALER, Jo. **Mathematical mindsets: Unleashing students' potential through creative math, inspiring messages, and innovative teaching**. San Francisco (USA): John Wiley & Sons, v. 1, 303p, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a base. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em outubro de 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). O que são itinerários formativos? Novo ensino médio: perguntas e respostas. 2023. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas#:~:text=Os%20itiner%C3%A1rios%20formativos%20s%C3%A3o%20o,poder%C3%A3o%20escolher%20o%20ensino%20m%C3%A9dio>. Acesso em outubro de 2023.
- CANOA. Instituto Canoa. O Programa de Especialização Docente (PED Brasil). Disponível em <https://institutocanoa.org/ped-brasil/>. Acesso em outubro de 2023.
- COHEN, Elizabeth G.; LOTAN, Rachel A. **Planejando o trabalho em grupo: estratégias para salas de aula heterogêneas**. Porto Alegre: Penso Editora, 3ª. Ed., 678p, 2017.
- CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena; NASCIMENTO, Glória Cristina Cornélio do Nascimento. A produção do conhecimento na construção do saber sociocultural e científico. **Revista Educação Pública**, v. 18, p. 1-10, 2018.
- COUTINHO, Dimitria. Trabalho em grupo: entenda a sua importância e como promovê-lo na escola. **Revista Nova Escola**, v. 1, p. 1-7, 2023.
- DAMIANI, Magda Floriania. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar em revista**, p. 213-230, 2008.
- FOFONKA, Luciana; OLIVEIRA, Márcia A. R. Ensinando biologia: aulas práticas e espaços diferenciados. **Revista Educação Ambiental em Ação**, v. 1, p. 1-10, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 144p., 2017.
- INMET. Instituto Nacional de Meteorologia. Sobre meteorologia. 2023. Disponível em: [https://portal.inmet.gov.br/sobre-meteorologia#:~:text=Pluvi%C3%B4metro%20%2D%20Mede%20a%20quantidade%20de,%2C%20em%20mil%C3%ADmetros%20\(mm\)](https://portal.inmet.gov.br/sobre-meteorologia#:~:text=Pluvi%C3%B4metro%20%2D%20Mede%20a%20quantidade%20de,%2C%20em%20mil%C3%ADmetros%20(mm)). Acesso em outubro de 2023.
- LEVANDOWSKI, Agnes; CAMARGO, Sérgio. Estudando as aulas práticas e o trabalho em grupo no ensino e aprendizagem de ciências. **Tecné, Episteme y Didaxis (TED)**, v. 1, p. 2779-2784, 2021.
- LIMA, Mariana Aparecida Toledo; SANTOS, Silvana Claudia. Tecnologias digitais e trabalhos em grupo: relações produzidas por estudantes de licenciatura. **Educação em Foco**, v. 23, n. 40, p. 45-67, 2020.
- MACHADO, José Luís Alvarez. A importância do trabalho em pares: a ação colaborativa e enriquecedora entre faixas etárias e níveis escolares. **Planeta Educação**, v. 1, p. 1-2, 2017.

MEDEIROS, Emerson Augusto; AMORIM, Giovana Carla Cardoso. Análise textual discursiva: dispositivo analítico de dados qualitativos para a pesquisa em educação. **Laplage em revista**, v. 3, n. 3, p. 247-260, 2017.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

PEREIRA, Cristiane de Souza. O trabalho em grupos na aula de matemática. Dissertação do Mestrado Profissional Educação e Docência da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). **Dissertação**. Belo horizonte, 84p., 2021.

PONTE, João Pedro da. Investigar a nossa própria prática: uma estratégia de formação e de construção do conhecimento profissional. **PNA**, v. 2, n. 4, p. 153-180, 2008.

ROCHA, Angela Sanches; LOPES, Eduardo Gullo Muller; PAZUTTI, Leonardo Vitor Belo; VITAL, Neuza de Almeida Araújo; TAMIASSO-MARTINHON, Priscila; SOUSA, Célia. Planejamento Pedagógico Reverso Aplicado ao Experimento “Método da Fronteira Móvel”. **Revista Virtual de Química**, v. 13, n. 3, p. 621-634, 2021

SANTOS, Renan André Barbosa dos; ANDRADE, Camila Souza de; JUCÁ, João Marcos Bréa; BARRETO, Cristiano da Conceição. A utilização de jogos como ferramenta auxiliar no ensino da Matemática. **Revista Educação Pública**, 21(42), p. 1-7, 2021.

WEINSTEIN, Carol Simon; NOVODVORSKY, Ingrid; DORVILLÉ, Luís Fernando Marques. **Gestão da sala de aula: lições da pesquisa e da prática para trabalhar com adolescentes**. Porto Alegre: Penso Editora, 178p., 2015.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: O CURSINHO POPULAR LIBERTAS, DA UNITAU

Bruna Rodrigues Assaf (UNITAU)

Lucas Manfroi (INPE)

Matheus Gabriel de Castro Freire Oliveira (UNIFESP)

Thaynara Pereira Coelho Americano (USP)

Luzimar Goulart Gouvêa (UNITAU)

Letícia Maria Pinto da Costa (UNITAU)

Resumo

O presente relato de experiência tem por tema a experiência de criação, de desenvolvimento e de consolidação do projeto de extensão denominado Cursinho Popular Libertas. Pensou-se a escritura deste relato em comemoração aos 10 anos do Cursinho. O presente relato tem por justificativa registrar, para preservar, a memória do Cursinho, seus ganhos e suas contribuições para uma parcela da sociedade de menor poder aquisitivo de Taubaté e da região. Os objetivos deste relato são; a) historicizar o processo de criação do Cursinho, de sua metodologia e de seus percursos; b) caracterizar a linha ideológica do Cursinho; c) problematizar os percursos, as dificuldades, os impasses e as linhas de condução do Cursinho; d) fazer um balanço dos ganhos do Cursinho, para a Instituição, para os beneficiários, para os universitários e para as famílias dos alunos do Cursinho. A metodologia empregada para a elaboração deste relato se apoia na pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, com a descrição da construção coletiva dos processos de realização das aulas, com a escuta ativa dos beneficiários e partícipes das aulas do Cursinho e com a facção da narrativa do relato. Como resultados, temos a consolidação do nome Libertas bem como a consolidação do Cursinho como um meio de acesso ao ensino universitário público e de qualidade. Como conclusão, podemos observar um ganho social e humanístico, no sentido da promoção das pessoas e da educação de qualidade, o que se consagrará mais ainda no âmbito do ensino superior das universidades públicas.

Palavras-chave: Cursinho Popular Libertas; educação pública; acesso ao ensino universitário público de qualidade; democratização do conhecimento.

Introdução

O presente relato de experiência tem por tema a experiência de criação, de desenvolvimento e de consolidação do projeto de extensão denominado Cursinho Popular Libertas. Pensou-se a escritura deste relato em comemoração aos 10 anos do Cursinho.

O presente relato tem por justificativa registrar, para preservar, a memória do Cursinho, seus ganhos e suas contribuições para uma parcela da sociedade de menor poder aquisitivo de Taubaté e da região.

Os objetivos deste relato são; a) historicizar o processo de criação do Cursinho, de sua metodologia e de seus percursos; b) caracterizar a linha ideológica do Cursinho; c) problematizar os percursos, as dificuldades, os impasses e as linhas de condução do Cursinho; d) fazer um balanço dos ganhos do Cursinho, para a instituição, para os beneficiários, para os universitários e para as famílias dos alunos do Cursinho.

A metodologia empregada para a elaboração deste relato se apoia na pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, com a descrição da construção coletiva dos processos de realização das aulas, com a escuta ativa dos beneficiários e partícipes das aulas do Cursinho e com a facção da narrativa do relato.

Na sequência, apresentaremos o percurso de criação e de colocação em funcionamento do Cursinho, enfim o caracterizaremos.

1 - De “amigos do poeta” a gestores do cursinho popular libertas: um percurso

O Cursinho pré-vestibular Libertas nasceu, em meados de 2012, de um movimento espontâneo de alunos do Ensino Médio da Escola Prof. José Ezequiel de Souza, de Taubaté, da Escola Eng. Juarez Wanderley (Escola da Embraer), de São José dos Campos, e da Universidade de São Paulo (USP). Esses alunos reuniam-se, semanalmente, para discussões acerca de questões sociais, políticas e culturais, na Praça Santa Terezinha, em Taubaté-SP.

Numa dessas reuniões, o assunto foi a educação. O grupo, que se autodenominava “Amigos do poeta”, chegou ao consenso de que havia uma defasagem na qualidade de ensino entre a rede pública e a privada e que isso era motivado pela desigualdade social no Brasil. A partir dessa consciência histórica, nasceu o desejo de mudança na situação da educação em Taubaté. Paralelamente a isso, alguns dos

integrantes do grupo haviam participado de uma palestra com o sociólogo Tiago Aguiar, à época Diretor de Relações Internacionais da União Nacional de Estudantes (UNE), o que veio a fortalecer o grupo, uma vez que o sociólogo trouxe, em seus relatos, a experiência de organização de um cursinho popular na cidade de São Paulo (Rede Emancipa).

Como as dificuldades do grupo eram enormes, principalmente no tocante à disponibilidade de um espaço físico para seus encontros, e por sugestão de Carlos Eduardo Rodrigues, ex-aluno da Unitau e professor de Geografia na Escola Prof. José Ezequiel de Souza (Municipal), os alunos e suas ideias foram levados, em Novembro de 2012, até o Departamento de Ciências Sociais e Letras, acolhidos pelo seu então Diretor Prof. Me. Eduardo Carlos Pinto, que solicitou ao Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa que recebesse os alunos. O Prof. Luzimar havia coordenado, no ano anterior, um projeto análogo de oferecimento de vagas para alunos da rede pública de Taubaté num cursinho pré-vestibular, chamado Emancipação, idealizado e conduzido por ex-alunos da Unitau, em regime de voluntariado. O cursinho Emancipação dispunha de metodologia própria, mas decidiu levar sua ação pedagógica para uma escola pública do bairro Araretama, em Pindamonhangaba, onde funcionou, no ano de 2013, com um projeto de reforço escolar.

A partir de reuniões, firmou-se a criação do Cursinho Libertas e, com o professor Luzimar como coordenador, foi feita uma proposta de curso de extensão, a qual foi levada à Pró-reitoria de Extensão da Universidade de Taubaté, que a aprovou. Além de caracterizar-se como uma ação de caráter social, tendo-se garantido a permanência do regime de voluntariado, o que caracteriza a gestão do Cursinho Libertas é a liberdade de decisão do grupo de alunos, que são moralmente os mandantes da proposta pedagógica, grupo composto por Felipe Gabriel de Castro Freire Oliveira (filho de um servidor da Unitau), Gisele Maria da Costa Vilalta, Matheus Gabriel de Castro Freire Oliveira (filho de um servidor da Unitau), Paulo Henrique Soares de Lacerda e Pedro Guilherme de Araújo Faria.

Em fevereiro de 2013, foram abertas as inscrições para o ingresso dos alunos. Foi decidido como critério de seleção a condição de estar regularmente matriculado no ensino público de Taubaté, tendo sido escolhidas a Escola Municipal Prof. José Ezequiel de Souza e a Escola Estadual Prof. Bernardino Querido como endereços desse público.

Foram feitas passagens em cada turma de terceiro ano, nas quais se divulgou a proposta do projeto e se argumentou sobre a importância de se cursar o Ensino Superior em uma Universidade Pública.

O referido grupo de alunos gestores contactou os professores, que se dispuseram a atuar em regime de voluntariado, e montou um cronograma de aulas, além de terem feito a convocação dos alunos. O início das aulas deu-se no dia 02 de março de 2013, com um total de 95 alunos inscritos. Foi ocupada uma sala do Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté para a realização das aulas.

O norteamento pedagógico tinha por fito preparar os alunos para a realização das provas do Exame nacional do ensino médio (ENEM). As aulas tinham duração de uma hora e vinte minutos, com intervalos de 10 minutos, compondo-se o período matutino de 03 aulas. No período vespertino, o foco da ação pedagógica, um dos diferenciais do projeto, era a oferta de plantões de dúvidas e de grupos de discussão, com a exibição de filmes e com a promoção de palestras acerca de assuntos contemporâneos, com o objetivo de desencadear um processo de educação crítica.

Ao longo dos dois semestres, foram ocupados três sábados com a realização de simulados com o objetivo de aferir e potencializar o desempenho dos alunos obtido ao longo do curso e também com vistas ao treinamento do modelo de prova do ENEM. Os resultados dos alunos, nos simulados, não foram expressivos, todavia se constatou uma ligeira melhora, comparando-se os números do primeiro e do terceiro simulados. Essa ferramenta teve efeitos positivos, pedagogicamente, pois incentivou os participantes a se dedicarem com mais afinco aos estudos e a priorizar as áreas do conhecimento em que encontravam maiores dificuldades.

No que tange ao aproveitamento dos horários de aulas, era nítido o envolvimento dos alunos com os professores, o que condicionou uma troca recíproca de conhecimento. Os discentes demonstraram amplo interesse em contribuir com a dinâmica proposta pelos professores, e esses, por sua vez, ressaltavam a importância de não serem reprimidos por um modelo educacional vigente nas escolas em que atuavam. Não houve problemas disciplinares.

Já com relação aos horários em que eram propostos debates, exposições de filmes e documentários, palestras e espaços para orientação vocacional e psicológica, evidenciou-se um claro êxito na construção de uma educação crítica e autônoma. Os

próprios alunos se manifestaram em defesa da iniciativa e da qualidade desses trabalhos. Esse diferencial do Cursinho Pré-Vestibular Libertas possibilitou o tratamento de diversos temas contemporâneos e de assuntos de importância local, que também serviram como complementares aos estudos preparatórios.

Devido ao fato de o projeto ser de cunho social e decorrer de um regime voluntariado, não se contava com recursos financeiros, o que dificultava a aquisição de materiais a serem ofertados aos alunos, tais como listas de exercícios e os xerox dos simulados aplicados. Para solucionar esse problema, os coordenadores do cursinho angariaram doadores, que contribuía mensalmente com uma quantia que lhes convinha.

A opção em direcionar as aulas do cursinho no conteúdo programático do ENEM foi feita, uma vez que seu conteúdo é reduzido em relação a vestibulares como o da Fuvest, Comvest e Vunesp, e também por desenvolver habilidades interdisciplinares e conhecimento aplicado. Porém, aulas apenas aos sábados são insuficientes para abranger todo o conteúdo previsto mesmo de um processo seletivo como o ENEM, assim os docentes tiveram de tornar suas aulas otimizadas e objetivas.

Outro empecilho encontrado pelos coordenadores foi a indisponibilidade de alguns professores, principalmente da área de exatas. O grupo coordenador, em alguns casos, conseguia agendar aulas pontuais, mas não obtinha compromisso desses professores em relação à quantidade total de aulas programadas. Assim, havia um acompanhamento pouco aprofundado acerca do desempenho do corpo discente.

Um último obstáculo que se pode apontar é quanto ao não acesso à Internet, no local do projeto. Segundo professores que se manifestaram em pedido dessa ferramenta, no momento em que as aulas eram planejadas, a utilização de recursos online seria de enorme proveito para as aulas, visto que atualmente é uma condição que vem se tornando geral para as atividades acadêmicas. Os compromissos burocráticos da coordenação do Cursinho Pré-Vestibular Libertas e a comunicação entre seus membros também poderiam ser facilitados. A seguir, abordaremos, muito brevemente, questões ligadas às práticas e às ideologias que observamos no funcionamento do Cursinho.

2. Das práticas e das ideologias

Há muitos e muitos conceitos de ideologia. Neste relato, assumimos a discussão que Eagleton (1997) assume de ideologia/s. Terry Eagleton, nascido em 1943, nos apresenta conceitos ligados à Filosofia, aos estudos multiculturais, ao Marxismo, ao pós-estruturalismo e estabelece críticas ao capitalismo e ao pensamento pós-moderno e, nas suas obras *A Ideologia da Estética* (Eagleton, 1993) e, principalmente, em *Ideologia – uma introdução* (Eagleton, 1997), consolida sua posição interdisciplinar acerca da produção do conhecimento. Em suma, ele aborda questões políticas, culturais e sociais em sua obra. Para ele, “a ideologia é essencialmente uma questão de significados” (Eagleton, 1997, p. 44), que estão sempre em embate. O que denominamos de ideologia dominante, na verdade, é um conjunto de forças internas de um grupo social cujos interesses nem sempre estão em consonância, e isso traz implicações à própria ideologia em questão. Ou seja, em tese, as ideologias não são “puras” e “unitárias” no dizer do crítico marxista, só existem em função de outras ideologias. E “se os oprimidos precisam estar bastante atentos para seguir instruções dos governantes, são portanto suficientemente conscientes para poder desafiá-las” (Eagleton, 1997, p. 51).

Podemos, portanto, considerar a ideologia “como um fenômeno discursivo e semiótico” (Eagleton, 1997, p.171). Esse posicionamento está em consonância com o que defende Volóchinov (2017, p. 181): “a palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana”, ou seja, a linguagem é essencialmente semiótica e ideológica. É, portanto, de natureza dialógica – e responsiva: polifonicamente constitutiva, a ideologia verte nos discursos e os discursos se fazem, presidem os atos comunicativos, revelam a luta de classes, o Inconsciente freudiano, revelam, enfim, as ideologias.

Assim, o Cursinho Popular Libertas faz emanar uma ideologia alinhada às questões que pensam, profundamente, causas sociais e educação e estabelecem relações de trocas simbólicas do saber, acatando a natureza social, tanto da linguagem, quanto da educação.

No contexto do Cursinho Popular Libertas, as vagas oferecidas, nesses dez anos, eram para alunos oriundos da rede pública de ensino, entendendo a escola pública como um *locus* desprivilegiado, ou menos atendido por políticas públicas de educação. Um segundo pré-requisito para a cessão de uma vaga no Cursinho Popular Libertas era,

e é, a aferição da situação socioeconômica do grupo familiar. A renda familiar, assim, era, e é, determinante da concessão de uma oportunidade social, no sentido da construção de uma consciência social de direitos e de deveres do Estado para com a Educação. Dessa forma, também se configurava aos poucos uma crítica, ou melhor, um pensamento social crítico.

Conformando-se e confirmando-se o caráter extensionista do Cursinho Popular Libertas, na sua dupla face, interna e externa, as vagas são gratuitas para o público detentor de mais necessidades de oportunidades sociais e educacionais, ocupantes dos bancos escolares, além de para aqueles já egressos da escola pública, na tentativa de democratização de espaços, de saberes e de fazeres. Assim, nossos alunos de graduação, das mais diversas áreas, também se contam entre os professores voluntários e como gestores de uma ordem escolar para colocar em funcionamento o Cursinho.

Culminando com todas essas ações, sempre realizamos aquilo que, internamente em nosso grupo, chamamos de Aulas Libertas: aulas que fogem ao modelo convencional de passagem de conteúdos, aulas que se caracterizam por problematizar questões sociais, econômicas, políticas, educacionais e culturais que colocam em cheque o modelo capitalista e meritocrático de educação brasileira e periférica. Veremos, a seguir, um pouco mais de nossos problemas, de nossas dificuldades, dos impasses e dos modos de condução encontrados pelo Cursinho Popular Libertas.

3. Um pouco de tudo: problemas no meio do caminho, mais do mesmo e aprofundamentos

Desde o início do Libertas, um problema houve, e sempre haverá, na condução de qualquer empresa: o problema financeiro, a não destinação ou a pouca destinação de verbas específicas para projetos de extensão universitária, mas, devemos informar, isso foi uma escolha da gestão do Libertas: o não comprometimento de verbas liberou o grupo de, ou impediu possíveis ingerências administrativas e pedagógicas, quando não as ingerências ideológicas e, nisso, o coordenador do grupo foi categórico: os mandantes do Cursinho Libertas eram os alunos que o realizavam, detentores de sua ideologia, do seu know-how. Em troca, negociou-se o pleno conhecimento, a clareza e a

democratização, tanto na tomada de decisões e de caminhos quanto nas decisões internas do grupo, com a audiência de suas vozes internas.

Assim, faziam-se arrecadações e levantamento de verbas por diversos meios, como rifas, doações, ingressos de festas e vendas justas nessas festas. Patrocinavam-se, dessa forma, cópias xerográficas, listas de exercícios, apostilas, aluguel de filmes etc.

A organização/realização de cada sábado de aula, inicialmente nos dois turnos, manhã e tarde, e, posteriormente, num período de tempo mais curto, demandava uma série de atividades, as quais contavam com o concurso de muitas pessoas para se realizar a contento. Mobilização de professores para a realização das aulas, equipes de organizadores do espaço, dos horários, de atendimentos a imprevistos, de preparação de material didático, de preparação de material paradidático, cuidadores da abertura e do fechamento do prédio em que se realizavam as aulas, cuidadores da segurança, da higiene e da limpeza, coordenadores de grupos de estudos, feitura de convites e condução de convidados especiais para palestras e para as aulas Libertas, coordenadores pedagógicos para atendimento de planejamento de estudos, promotores de perfis psicológicos-vocacionais e professores, professores, professores. Todos voluntários, vestidos de desejos, de sonhos, de força e de capacidade de lutas e de transformações.

Um outro ponto a se destacar era, e é, o planejamento didático-pedagógico. As diretrizes pedagógicas eram, mais que sonhadas, pensadas racionalmente, executadas ideologicamente com preocupações sociais e, dessa forma, humanísticas. A discussão das ideias para se realizar, dos ideais para se idear as ações, levou-nos a pensar e a redigir, e mais tarde a praticar, um projeto pedagógico, na verdade um projeto político-pedagógico. Como ideias não são metais que se fundem, havia ferrenhas discussões, entretanto respeitadas discussões, que nos levaram a ficar identificados com o encaminhamento geral que dávamos ao cursinho Libertas: a democratização do saber, a democratização das oportunidades sociais, a democratização do nosso fazer. Sempre pretendemos não reservar espaço para performances personalíssimas, motivados que sempre fomos pelo bem coletivo, nosso fulcro de atenções.

Também vale ressaltar algumas dificuldades de nossos alunos: alguns, se comiam, não podiam vir às aulas, ou tinham de se deslocar a pé; outros, se vinham às

aulas, não podiam comer. Às vezes, patrocinávamos lanches e almoços, mas mesmo as pessoas da equipe também tinham suas dificuldades.

Mas, dentre todas as dificuldades, as maiores ficaram delatadas pela passagem da pandemia da Covid-19. As aulas, que eram transferidas, de tempos em tempos, de espaços dentro dos *campi* da Universidade, o que era elemento gerador de dificuldades (como lanches mais caros, dependendo do bairro), agora foram sanitariamente proibidas de acontecerem presencialmente. De modo remoto, em sincronidade, por meio de plataformas de videoconferência (Microsoft teams, Googlemeet, Zoom etc.), gratuitas, as aulas aconteciam em horários previamente combinados ou no modo de educação a distância, com o aluno podendo acessar as aulas previamente gravadas. A solução encontrada, entretanto, esbarrava em alguns impasses e obstáculos de difícil transposição, que, inclusive, extrapolava o campo de atuação da Universidade e do Cursinho Popular Libertas: a carência social, financeira, impedia que as famílias tivessem acesso à Internet, a existência, em casa, de equipamentos obsoletos, a inexistência, em casa, de computadores, famílias grandes com uso de apenas um computador, ausência de recursos financeiros, outras carências materiais mais urgentes, tudo isso, todas essas minudências fizeram o Cursinho Libertas perder, grandemente, seu público.

Na volta da pandemia, por questões ligadas, parcialmente, a uma nova cultura, a do home-office, a da educação remota e a distância, pela continuidade da crise financeira, pelo não apoio governamental, os alunos se desinteressam e houve um esmorecimento de frequência e de estudos que afetou o Cursinho Popular Libertas. Na sequência, vejamos o lado bom da coisa.

4. Ganhos do cursinho, para a instituição, para os beneficiários, para os universitários e para as famílias dos alunos do cursinho

Para não parecer auto-elogiosos, apresentaremos alguns ganhos obtidos pelo Libertas.

Muitos foram os ganhos da oferta do Cursinho Popular Libertas: dentre elas, a possibilidade de acesso ao ensino superior gratuito por uma pequena parcela de baixa renda da cidade de Taubaté e região. Para as famílias desses alunos, isso pode significar um ganho futuro, o início de um futuro melhor tão sonhado quanto perseguido. Sabemos que esse acesso, ainda assim, via universidade pública, não desobriga as

famílias de um gasto com seus filhos, dado que as universidades se encontram em cidades distintas e distantes. Isso, sabemos também, é uma segunda etapa a ser transposta, o que, numa boa parte das vezes, não se faz a contento, levando muitos desses universitários à desistência de seus sonhos, com o abandono da oportunidade inicialmente conquistada.

Nem sempre, e às vezes apesar de, se conseguem vagas em alojamentos, ou na moradia estudantil das universidades. O restaurante universitário também nem sempre é uma aparelhagem de que dispõem as universidades. Os transportes urbano e interurbano mostram-se dificultosos e os alunos apelam para transportes alternativos, menos seguros, com intervalos grandes de visitas à família.

Os benefícios do cursinho, mesmo assim, se fazem sentir. Apesar de todas as dificuldades, muitos alunos do Cursinho Popular Libertas, tanto os que fazem seu curso superior na cidade quanto os que o fazem em outras cidades, fazem públicos e veementes agradecimentos ao Cursinho. Mas, mais bonito que tudo e mais gratificante, nossos ex-alunos voltam e se transformam em professores do Libertas como forma de agradecimento. Simbolicamente, além dos diversos alunos do Libertas que adentram à universidade pública, a maior resposta que temos de nossos alunos é o construto que fica em favor da universidade pública, do ensino superior gratuito e de qualidade, tanto quanto as famílias ficam agradecidos e nossos estudantes têm uma formação humanística que, pelo voluntariado, escreve nas almas lições inefáveis.

Conclusão

Ao concluirmos este relato de experiência da criação e do funcionamento de um cursinho popular, reafirmamos nosso compromisso social com a educação e com os seres humanos, sabendo que a educação, tanto quanto o uso de língua, é um ato social, um conjunto de escolhas democráticas e conscientes, e que nisso se realizam aqueles atos que, em última instância, são o mais profundo exercício da Política.

Referências

- EAGLETON, T. *A Ideologia da Estética*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
EAGLETON, T. *Ideologia: uma introdução*. 1 ed. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A EDITORA UNITAU NA DISSEMINAÇÃO E NA DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E DAS AÇÕES DA PREX, SEU MODUS OPERANDI

Rafael Campos de Jesus

Estagiário na EdUNITAU e aluno do curso de História - UNITAU

Rayan de Oliveira Gardim Monteiro

Estagiário na EdUNITAU e aluno do curso de História - UNITAU

Alessandro Squarcini

Coordenador do Núcleo de Design Gráfico - UNITAU

Luzimar Goulart Gouvêa

Editor-chefe da EdUNITAU e Docente no curso de Letras - UNITAU

Leticia Maria Pinto da Costa

Pró-Reitora de Extensão - UNITAU

Resumo

A Editora da Universidade de Taubaté (EdUnitau) foi instituída pela Deliberação Consuni nº 147/2012 e teve seu regulamento alterado em 1º de abril de 2021, é órgão suplementar vinculado à Pró-reitoria de Extensão da Unitau, e, no seu capítulo III, no Artigo 10, Inciso VII, deve “[...] articular o relacionamento da EdUnitau com os segmentos e órgãos internos da Universidade [...]” e deve, de acordo com o Inciso VIII, “[...] articular o relacionamento externo da Editora [...]”, além de, Inciso IX, “[...] articular a política de coedição de obras científicas, culturais e técnicas, entre várias editoras e/ou instituições [...]” e “[...] responsabilizar-se pela execução e acompanhamento dos processos de edição, publicação e veiculação dos produtos impressos, eletrônicos e/ou audiovisuais [...]”. O **tema** deste relato é a Editora da Unitau e seus *loci* de atuação bem como seus *modos operandi*. Este relato se **justifica** por dar a conhecer, ao público interno e ao público externo, o funcionamento da EdUnitau e as atividades decorrentes e recorrentes do trabalho de edição de uma editora universitária pública. Os **objetivos** deste relato são: 1) apresentar a Editora e sua área de atuação; 2) desenhar o percurso de atividades, de prazos e de afazeres atinentes à edição, com minudências dos cuidados e das peculiaridades de todo o processo editorial da EdUnitau. A **metodologia** empregada ancora-se no embasamento legal institucional, na pesquisa bibliográfica de viés qualitativo e na reflexão dialogada acerca das atividades. Como **resultados**, podemos visualizar e compreender os elementos componentes de uma editora universitária pública, suas dificuldades, seus ganhos. Como **conclusão**, temos a consciência de suas requisições: um trabalho articulado e dialogado, educativo, com

vistas à disseminação e à democratização da veiculação de conhecimentos nesse trânsito de saberes em que se constitui uma editora pública.

Palavras-chave: Editora da Universidade de Taubaté. Editora universitária pública. Publicação de livros impressos e eletrônicos. EdUnitau.

Introdução

A Editora da Universidade de Taubaté (EdUnitau) foi instituída pela Deliberação Consuni nº 147/2012 e teve seu regulamento alterado em 1º de abril de 2021, é órgão suplementar vinculado à Pró-reitoria de Extensão da Unitau, e, no seu capítulo III, no Artigo 10, Inciso VII, deve “[...] articular o relacionamento da EdUnitau com os segmentos e órgãos internos da Universidade [...]” e deve, de acordo com o Inciso VIII, “[...] articular o relacionamento externo da Editora [...]”, além de, Inciso IX, “[...] articular a política de coedição de obras científicas, culturais e técnicas, entre várias editoras e/ou instituições [...]” e “[...] responsabilizar-se pela execução e acompanhamento dos processos de edição, publicação e veiculação dos produtos impressos, eletrônicos e/ou audiovisuais [...]”.

O **tema** deste relato é a Editora da Unitau e seus *loci* de atuação bem como seus *modos operandi*.

Este relato se **justifica** por dar a conhecer, ao público interno e ao público externo, o funcionamento da EdUnitau e as atividades decorrentes e recorrentes do trabalho de edição de uma editora universitária pública.

Os **objetivos** deste relato são: 1) apresentar a Editora e sua área de atuação; 2) desenhar o percurso de atividades, de prazos e de afazeres atinentes à edição, com minudência dos cuidados e das peculiaridades de todo o processo editorial da EdUnitau.

A **metodologia** empregada ancora-se no embasamento legal institucional, na pesquisa bibliográfica de viés qualitativo e na reflexão dialogada acerca das atividades. Este relato de experiência está dividido em três partes centrais: nelas, apresentaremos a Editora e sua área de atuação, desenharemos o percurso de atividades, de prazos e de afazeres relativos à edição, também apresentaremos minuciosamente os cuidados e as peculiaridades de todo o processo editorial da EdUnitau.

Vejamos, a seguir, um pouco mais da EdUnitau.

2. A EdUnitau, área de atuação e atividades

A EdUnitau está vinculada à Pró-Reitoria de Extensão (PREX) da Universidade de Taubaté e funciona nas instalações prediais do Solar da Viscondessa, na Rua Barão da Pedra Negra, nº 559, Centro de Taubaté.

Além de contar com toda a organização burocrática da PREX, a Editora está dividida em duas áreas de atuação em seu arcabouço físico: o Núcleo de Design Gráfico (NDG), que dá suporte técnico à Editora e que também pode contar com o apoio do Sistema Integrado de Bibliotecas, da Assessoria de Comunicação e do Grupo de Estudos em Língua Portuguesa. A outra área de atuação diz respeito à difusão cultural e à prospecção de originais para publicação. Esta área conta com apoio do Conselho Editorial e, fortemente, do NDG.

Como relato de experiência, é interessante que se faça uma espécie de decalque da realidade das práticas diretivas e laborais da EdUnitau.

A rotina da EdUnitau, nas suas práticas diretivas, ou seja, na difusão cultural, propõe e negocia com autores internos e externos a publicação de seus textos, ajuda a adequar prazos para o processo de produção das obras, em consonância com o NDG, ajuda a estabelecer a natureza das publicações, ajuda os autores a pensar os lançamentos, propõe formatos, propõe, organiza e realiza as reuniões deliberativas do Conselho Editorial.

Já o NDG, como equipe técnica, oferece suporte na criação dos projetos gráficos editoriais. Na verdade, o NDG capitaneia todo o processo de criação editorial, desde o recebimento dos originais enviados pelos autores, passando pela diagramação (escolha do melhor software para o miolo e/ou para a capa), até revisões e alterações, captura da ficha catalográfica e ISBN por meio de formulário eletrônico, recolha e conferência do termo de cessão de direitos autorais. Antes da submissão do arquivo final da obra, tudo é dialogado com e aprovado pelo/s autor/es, organizador/es para a disponibilização oficial no site da Editora, o que comumente se chama publicação.

Como parte das funções do Conselho Editorial, cabe aos membros realizar algumas políticas editoriais, como: avaliar e aprovar os textos originais submetidos pelo/s autor/es e/ou organizador/es, fazer escolhas que deem melhor visibilidade à política editorial da Universidade bem como deem visibilidade não só à Universidade como também aos seus cursos, professores, alunos, profissionais e públicos.

Uma outra função do Conselho Editorial que se reveste de suma importância e que garante o alinhamento das políticas editoriais, das políticas de pesquisa e de pós-graduação é aquilo que está contido no conceito de “conhecimento aberto”. Assim, as políticas editoriais estendem braços que enlaçam outras instituições de ensino superior e integram, tanto interna quanto externamente, ações/diretrizes como a internacionalização da universidade, a curricularização da extensão, a prestação de serviços, as publicações ditas culturais (e, por extensão, artísticas).

3. Ainda as atividades, os prazos e os afazeres atinentes à edição, suas minudências, seus cuidados e suas peculiaridades

Refinando mais nosso relato de experiência, com um foco mais objetivo, optamos por fazer uma mostra, além das atividades, dos prazos e afazeres relativos à edição na EdUnitau.

ATIVIDADE	PRAZO	AFAZERES
Busca/sugestão de publicação, contato inicial com autores	Depende do autor. Na EdUnitau, como atividade da Editora, uma semana	Anotação de nomes, ideias, temas, captação de contato com autores
Aguardo de novo contato do autor	Depende do autor. Na EdUnitau, como atividade da Editora, 15 dias	Verificação de envio dos originais pelos autores no e-mail da Unitau, no e-mail do editor-chefe, no whatsapp
Recebimento de originais	Depende do autor. Na EdUnitau, como atividade da Editora, 03 dias	Verificação inicial, verificação de revisão de texto
Submissão dos originais ao Conselho Editorial	Na EdUnitau, mensalmente, na reunião ordinária do Conselho Editorial. Ou excepcionalmente, dependendo do caso	Convocar reunião do Conselho Editorial, incluir as publicações na pauta da reunião

Se aprovada a publicação, inserir em lista por ordem de chegada.	No NDG, 02 dias.	Inserir na lista de publicação, verificando sua ordem e prioridades, equacionando-se com o andamento das outras publicações
Conferência dos originais	O editor-chefe e o NDG, 01 semana	Conferir (qualidade de) texto, verificar/cobrar nome do revisor de texto responsável, verificar/cobrar termo de cessão de direitos autorais de todos os autores
Projeto gráfico	NDG	Criação da capa, diagramação do miolo
ISBN + ficha catalográfica	NDG + SIBi	Solicitação do ISBN pelo NDG; captação ISBN e confecção da ficha catalográfica pelo SIBi
Revisão e aprovação do autor	NDG, 01 semana	Encaminhamento ao autor, organizador para conferência, possíveis alterações e aprovação final da obra.
Publicação no site da EdUnitau	NDG, 02 dias	Processo de submissão do arquivo da obra na <i>Platform & Workflow by OMP/PKP</i> (plataforma mundial de código

		aberto em que o site da EdUnitau está implementado), que compreende a escolha da categoria e se já é parte de uma série ou se abrirá uma nova série de publicações, verificação de publicação anterior da mesma obra, indicação do tipo de obra, dados da obra, idioma, licença (copyright), abertura de um novo item no catálogo, indica autores, informa o ORCID (se houver), inserção do ISBN etc.
Lançamento da obra	Autor/organizadores/EdUnitau	Evento de lançamento, organizado por quem de interesse

Após mostramos nossas atividades, passamos para a parte final deste relato, ou seja, trataremos de alguns resultados e de alguma conclusão.

Resultados

Como **resultados**, podemos visualizar e compreender os elementos componentes de uma editora universitária pública, suas dificuldades, seus ganhos.

Conclusão

Como **conclusão**, temos a consciência de suas requisições: um trabalho articulado e dialogado, educativo, com vistas à disseminação e à democratização da veiculação de conhecimentos nesse trânsito de saberes em que se constitui uma editora pública.

Considerações finais

Uma vez que se tem em funcionamento uma editora universitária, restam algumas coisas a se refletir: a) todo o trabalho de publicação deve ter por alvo os beneficiários, ou seja, os leitores finais, um público vasto que se forma nas diversas comunidades; b) todas as publicações devem ser divulgadas e é tarefa de todo, dentro da Universidade, participar aos públicos interno e externo as publicações, no sentido da democratização do conhecimento, podendo essa veiculação ser capitaneada pelo professores e pelos autores, principalmente; c) cumpre-se assim o conceito de conhecimento aberto.

PROJETO O MELHOR DE MIM LÍNGUA PORTUGUESA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA

Caio Felipe Pascoal dos Santos (Universidade de Taubaté)

Ruan da Silva (Universidade de Taubaté)

Gisele Maria Souza Barachati (Universidade de Taubaté)

Maria do Carmo Souza de Almeida (Universidade de Taubaté)

Emari Andrade (Universidade de Taubaté)

Luzimar Goulart Gouvêa (Universidade de Taubaté)

Resumo

O Projeto O melhor de mim – Língua Portuguesa – é fruto da preocupação da Universidade de Taubaté com a formação de seus alunos e com o desempenho deles no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade). Uma de suas frentes de trabalho foi, desde abril de 2023, formar estudantes de Letras para a correção dos textos escritos por ocasião do Simulado do Enade preparado pela Unitau. Este trabalho se justifica por elucidar o processo vivido por um grupo de estudantes de Letras, o Grupo de Estudos de Língua Portuguesa (GELP), processo que se caracteriza por se configurar um modelo de trabalho que fornece subsídios de natureza teórica e prática acerca do trabalho docente. O objetivo deste trabalho é relatar as experiências formativas desses estudantes, as quais envolveram diferentes atividades: 1) estudo de critérios linguístico-discursivos que compõem um texto; 2) leitura e análise de textos dissertativos; 3) estudo de diferentes grades de correção de textos; 4) correções de textos de alunos de ensino médio, a partir de diferentes grades; 5) elaboração de uma grade compatível com o simulado feito pela Unitau e, por fim, 6) correção de XX textos de enadistas da Unitau, a qual foi acompanhada comentários e de sugestões. A metodologia empregada se caracteriza pela conversa dialogada entre alunos e professores, pela consulta a autores via pesquisa bibliográfica. O embasamento teórico ancorou-se em autores como Garcia (2000), Possenti (2000) e Jesus (2007). Como conclusão, o trabalho desenvolvido com o GELP permitiu aos estudantes criarem uma nova perspectiva sobre a correção de textos, bem como ter preparado para a carreira docente, abrindo um leque geral sobre a correção.

Palavras-chave: Enade, Correção de textos, Formação Universitária, Aprendizagem Ativa.

Introdução

O Projeto O melhor de mim – Língua Portuguesa – é fruto da preocupação da Universidade de Taubaté com a formação de seus alunos e com o desempenho deles no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade).

Uma de suas frentes de trabalho foi, desde abril de 2023, formar estudantes de Letras para a correção dos textos escritos por ocasião do Simulado do Enade preparado pela Unitau.

Portanto, o tema deste trabalho é um relato de experiência de formação para a docência.

Este trabalho se justifica por elucidar o processo vivido por um grupo de estudantes de Letras, processo que se caracteriza por se configurar um modelo de trabalho que fornece subsídios de natureza teórica e prática acerca do trabalho docente.

O objetivo deste trabalho é relatar as experiências formativas desses estudantes, as quais envolveram diferentes atividades: 1) estudo de critérios linguístico-discursivos que compõem um texto; 2) leitura e análise de textos dissertativos; 3) estudo de diferentes grades de correção de textos; 4) correções de textos de alunos de ensino médio, a partir de diferentes grades; 5) elaboração de uma grade compatível com o simulado feito pela Unitau e, por fim, 6) correção de XX textos de enadistas da Unitau, a qual foi acompanhada comentários e de sugestões.

A metodologia empregada se caracteriza pela conversa dialogada entre alunos e professores, pela consulta a autores via pesquisa bibliográfica.

O embasamento teórico ancorou-se em autores como Garcia (2000), Possenti (2000) e Jesus (2007).

Na sequência, este trabalho irá relatar as experiências formativas desses estudantes, as quais envolveram diferentes atividades.

Estudo de critérios linguístico-discursivos que compõem um texto

Para que o trabalho de correção de textos tivesse início, foi necessário, antes, a realização de um estudo aprofundado sobre os critérios linguístico-discursivos que compõem um texto. O estudo foi dirigido pelos professores responsáveis pelo Grupo de Estudo de Língua Portuguesa (GELP) e prosseguido de maneira coletiva pelos estudantes. Foram realizadas pesquisas bibliográficas principalmente com a obra

“Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar”, do filólogo Othon Moacyr Garcia. A estrutura sintática da frase e parágrafo-padrão foram alguns dos pontos, em especial, em que os estudantes do GELP se aprofundaram e usaram, posteriormente, para ler e discutir redações. Esses estudos foram essenciais para um melhor desempenho e aproveitamento nas correções.

Leitura e análise de textos dissertativos

Após o processo de estudo e aprofundamento teórico, os estudantes fizeram um exercício de leitura. A tarefa consistia em escolher redações ou fragmentos de artigos, ler e fazer a análise, identificando os aspectos linguístico-discursivos dos textos. De maneira geral, a atividade diz respeito a uma ordem necessária ao processo de aprendizagem, teoria e prática.

Estudo de diferentes grades de correção de textos

Para que, enfim, fossem iniciados os trabalhos com a correção, foi indispensável que se realizasse o estudo de diferentes grades de correção de textos. O trabalho de pesquisar, comparar e colocar em prática as grades foi realizado por todos os alunos, o que mais tarde daria sustentação para a criação, em conjunto, de uma própria grade de correção. Como resultado, os alunos do GELP chegaram a um acordo e ficou estabelecido o uso das grades de correção do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e uma grade antiga adaptada da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) para correção dos futuros trabalhos que os estudantes teriam.

Correções de textos de alunos de ensino médio, a partir de diferentes grades

Como forma de exercício, os bolsistas do GELP leram, analisaram e corrigiram textos feitos por alunos formandos de uma escola pública do ensino médio de Tremembé. Foram utilizadas duas grades de correção para a análise desses textos, as grades de correção do ENEM e da Unicamp. Dessa forma, os bolsistas conseguiram ter um primeiro contato com toda esta prática de correção e de análise de textos dissertativos.

Elaboração de uma grade compatível com o simulado feito pela Unitau

E, por fim, após os bolsistas se acostumarem a corrigir e a analisar textos com base nas grades da Unicamp e do ENEM, eles avançaram para uma outra parte do processo, que foi demorada e difícil para os bolsistas do GELP, do projeto O melhor de mim. Essa outra parte foi a elaboração de uma grade compatível com o simulado feito pela Unitau, que visava dar reforço suplementar aos alunos que terão de realizar a prova do ENADE ao fim do ano. Para a elaboração dessa grade, os bolsistas utilizaram dos diferentes conhecimentos já obtidos com os trabalhos efetuados anteriormente no projeto e estudos feitos em cima do texto “Relatório síntese de área” disponibilizado pelo INEP.

A montagem da grade de avaliação tornou-se dificultosa, porque os bolsistas demoraram para conseguir fazer equivaler os critérios referentes a tópicos linguísticos e ao tema da proposta da questão, mas, depois de um reflexivo e árduo trabalho, os bolsistas, com a ajuda dos professores do projeto, conseguiram, finalmente, desenvolver uma grade própria que fosse compatível ao simulado proposto pela UNITAU e, dessa forma, puderam avançar para a próxima e maior parte do processo.

Correção de 400 textos de enadistas da Unitau, que foi acompanhada de comentários e de sugestões

Com a grade de correção estabelecida, os bolsistas gelpianos receberam um acesso de docente no Espaço Virtual de Aprendizagem, que é o meio pelo qual foram feitos todos os simulados promovidos pela Unitau. Com o acesso recebido, os bolsistas efetuaram as análises dos textos feitos pelos alunos de onze cursos da Universidade de Taubaté, contabilizando aproximadamente 400 textos.

Esse processo de correção dos simulados começou de uma forma coletiva (pois os bolsistas precisavam afinar os critérios presentes na grade, para que, assim, não houvesse discrepância de notas entre os bolsistas) e devagar (porque eles ainda não tinham costume e facilidade com o uso dessa grade de correção). Com o decorrer do tempo e um constante uso da nova grade de correção, o processo tornou-se rápido e individual, já que os bolsistas conseguiam confiar na correção de seus colegas, uma vez que os critérios das grades já estavam em fase de internalização. O amadurecimento

dos bolsistas durante todos esses processos foi notório e gratificante, já que todos trabalharam arduamente para ultrapassar suas dificuldades.

Resultados e discussão

Com a conclusão do “Projeto O Melhor de Mim Língua Portuguesa” foi feito um relato de experiência de formação para a docência, em que se pode ver que os estudantes do GELP foram capazes de aprimorar conceitos, revisar e reavaliar as formas enraizadas e mecânicas com as quais olhavam a correção textual e, principalmente, puderam adquirir a visão das práxis da correção e da avaliação de textos, baseadas tanto nos referenciais teóricos de Garcia (2000), Possenti (2000) e Jesus (2007), como nas vivências e experiências de tantos anos dos professores à frente do Grupo de Estudos de Língua Portuguesa.

O grupo pôde alterar um olhar inicialmente superficial sobre o tópico, para uma abordagem que abraça o olhar crítico bem como a leitura de mundo crítica. As leituras e a elaboração das grades (aprimoradas até sua versão final com o passar dos meses) contribuíram e serviram como ponto de apoio para cada uma das atividades exercidas pelos membros do GELP e foi crucial como base para cada uma das avaliações das redações dos alunos enadistas da UnitaU.

O significado e a relevância prática e teórica para a docência dos alunos de Letras e futuros corretores de textos, são fundamentais e de cunho ímpar no aprendizado. Essas tantas contribuições reforçam a premissa dos estudos, da produção textual e da leitura assídua, assim como estimulam a busca por aprimoramento dos estudantes e trazem consigo uma boa amostra de como funcionam as correções e avaliações textuais de provas e exames nacionais diversos.

Vale ressaltar o quão significativo é a possibilidade de ter contato com esses textos e a pluralidade de produções que cada uma das redações carrega, somadas à área de cada curso (biociências e exatas, no caso do simulado do Enade 2023). Realizados os processos, cada etapa provou-se de suma importância para a culminância da obtenção dos conhecimentos acerca da elaboração de grades de correção, de revisão, de correção e de análise de produções textuais e subsídios para a docência, adquiridos durante o trabalho feito ao longo dos meses.

Considerações finais

Dessa forma, conclui-se que o trabalho executado pelos bolsistas do GELP no projeto O melhor de mim trouxe uma nova perspectiva de como a correção de textos pode ser trabalhada, já que eles começaram os estudos no projeto tendo ideias simplórias e subjetivas do ato de corrigir textos. Essa mudança de perspectiva é primordial para que, futuramente, os bolsistas consigam trabalhar no ramo de correções de vestibulares e textos externos, e esse trabalho executado ajudará em toda a futura carreira docente dos agora bolsistas e futuros professores, fazendo assim abrir-se um leque geral sobre a correção textual.

Referências

- GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- JESUS, Waldívia Maria de. *A organização do texto expositivo-argumentativo na perspectiva da educação linguística*. (dissertação de mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

OCORRÊNCIAS NA PRODUÇÃO DE TEXTOS EXPOSITIVOS E EXPOSITIVOS ARGUMENTATIVOS: CUIDADOS NA LEITURA

André Fernandes Buzzetti (Universidade de Taubaté)

Eduardo de Souza Meirelles (Universidade de Taubaté)

Victória Maria Bussi (Universidade de Taubaté)

Isabel Rosângela dos Santos Amaral (Universidade de Taubaté)

Silvia Regina Ferreira Pompeo Araújo (Universidade de Taubaté)

Luzimar Goulart Gouvêa (Universidade de Taubaté)

Resumo

O exercício de correção de textos, ou de revisão, passa por alguns percalços para ter garantida a melhor leitura possível, longe de critérios subjetivos. Por outro lado, temos os produtores dos textos, que os produzem a partir de uma determinada situação, que, aqui, chamaremos de condições de produção dos textos. Assim, são estabelecidos os gêneros discursivos, que, por sua vez, constroem sentidos variados assim como constroem efeitos de sentido. Este relato de experiência tem por tema uma reflexão sobre o ato de revisar e de corrigir textos, a partir de propostas estabelecidas pelo Grupo de Estudos de Linguagem (na verdade, das linguagens) da Universidade de Taubaté, que conta, para isso, com a contribuição de professores e de bolsistas. Este trabalho se justifica por dar a conhecer a alunos e a professores uma reflexão sobre tal atividade. Assim, institui-se como objetivos deste relato: 1) quantificar e classificar os tipos de ocorrência de textos descritivos e descritivos argumentativos no conjunto da produção textual de alunos de 11 cursos de ensino superior da Universidade de Taubaté; 2) identificar as diferenças entre um texto, de fato, argumentativo e outros textos meramente descritivos; 3) analisar a leitura que se pode fazer a partir da distinção dessas diferenças. A metodologia empregada foi a metodologia de cunho quanti e qualitativo, além da reflexão a partir de autores da área, então a metodologia se voltou para a pesquisa bibliográfica. Como resultados, temos, no conjunto, uma produção textual mais calcada nos gêneros discursivos descritivo e argumentativo discursivo, em baixo número. Essas ocorrências nos levam à conclusão de que há uma falta de compreensão dos gêneros discursivos argumentativos e que a leitura dessa produção não pode descurar dessa observação dos gêneros, uma vez que se pretende observar não só o gênero mas também se pretende observar aspectos discursivos importantes na argumentação textual, daí a nomenclatura gêneros.

Palavras-chave: gênero discursivo expositivo. Gênero discursivo expositivo argumentativo. Produção textual de alunos de cursos superiores da Universidade de Taubaté. Cuidados com leitura.

Introdução

O exercício de correção de textos, ou de revisão, passa por alguns percalços para ter garantida a melhor leitura possível, longe de critérios subjetivos. Por outro lado, temos os produtores dos textos, que os produzem a partir de uma determinada situação, que, aqui, chamaremos de condições de produção dos textos.

Dessa forma, são estabelecidos os gêneros discursivos, que, por sua vez, constroem sentidos variados assim como constroem efeitos de sentido.

Este relato de experiência tem por tema uma reflexão sobre o ato de revisar e de corrigir textos, a partir de propostas estabelecidas pelo Grupo de Estudos de Linguagem (na verdade, das linguagens) da Universidade de Taubaté, que conta, para isso, com a contribuição de professores e de bolsistas.

Este trabalho se justifica por dar a conhecer a alunos e a professores uma reflexão sobre tal atividade.

A metodologia empregada foi uma metodologia de cunho quanti e qualitativo, além da reflexão a partir de autores da área, daí que a metodologia se volta para a pesquisa bibliográfica.

Este relato de pesquisa nasceu da vontade de reflexão acerca dessa atividade leitora e de reflexão acerca da produção escrita e gostaríamos de reiterar o afastamento necessário de aspectos subjetivos de correção, tão comuns e empregados, que, na mesma via, deixa distante um exercício de objetividade tão necessário ao ato de ler e de corrigir textos.

Ademais, outras questões compõem essa complexa atividade: o afinamento de critérios adotados pelo grupo leitor/corretor, a assunção de critérios objetivos de leitura e de correção, o tratamento, o mais estreito possível, da materialidade do texto, apagando os desejos de atribuição de sentidos pelo leitor/corretor, uma leitura mais aprofundada dos discursos que circulam pelos textos, além de toda uma gama de autoenganos procurados pelo corretor. Vejamos, a seguir, algumas questões que se interpõem essa atividade.

Quantificação e classificação dos tipos de ocorrência de textos descritivos e descritivos argumentativos no conjunto da produção textual de alunos de 11 cursos de ensino superior da universidade de Taubaté

As composições textuais dos alunos de cursos envolvendo biociências e exatas, ainda que divergentes nas áreas de atuação e de abordagem social, apresentaram similaridades nos tipos de ocorrências textuais. Os textos, de grande parte dos alunos (considerando quase 400 envios submetidos para análise) desviavam da proposta inicial, ou não compreendiam de maneira substancial o gênero discursivo argumentativo requerido. Assim, a partir de tal escopo, os textos dos cursos, fossem eles de biociências (Estética, Nutrição, Enfermagem, Medicina, Odontologia, Fisioterapia e Agronomia) ou de exatas (Engenharias e Arquitetura e Urbanismo), se caracterizavam entre produções textuais que apresentavam desvios ortográficos, parcialidade ou totalidade da escrita com marcas de oralidade, falta ou uso indevido da pontuação e da acentuação gráficas, falhas na estruturação textual e na elaboração das ideias lógicas e argumentativas do texto, entre outros equívocos minuciosos, os quais (não) comprometem o conteúdo e a forma da construção textual. De modo abrangente, as produções textuais dos alunos apresentavam, entre miudezas que destoavam da proposta inicial, desvios que revelam uma baixa ou uma nula compreensão da consigna e de como o texto deveria ser construído, fosse ele expositivo-argumentativo ou discorrido. Levamos e levaremos como embasamento para a análise, para a avaliação e para a correção textual a grade de correção destinada às produções textuais dos alunos da Universidade de Taubaté, composta por três partes, que se completam e envolvem: 1) compreensão da proposta; 2) ortografia, morfossintaxe e vocabulário; 3) estrutura textual, coesão, coerência e pontuação. Assim, as produções textuais são avaliadas e ponderadas à luz dessa base de categorias e de critérios pré-estabelecidos.

Identificação das diferenças entre um texto de fato argumentativo e outros textos meramente descritivos

Textos argumentativos apresentam, em sua composição, um notável desenvolvimento, compreendendo início, desenvolvimento e conclusão das ideias apresentadas, além de elencar a estruturação dos argumentos por ordem de prioridade e pelo raciocínio lógico. Produções como as solicitadas pela prova do simulado Enade

2023 sugerem e esperam uma argumentação expositiva (no caso das biociências), ou um texto discorrido (no caso das exatas), discursado, expondo ideias para as situações e desafios impostos a partir das leituras de textos-base e de conhecimentos prévios acerca do assunto. Novamente, tal qual nas propostas de produção textual, essas divergem em temática: um texto expositivo-argumentativo apresentando como o Estado brasileiro pode atuar na proteção e na preservação da cultura e dos direitos dos Yanomamis no Brasil (biociências) e outro texto que deveria discorrer a respeito dos desafios do uso da Inteligência Artificial no ensino e na pesquisa em universidades (exatas). As diferenças entre textos meramente descritivos e textos argumentativos, quando esmiuçadas, revelam discrepâncias desde a concepção inicial de temática, compreensão da consigna e da interpretação total e completa da produção e elaboração textual que se espera do aluno. Argumentações que introduzem a ambientação e a realidade do campo que será abordado, informações e fatos, sendo eles provenientes dos textos-base ou de conhecimentos prévios, somados a pontos relevantes negativos, pontos positivos e a proposta em si, a resposta aos desafios elencados, ou a conclusão, compõem um texto argumentativo. Em contrapartida, as produções que fogem da proposta, que argumentam precariamente sobre o tema, apresentam ortografia, coesão e coerência rasas ou nulas e/ou que não entregam um texto suficientemente elaborado e argumentado, na maioria dos casos, entram na categoria de textos descritivos. Torna-se importante, em todos os casos, além de assegurar o entendimento do que se pretende com o texto, ou seja, o objetivo final e aquilo que será argumentado e apresentado, a leitura e a releitura da produção, com o intuito de evitar o enquadramento da produção textual em outra categoria, assim destoando da proposta e das instruções primordiais.

Análise da leitura que se pode fazer a partir da distinção dessas diferenças

Podemos perceber diferentes concepções sobre as produções de textos, os tipos de discurso e as interpretações de cada nicho social, levando em consideração a argúcia e o discernimento acerca do subsídio teórico e bagagem cultural que cada estudante tem. Observando e analisando essas ocorrências com sutileza e perspicácia, logo chegaremos a compreender as possíveis razões das divergências na interpretação das propostas e nas instruções para a produção textual de ambas as áreas, as distintas

exatas e biociências do simulado do Enade 2023. Percebemos, com certa constância, as falhas interpretativas caminhando juntamente com erros de coesão e de coerência e fuga do tema. Consideramos, nessa mesma linha de análise, as redundâncias e os equívocos cometidos, sejam erros marcados ou não. É notória a qualidade de uma produção textual que, integralmente, atende as expectativas e segue os comandos que foram declarados no conjunto da proposta. A leitura desses dados expostos se mostra repetitiva no meio de produções textuais. Uma reformulação na maneira como a escrita é abordada e trabalhada precisa andar ao lado de uma base de leituras e da absorção de aprendizados relacionados às competências que envolvem o escrever.

Resultados

Obtivemos produções de texto que corroboravam a ideia da consigna e as especificações iniciais propostas pelo simulado do Enade 2023. Contudo, essa percepção se fez presente em baixo número. Assim, grande parte ou o grande montante das produções dos alunos fugia parcial ou totalmente das propostas primordiais. Tal cenário revela uma ampla área a ser estudada, reavaliada e novamente instruída e reforçada. Torna-se necessário um olhar para se adequar os estudantes com base nas exigências e nas expectativas esperadas das produções textuais de avaliações e testes gerais, semelhantes ao simulado do Enade e ao próprio Enade. Textos discursivos confundem-se e mesclam-se, em sentido e interpretação, com textos expositivos-argumentativos da proposta inicial, que seria sua forma adequada.

Conclusão

Existe uma falta de compreensão de gêneros textuais e, principalmente, de textos expositivos-argumentativos. Ao observarmos os textos correspondentes às demandas dos cursos voltados para a área de exatas, percebemos dificuldades na concepção dos textos produzidos, porém em menor quantidade. São relevantes a observação e a análise de tais ocorrências, pois elas implicam diretamente na raiz argumentativa e lógica da produção textual, nos aspectos discursivos do texto e no cumprimento das nomenclaturas que cada gênero textual segue. Prosseguindo, da mesma maneira que a análise e a observação de ocorrências, essa postura é válida e de suma importância para o desenvolvimento do aprendizado o estudo do referencial

teórico, e isso tudo justifica o estudo e o aprofundamento dos saberes para compreendermos a ideia gerada com a nomenclatura respectiva de cada gênero textual.

Referências

JESUS, Waldivia Maria de. A Organização do Texto Expositivo-Argumentativo na Perspectiva da Educação Lingüística. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

GARCIA, Othon M. Comunicação em Prosa Moderna. 19ª Edição. Fundação FGV, 2000.

<https://www.amazon.com.br/Comunica%C3%A7%C3%A3o-Moderna-Cl%C3%A1udia-Amorim-Garcia/dp/8522508313>

Introdução

A doença do cisto pilonidal é uma inflamação crônica da linha média na região sacrococcígea, cuja incidência é de 26 casos por 100 mil habitantes, afetando principalmente adolescentes do sexo masculino, numa proporção aproximada de 4 homens para 1 mulher. Esta doença muitas vezes inicia-se com um episódio agudo de abscesso local.^{1,2} Considerada uma inflamação crônica de cisto de tamanho variável localizado no tecido subcutâneo da região sacrococcígea, geralmente preenchido por pelos, cuja secreção é exteriorizada por um ou mais orifícios.³ Vários fatores individuais são relacionados ao aparecimento do cisto pilonidal, tais como o sexo masculino, idade jovem, pilificação local o excesso de peso e traumatismo local de repetição. 1 RELATO DE CASO Paciente do sexo feminino, 17 anos, solteira, estudante, católica, branca. Paciente relata que o quadro iniciou-se com dor em região sacral, tipo queimação de intensidade 8/10, sem irradiação, associado a drenagem de secreção sero-purulenta. Admitida no ambulatório de cirurgia geral apresentando ao exame físico uma extensa lesão na região sacrococcígea (Figura 1), com orifícios em região sacral tendo a drenagem de secreção sanguinolenta e purulenta, com hiperemia peri-lesional.



Figura 1: Extenso cisto pilonidal sacrococcígeo.

Frente ao quadro clínico apresentado pela paciente, foi iniciado antibioticoterapia e orientado curativos locais diários, enquanto realizava os exames de pré-operatório. Devido à extensa lesão na região sacrococcígea foi realizada uma ampla ressecção da lesão (figura 2 e 3), seguido de curativos diários e de seções de câmara hiperbárica a partir do decimo dia de pós-operatório.



Figura 2 e 3: Plano de ressecção do cisto pilonidal sacrococcígeo.

A cicatrização foi conduzida por segunda intenção (figura 4) com boa reposta local, tendo alcançado a cicatrização completa após cerca de 30 dias.



Foto 4: Etapa da cicatrização por segunda intenção

Discussão

O diagnóstico do cisto pilonidal sacrococcígeo é principalmente clínico, baseado em sinais, sintomas e exame físico. Os pacientes queixam-se de secreção local, umidade glútea, dor intensa ou inchaço na área sacrococcígea.⁴ O tratamento na fase aguda, quando o paciente apresenta um abscesso pilonidal agudo, a excisão e curetagem da pele, determina uma menor taxa de desenvolvimento de seio pilonidal crônico. ^{5,6} O tratamento é essencialmente cirúrgico, verificando-se grande diversidade de técnicas que incluem a remoção do cisto por meio de procedimentos de retalho, e além disso, outras técnicas menos invasivas como a curetagem da cavidade com aplicação de fenol ⁷ ou mesmo a utilização de laser são comumente empregadas. ^{8,9} As técnicas menos invasivas constituem-se como alternativa aos métodos de excisão cirúrgica, apresentando vantagens como menor dor no período pós-operatório, retorno precoce do paciente às suas atividades e menores cicatrizes. ¹⁰ O tratamento endoscópico minimamente invasivo do cisto pilonidal baseia-se no tratamento da fístula anal por vídeo, e para tanto utiliza um fistuloscópio, um obturador, um eletrodo monopolar, escova e fórceps. A técnica é subdividida em duas etapas caracterizadas pela fase do diagnóstico e fase operatória. A diagnóstica destina-se a identificar e caracterizar o cisto bem como identificar cavidades secundárias contendo abscessos. ¹¹ A cirurgia tradicional para a doença pilonidal crônica pode ser dividida em duas categorias: excisão com fechamento primário (incluindo suturas na linha média e fora da linha média e reconstrução com retalhos) e excisão com cicatrização por segunda intenção (cicatrização aberta). No nosso caso, optamos pela cicatrização aberta, que resultou numa boa evolução pós-operatória, com uma adequada cicatrização local.

Referências

1. Milone M, Velotti N, Manigrasso M, Anoldo P, Milone F, De Palma GD. Long-term follow-up for pilonidal sinus surgery: A review of literature with meta analysis. *Surgeon*. 2018; 16: 315-20.
2. Keshvari A, Keramati MR, Fazeli MS, Kazemeini A, Meysamie A, Nouritaromlou MK. Karydakias flap versus excision-only technique in pilonidal disease. *J Surg Res*. 2015; 198: 260-6.
3. Strassmann et al. Tratamento cirúrgico da doença pilonidal: meta-análise dos principais procedimentos adotados mundialmente. *Rev. Col. Bras. Cir*. 2004. Vol. 31 - Nº 4: 257-61.
4. Milone et al, Consensus statement of the Italian society of colorectal surgery (SICCR): management and treatment of pilonidal disease. *Tech Coloproctol*. 2021 Dec;25(12):1269-80. doi: 10.1007/s10151-021-02487-8. Epub 2021 Jun 27. PMID: 34176001; PMCID: PMC8580911.//

5. Eryilmaz et al. [The comparison of incision and drainage with skin excision and curettage in the treatment of acute pilonidal abscess]. *Ulus Travma Acil Cerrahi Derg.* 2003 Apr;9(2):120-3. Turkish. PMID: 12836108 //
6. Milone M, Velotti N, Manigrasso M, Anoldo P, Milone F, De Palma GD. Acompanhamento de longo prazo para cirurgia do seio pilonidal: uma revisão da literatura com meta-análise. *Cirurgião.* 2018; 16 (5):315–20.
- 7 - Calikoglu I, Gulpinar K, Oztuna D, Elhan A, Dogru O, Akyol C, et al. Phenol injection versus excision with open healing in pilonidal disease: a prospective randomized trial. *Dis Colon Rectum* 2017; 60: 161-9.
- 8 - Dragoni F, Moretti S, Cannarozzo G, Campolini P. Treatment of recurrent pilonidal cyst with nd-YAG laser: report of our experience. *J Dermatolog Treat* 2018; 29: 65-7.
- 9 - Pappas A, Christodoulou D. A new minimally invasive treatment of pilonidal sinus disease with the use of a diode laser: a prospective large series of patients. *Colorectal Dis* 2018; 587-91.
- 10 - Mendes CRS, Ferreira LSM, Sapucaia RA, Lima MA. Endoscopic pilonidal sinus treatment (E.P.Si.T): a minimally invasive approach. *J. Coloproctol* 2015; 35: 72-5.
- 11 - Meinero P, Mori L, Gasloli G. Endoscopic pilonidal sinus treatment (EPSiT). *Tech Coloproctol.* 2014; 18: 389-92.

**EX
TEN
SÃO**



UNITAU
Universidade de Taubaté